

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

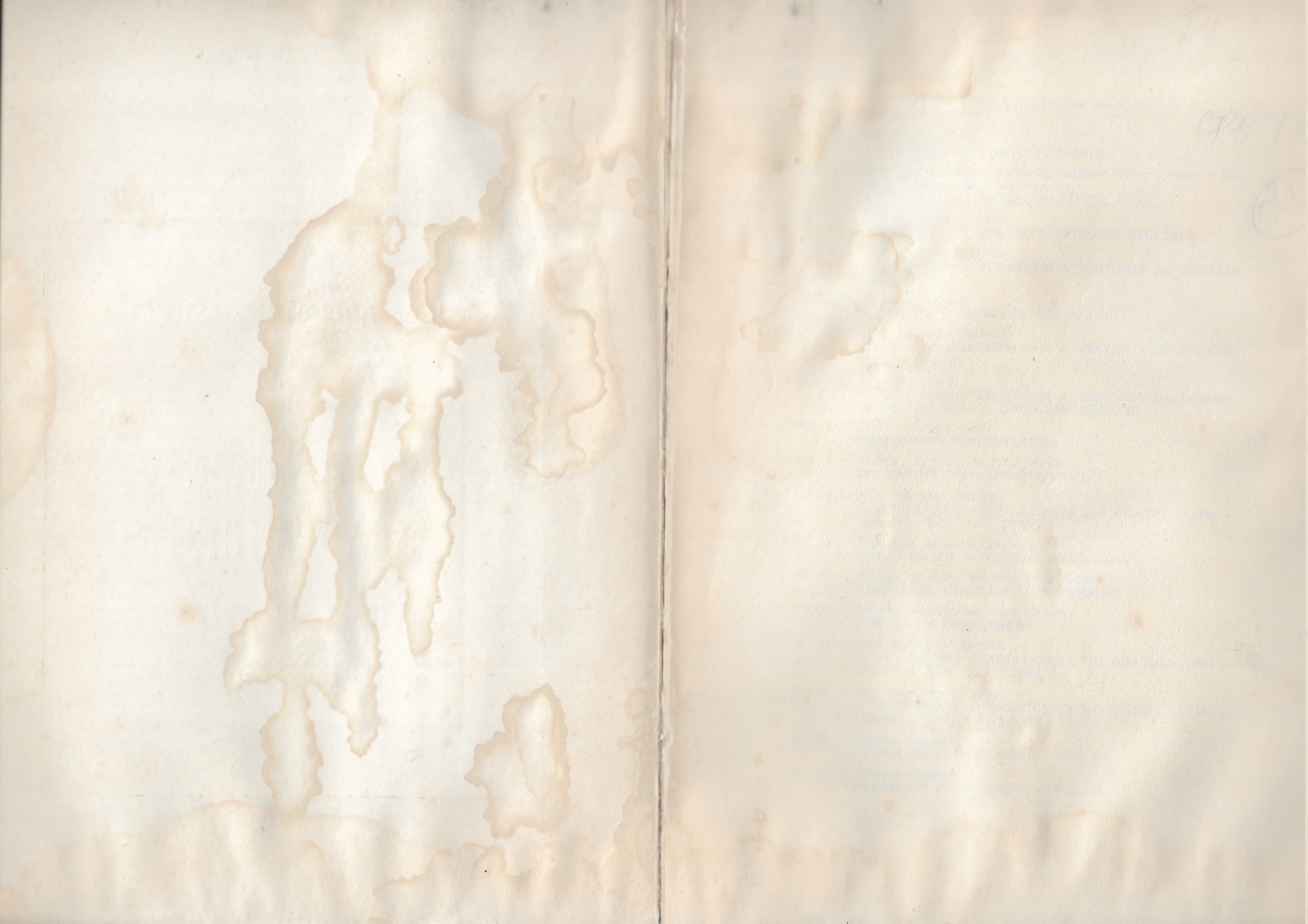
COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641 - 1820/22**

VOL. I TOMO 4

SECRETARIA DA CULTURA  
ESPORTES E TURISMO



CPM, 1

B







VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*  
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*  
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERARIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*  
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*  
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*  
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*  
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*  
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*  
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*  
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*  
FALAM OS ESCRITORES — VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*  
FALAM OS ESCRITORES — VOL. II

Castello, José Aderaldo

O movimento academicista no Brasil;  
1641-1820/22. São Paulo [1969-  
v. (Conselho Estadual de Cultura.  
Comissão de Literatura. Coleção textos  
e documentos, 10,14,15,18

1.Literatura brasileira - Sociedades,  
etc. I.Conselho Estadual de Cultura.  
Comissão de Literatura. II.t III.série



DC-869.9062

**José Aderaldo Castello**

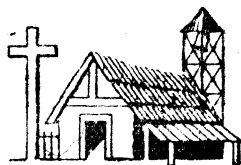
Pesquisa, planejamento e supervisão:  
— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação do texto:  
— ISAAC NICOLAU SALUM  
— YEDDA DIAS LIMA

Auxiliares:  
— CLAUDETTE P. OLIVEIRA ROSA  
— MIRIAM SINISCALCO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO 4



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
SÃO PAULO**

A edição dos inéditos da Academia  
Brasílica dos Esquecidos, compreen-  
dida até o presente tomo, contou  
com a colaboração especial  
do

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
BRASILEIRO DO RIO DE JANEIRO



**ACADEMIA BRASÍLICA  
DOS ESQUECIDOS - 1724**

**CONTINUAÇÃO**

**15.ª CONFERÊNCIA  
DE 26 DE NOVEMBRO**



## Oração que disse o Padre Mestre Frei Luís da Purificação em 26 de novembro de 1724.

Na proteção de um César, que passando mostra do seu valor, no teatro de Marte fêz alarde da sua espada, se erigiu esta tão douta, como illustre Academia, para que passando cada um mostra do seu talento, no teatro de Minerva faça alarde da sua pena. (Senhor, se a obediência tivera Aras, e o afeto fôra sacrificio, bem pudera eu dizer tinha hoje o afeto sacrificado nas aras da obediência; porque suposto que obedecendo em fazer a Vossa Excelência o gôsto fica tão vanglorioso, como desvanecido o meu afeto; contudo se se tomarem os votos ao meu gênio ver-se-á, que com ser esta obediência tanto do meu agrado, tenho nela o mais rigoroso sacrificio: só trago a êste lugar a confiança, que se o Sol tem por excelência o comunicar a sua luz, esta luz, espero eu hoje me comunique como Sol Vossa Excelência).

Na proteção de um César, dizia eu, que passando mostra do seu valor, fêz no teatro de Marte alarde da sua espada, se erigiu esta tão douta, como illustre Academia, para que passando cada um mostra do seu talento, no teatro de Minerva faça alarde da sua pena, sem dúvida para que ao Excelentíssimo Príncipe, que nos governa, lhe venha narrando aquêles tantas vêzes repetido, como illustre axioma — in ultroque Caesar —: tanto na pena, como na espada; na espada pelas admirações, em que pôs em assombros a Ásia, e na pena pelas descrições, em que vai pondo em pasmos a América; mas um herói, que é maior que o mundo todo, não é para admirar o ver-se grande nestas duas partes do mundo. Bem afortunado César, em quem os rasgos da pena correspondem aos golpes da espada, que já não faltou quem dissesse, que também com a espada se apara a pena; porque a pena de Homero foi aparada com a espada de Alexandre Magno.

Na proteção pois dêste Príncipe no valor maior de Alexandre, e na fortuna igual a César, se instituiu, como já disse, esta preclaríssima Academia; e assim como já houve Academia dos Generosos, dos Singulares, e dos Anónimos; a esta lhe deram o título de Academia dos Esquecidos, e com razão, porque

sendo a Bahia a terra dos engenhos, estavam até agora esquecidos os engenhos da Bahia.

Mas aqui entra agora a minha queixa de ser nomeado para esta presidência; porque suposto, que ninguém me leva vantagem em ser esquecido, parece não veio a propósito ser nesta Academia tão lembrado: aqui parece devem ser admitidos da Bahia os mais engenhosos, e eu nem sou dos engenhosos, nem sou da Bahia. Ora o certo é que andando os Senhores Acadêmicos acertados em tudo, só nesta nomeação em tudo desacertaram, por sinal, que nem me acertaram com nome, e devia ser sem dúvida, porque não merece nesta Academia ser nomeado mesmo, que para presidente foi escolhido.

E para que vejam, que a minha queixa não é desestimar a honra, senão conhecer a insuficiência; bem sabem êles, como tão doutos, e discretos, que antigamente o talento era o dinheiro, e hoje quem não tem dinheiro, não tem talento, e sendo eu tão pobre que nem dinheiro posso receber, como hei de ter talento para presidir? Bem sei eu quem agora estará dizendo, de que se queixa êste frade? de o nomearem para a Academia? isso foi um acaso da fortuna; e eu dissera que foi tropêço da desgraça.

Porque se bem repararam os que estavam presentes, sem eu ser dos mais medrosos fiquei tremendo de medo, quando me ouvi nomeado, que como de águia me faltam as asas, quando me sobejam as penas de não ter as asas de águia, como não hei de ter medo, de que me vejam abater os brios, os mesmos, que presumem que eu venho a remontar os vôos. Bem conheço, que esta terra é a terra dos engenhos, mas como há de ter engenho, quem não possui nem sequer um palmo de terra; a terra, e os versos, ambos têm a sua medida, mas como há de medir os versos nesta discreta academia quem nunca fêz um verso nem sequer para os gastos de casa. Isto é o mesmo que sendo cego querer julgar de côres, ou alegar por testemunha de vista a Pascoal o cego.

Bem desejava eu para satisfazer a expectação de alguns, mostrar o apurado da ciência no aparado da pena; porém nos meus anos as flôres da eloquência, quando não estejam de todo sêcas, já estão de todo murchas; que porisso diria o discreto Praciano — el juicio también niñea — também tem suas meninices o juízo; e mal posso eu tornar atrás nas meninices do entendimento; quando estou já tão adiantado, que penteio na cabeça êste desengano; pelo que suposto me vejam na cabeça esta prata, porisso mesmo não devem esperar que lance bocados de ouro pela bôca, verdade seja que penteio brancas como velho, mas não possuo placas como Franciscano.

Lembra-me agora, que diria um discreto, que se houvesse uma venda de entendimentos, ninguém o havia comprar, (sic) porque todos presumem que têm entendimento para vender: ora eu como não sou tão presumido comprara o meu bocado de entendimento, sequer para fazer a êstes Senhores o gosto, mas havia de ser se me não custasse pecúnia, nem dinheiro; porque me manda a minha regra que não tenha nem dinheiro, nem pecúnia: entou logo muito bem aviado, achando-me sem placa para esta presidência.

Por isso eu dizia, que tinha por tropeços da desgraça antes mesmo da fortuna: se eu estava quieto, e desta presidência bem encaixado, que motivo tiveram os Senhores Acadêmicos para me lembrarem dêste pobre Franciscano? Não era melhor, que me deixassem remendar o meu hábito na minha pobre cela, do que chamarem-me agora para servir de remendo nesta ilustre Academia? Mas enfim se assim o querem, assim o tenham — sibi imputabunt.

Isto foi o que eu disse logo quando me nomearam, porque os desacertos do eleito redundam em desdouro dos eleitores, e não é pequeno desdouro para os Senhores Acadêmicos, sendo todos ou como as estrélas luzidos, ou ilustres como as estrélas, podendo escolher para lhe presidir um Sol vestido de claras luzes; escolherem para seu presidente um frade coberto destas pardas sombras.

Apostarei eu que estão dizendo agora, que tendo já falado tanto, ainda não tenho dito nada, mas aí verão qual é o meu pouco préstimo, pois não digo nada, inda quando falo tanto. Porém para que se nos não vá o tempo no que já não tem remédio; quero dizer agora qual há de ser o meu assunto.

Bem sei que para esta conferência se deu por assunto a Cipião desterrado, mas êste assunto é para os Poetas, fique pois desterrado para a Poesia; porque outro há de ser o assunto para a Oratória; e qual será? já sabem que não venho aqui mais que a botar o meu remendo; e como não há remendo sem pontos; para intelligência dêstes pontos do meu remendo.

Havemos advertir, que lá diz o Apóstolo S. Paulo, que este mundo é um teatro, onde cada qual representa o papel da sua figura — praeterit enim figura huius mundi — assim também à sua imitação digo eu agora, que esta Academia é um teatro, onde a Clônela vai a representar o seu papel como a mais principal figura; já vestida da gala da eloquência, já adornada com as galas da Retórica; trazendo na cabeça uma coroa, e sustentando com a mão direita uma palma; dando-nos a entender, que esta

preclaríssima Academia, ou a tôdas há de levar a palma, ou sôbre tôdas há de ter a coroa.

Seguem a esta figura da Ciência as Musas do Parnaso coroando a êstes ilustres Acadêmicos por Príncipes da Poesia; e também a segue Apolo coroando aos digníssimos Presidentes por assombros da Oratória, a todos êstes vai acompanhando a fama, já remontando-os nos vôos das suas asas, já nomeando-os nos ecos da sua trombeta, para que sendo em todo o mundo nomeados, fiquem afamados em todo o mundo.

Últimamente acompanham a esta figura da Ciência um velho, que representa ser seu pai, a quem chamam o estudo; e um môço, que parece ser seu filho, a quem chamam o perigo; porque se bem se repara, é a Ciência Mãe do perigo, e Filha do estudo; Filha do estudo, porque o estudo gera a Ciência, como pai, e Mãe do perigo, porque da Ciência nasce o perigo como filho.

Se olhamos para o filho, como êste é o perigo, vemos que a Ciência é muito arriscada; se olhamos para o pai, como êste é o estudo, vemos que a ciência é muito trabalhosa: e qual será mais natural à ciência o ser trabalhosa, ou o ser arriscada? isto é o que eu não sei; porque se o soubera não o perguntara.

Proporei as razões, que me ocorrem por uma, e por outra parte, e êstes dois pontos dêste assunto quase problemático, serão os dois pontos do meu remendo, estimarei muito que vá também serzido, que lhe não descosam os pontos; sendo que quanto a mim melhor me estará, que lhe descosam as linhas, do que me descosam as orelhas.

## § I

Começo já a ir cosendo do meu remendo os pontos, e pela autoridade, que tenho como presidente, dou licença a cada um para que vá descosendo os meus defeitos. Primeiramente, parece que não há coisa mais natural à ciência do que o ser trabalhosa porque se há filhos que se parecem com seus pais, sendo a ciência filha do estudo muito se parece com seu pai no trabalho.

Bem sei eu que a ciência é uma donzela muito formosa, porém o pai se não é feio, ao menos não me podem negar que é carrancudo; daqui vem que não (sic) menino, que não fuja do estudo; sem dúvida, que como o estudo lhe faz má cara tem medo da sua carranca.

Consta das Divinas Letras, que pelo carro de Ezequiel puxava a águia, e mais o boi, e é sem dúvida porque se no boi se significa o trabalho, e na águia o entendimento; nunca o entendimento puxa pelo estudo, que não faça parilha com o trabalho. Coisa é antiga nas escolas existirem-se questões entre as Letras, e as armas; mas se a questão se houvesse resolver pelo trabalho, dissera eu que sendo tão trabalhosas as armas, inda são mais trabalhosas as Letras, e parece-me que não com pouco fundamento, porque as Letras custam as fadigas da alma, e as armas as do corpo; e quem não sabe, que assim como o corpo é inferior à alma, assim são inferiores uma às outras fadigas.

Lá disse o Santo Job, que assim como nasce a ave para o vôo, assim nasce o homem para o trabalho — *homo nascitur ad laborem, sicut avis ad uolandum* —, mas se tomarmos êste trabalho pelo estudo, êste é o trabalho mais penoso, porque assim como não há voar sem asas, não há estudar sem penas. Daqui veio a dizer a Águia dos Doutores Santo Agostinho, que a Cruz era Cadeira; que se ninguém sobe à cadeira sem estudar, ninguém está na Cruz sem padecer.

Bem sei eu que não há neste mundo quem não tenha a sua Cruz desde o rei até o soldado; porque se o soldado tem cruz na sua espada, também o rei tem cruz na sua coroa, porém se todos têm Cruz, o que estuda êsse tem mais cruces que todos: porque nesses livros tudo, quanto encontra são cruces, tudo quanto acha são nomes, e tudo quanto pronuncia são verbos, verbos, em que tudo são modos, que o maltratam, nomes, em que tudo são casos, que o martirizam, e cruces, em que tudo são penas, que o atormentam.

Porisso havendo de vir ao mundo uma das Divinas pessoas, veio o Verbo Divino ao mundo, que como se lhe atribui o entendimento veio ao mundo para padecer, que claro está que só havia vir a padecer crucificado aquêlo, que tem por atributo o ser o mais entendido; daqui se colhe que tão trabalhosa é a ciência, que se faz aos homens entender mais, não os faz padecer menos.

Lá diz aquêlo adágio, inda que adverso intento, aqui muito ao meu propósito — caro custa o que bem sabe — está bem dito, porque o que sabe bem, é porque caro lhe custa. Na opinião do homem mais entendido, que teve o mundo, a sabedoria val mais do que o ouro — *omne aurum in comparatione illius arena est exiqua* —; e claro está que não há de custar pouca sabedoria, que val tanto: entre os metais o ouro pesa mais que todos; e pesando a ciência mais que o ouro, bem se vê, que onde há tanto o pêso não há de ser pouco o custo.



Andam os estudiosos em demanda com os livros, mas ainda quando sai por eles a sentença sempre vem a pagar as custas; é isto em mundo tão antigo, que se começou a experimentar logo no princípio do mundo; comeu Adão da fruta da árvore da ciência, e sem comer mais que um só bocado custou tanto, que a todos custou a vida — morte *mori eris* — terrível fruta, que tinha tal carôço, que inda hoje o temos atravessado na garganta!

Bem sei eu que muitos na sua presunção lhe parece que comem a ciência a bocados; mas isso mesmo lhe custa tanto, que apressam para si a morte com passos mais ligeiros. Entre as suas célebres visões viu o Profeta Zacarias uma foice com asas, e outros dizem, que era livro; todos dizem bem, porque tudo era, era livro, e era foice; que como já disse um discreto, tanto val a morte com a sua foice, como a ciência com o seu livro.

Mas eu com sua licença dissera, que sem dúvida nesta visão nos quis mostrar o Céu, que aquêle que por ciente para escrever no livro aparou melhor as penas, êsse é o que a foice da morte acrescentou mais as asas; pois é certo, que voando para a morte tanto as pombas como as águias; sempre as águias voam mais apressadas do que as pombas.

Oh como é amargosa a ciência por ter um pai tão trabalhoso! bem conheço que a ciência, quando ouvida deleita, mas também experimento, que quando estudada amarga. O certo é que os que estudam, e as abelhas tôdas trabalham (sic); mas com esta diferença suavizam as abelhas o seu trabalho com o mel, porém os que estudam encontram o fel no seu trabalho: se neste mundo se plantara outra árvore da ciência não duvidara dizer com Aristóteles, que se tivesse doces as frutas não havia deixar de ter as raízes amargas.

E porque dêste pensamento a prova não fique a cortesia de quem ouve (inda que pareça mais pregador, do que acadêmico) quero que ouçam a prova dêste pensamento. No Apocalipse apareceu ao Evangelista São João um Anjo, e dando-lhe um livro, disse-lhe que fôsse estudar por êle — *accipe librum, et deuora illum* — no sentido do Cardeal Hugo — *deuorare* — val o mesmo que — *studere* — recebeu o Evangelista o livro, e tanto que estudou por êle, confessa que lhe fizera tão mau estômago, que lhe ficara muito amargoso — *et cum accipissem librum, et deuorassem illum acicatus est uenter meus.*

E quando a uma águia, qual é o Evangelista, o estudar por um só livro lhe amargou tanto, e lhe fêz tão mau estômago; como não fará mau estômago, e amargará muito a quem não é

água o estudar por muitos livros? o certo é que nesta matéria só pode votar a experiência; só quem o experimenta conhece o quanto isto amarga. Vem, Senhores, esta oração de remendo, que não presta para nada; pois só Deus sabe o quanto me custou a fazê-la.

Fabularam os Antigos, que Minerva nascera da Cabeça de Júpiter, porque a ciência é parto do entendimento e não há parto, que não seja custoso (perdoem-me o rasteiro da frase) aí não há parir sem doer, e se alguém disser que lhe não custa (pelo respeito, que devo a tão ilustre Congresso) não digo que é mentira, mas não posso deixar de dizer, que será milagre. Porque bem sabem todos, que para o engenho fazer diamantes no açúcar da sua saíra, trabalha andando em uma roda-viva a sua moenda.

E porque a esta verdade lhe não faltem testemunhas a mesma Oratória, e Poesia podem ser as mais qualificadas testemunhas desta verdade. Vejam o que custa a um poeta, uerbi gratia se lhe deram um assunto lírico para que nas cópias de um romance faça um retrato a uma dama; não há Musa no Parnaso a quem não desinquiete, nem Apolo a quem não invoque; ou para que este lhe empreste a sua lira para que saia tão lírico o romance, como pede o assunto, ou para que aquelas influam de tal sorte no seu canto, que não venha a topar em algum tropeço com que saia o romance de pé quebrado.

E depois deste trabalho todo para fazer o seu retrato, lá se põe na quarta Esfera; e tira dos raios do Sol para lhe dourar os cabelos, sobe mais de ponto; e planta-se no sete-estrêlo, e desençaixa duas estrêlas para lhe encaixar os olhos sendo talvez bem espinhado não repara em se meter por entre os espinhos, e vai a colhêr duas rosas para lhe corar as faces; começa a desfolhar boninas, e de um cravo partido lhe forma a bôca; e porque inda aqui não para o seu trabalho, para lhe compor os dentes não repara em ir buscar as pérolas ao mar, inda que vá de mergulho.

Mete-se mais pela terra dentro, e arranca um pedaço de cristal para lhe burnir o pescoço; últimamente pega em dois pedaços de neve, e encaixando em cada um cinco canudos de prata, assim lhe fabrica as mãos. Ora vem todo este trabalho; pois o ser depois disso murmurado esse é o trabalho todo; porque não falta quem diga que isto é uma bem trabalhada quimera, ou uma formosa patarata; porque quando este poeta andou no ar imaginando estes conceitos, logo se suspeitou que haviam ser fundados no ar, ou pelo que têm de aéreos, ou pelo que têm de imaginários. Ora andai-vos lá cansando com todo este trabalho,

e o prêmio, que alcançais no fim é dizerem-vos por ironia, que entá mui bem trabalhado.

E se êste é o trabalho da Poesia, não é menos o trabalho da Oratória; trabalha o Orador em inventar o Assunto com habilidade, dividi-lo com clareza, prová-lo com energia, poli-lo com retórica, orná-lo com eloquência, estudá-lo com aplicação; e representá-lo com graça. Para isto não houve Túlio a quem não consultasse para os tropos, Demóstenes, a quem não lesse para as figuras, Tácito, a quem não revolvesse para as políticas, e Sêneca, a quem não estudasse para as sentenças.

E depois de todo êsse trabalho o ser murmurado êsse é o trabalho todo; porque por mais que as suas palavras venham estiladas pelo alambique da eloquência, não falta quem murmure que estão muito longe de serem a quinta essência da retórica; porque se o estilo é claro dizem que é humilde; se levantado, dizem que é escuro; se fluido, dizem que é lânguido; se harmônico, dizem que é afetado; e abrigadamente por mais bem atados, que venham os conceitos, dizem que o Orador nem ata, nem desata.

Pois se o Orador foi alguma coisa difuso, que nem sempre se pode ser lacônico, inda aí é maior o trabalho, porque inda aquêles, que tinham mais razão de aplicar os ouvidos começam a fechar os olhos, porque eu não sei se li, ou se ouvi, que havia um certo, que sem licença de Galeno para escapar dos perigos do Ópio, receitava ouvir sermões para chamar o sono: ora sêde lá juiz com tais mordomos, o Orador a gritar, e o auditório a dormir? Por tôdas estas razões, e as mais que calo, por não ser enfadonho, me parece, que é muito natural a ciência o ser trabalhosa, como filha de seu pai, que é o estudo, em que tudo é trabalho.

## § II.

Porém olhando agora para o perigo, que é seu filho, me parece, que não é menos natural à ciência o ser perigosa; mas antes como mãe de tal filho me parece a mais arriscada, e para que vejam se tenho razão, ouçam as razões, que tenho.

Bem pudera eu agora dizer com o Apóstolo São Paulo para prova desta verdade, que a ciência faz inchar — *scientia inflat* — e sendo nesta terra tão perigosa a hidropisia, um homem que de ciência anda muito inchado, claro está que não há de andar pouco perigoso; mas eu não quero ir por aqui, assim por-

que com um frade humilde não diz bem um assunto tão inchado, como também porque não quero entristecer êste preclaríssimo congresso com êste tão triste assunto.

Outras razões trago, que se não mais verdadeiras, não me parecem menos naturais para prova do pensamento. Digo pois, que não há no mundo homem entendido, a quem não acompanhe o perigo de ser desgraçado. Bem conheço, que ter bom entendimento é benefício da natureza, porém é benefício com pensão, porque tanto que há algum, que exceda aos outros em ter melhor inteligência é sempre com a pensão de pagar algum tributo à desgraça.

Leiam-se as Histórias antigas, e achar-se-á, que se pesam em igual balança os talentos, e os infortúnios; sempre para um Sêneca houve um tirano, e para um Ovídio um desterro, sem mais culpa, que ser êste bom Poeta, e aquêle grande Filósofo; e como se a ciência fôsse crime a um cortaram-lhe a cabeça a outro degradaram-no da Pátria. Aquela sutileza, e habilidade, a que os Gregos chamam *sinderexi*, e os Latinos *acumem*; cá em o nosso idioma chamamos-lhe engenho; e valendo-me agora dêste equívoco, qual é o engenho, que não tenha a sua moenda? e é sem dúvida para que entendamos, que são pela desgraça os mais moídos, os que se estimam mais engenhosos.

Fui eu reparar, que no último dia do mundo hão de cair as estrêlas — *stellae de Caelo cadent* — e parece-me, não está mal fundado o meu reparo, porque se estas estrêlas em todo o tempo se hão de conservar, por que razão no último dia hão de cair? e venho-me a resolver que é sem dúvida, porque êsse dia é o dia do juízo, e como na estrêla se significa a boa fortuna, assim como não há entendimento com fortuna, não há juízo com estrêla: em todos os dias como o mundo é louco sempre conserva as estrêlas, porque tem fortuna; o último dia, como é o seu dia do juízo para que nos conste, que lhe falta a fortuna, caem-lhe as estrêlas — *stellae de Caelo cadent* —.

Por isso quando a Águia dos Evangelistas se lhe representou no Céu aquela mulher, que tinha na cabeça coroa de estrêlas — *in capite eius corona stellarum* — logo todo admirado rompeu dizendo que era milagre — *signum magnum aparuit in Caelo* — e se ver no Céu uma cabeça com estrêla é milagre, que milagre não será ver na terra uma cabeça com fortuna?

Aos entendimentos mais eloqüentes ordinariamente lhe chamam floridos, e fazem bem, porque assim são os entendimentos como as flôres; das flôres disse o sábio que o tempo do aparecer era o tempo de as cortar — *flores aparuerunt, tempus*

*putationis aduenit* — e assim são os entendimentos, tanto que aparecem mais floridos, logo até a desgraça de serem cortados.

Pinta-se a gloriosa Santa Catarina com uma roda de navalhas, bem sei que é para significar o seu martírio; mas por que havia ser o seu martírio em uma roda de navalhas? ora bem sei, que foi cruel o tormento, porém parece que veio a propósito o martírio; como Santa Catarina não só foi das Virgens prudentes, mas entre tôdas a mais entendida; essa é a desgraça dos mais entendidos encontrarem com uma roda de navalhas, em que são martirizados; oh quantas vêzes as rodas dos que conversam são navalhas, que os cortam! desgraçadas são as flôres do entendimento, quando livram de que os brutos aspirem, não escapam de que os Aristarcos as cortem.

Neste miserável mundo melhor é ser Margites que Salomão, porque se tudo o que é no mundo avultar é arriscado, o avultar com a cabeça é mais arriscado que tudo. Quando Davi foi a pendenciar com aquêlê gigante, depois deposto na estaca, e medir-lhe o vulto da estrutura, tirando do seu surrão uma pedra, e despedindo-a da funda, diz o texto, que logo lha pregou bem no meio da testa — *fixit lapidem in fronte eius* — e não contente com isto deu mais quatro passos adiante, e tirando-lhe da sua própria espada, com ela lhe cortou a cabeça — *et praecidit caput eius* —.

Desgraçada cabeça, e desgraçada testa! pois logo na testa há de empregar esta pedra o tiro? logo sôbre a cabeça há de descarregar esta espada o golpe? mas aí se verá, que coisa é avultar no mundo com a cabeça, ou com a testa: grande vulto faria o gigante com o corpo, porque consta da Escritura, que tinha seis covados, e um palmo de alto; mas quem aqui correu o perigo não foi o corpo com avultar tanto, foi a testa, e a cabeça, que como eram de gigante, era grande cabeça, e grande testa, e esta é a desgraça de quem tem uma boa testa, esta é a desgraça de quem tem uma grande cabeça.

Por isso certo pintor da antigüidade, que me não lembra quem é, pintou o Sol rodeado de cometas, discreta pintura por certo, porque o Sol corresponde ao entendimento, porque assim é no mundo racional o entendimento, como é no mundo material o Sol; e assim como do Sol fogem as estrêlas, que são os geroglíficos da fortuna, assim como ao Sol rodeiam os cometas, que são os prognósticos da desgraça; assim nos quis dar a entender êste discreto pintor, que não há entendimento, que não ande rodeado de desgraças, e de quem não fujam as fortunas.

E se querem saber de que isto procede? eu entendo que procede sem dúvida de haverem no mundo homens, que têm o

achaque das corujas, dão-se melhor com as trevas que com as luzes; a luz da ciência não a podem ver dos olhos, e as trevas da ignorância fazem-lhe muitos carinhos; é tão verdadeira esta queixa, que nasce da bôca da mesma verdade — *dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.*

Mas, quando não queiram esta pela minha razão, ouçam o que dizia o melhor engenho, que de Lisboa se plantou no Brasil o século passado: diz pois êste Sol dos engenhos, que há no mundo uns homens, que com a luz se cegam, e outros, que com a luz se queimam; tanto que os homens se queimam, tanto que os homens se cegam, como não há de ser desgraçada a luz entre tais homens?

Lá refere a antiguidade, que os moradores do Monte Atlante duas vêzes no dia amaldiçoam o Sol, a primeira vez pela manhã, quando nasce, e a segunda vez à tarde quando se põe; e que agravo faz o Sol a êstes homens para o amaldiçoarem? Ora vejam o Sol não lhe faz nenhum agravo.

Porém, como êste monte é muito alto ficam êstes homens do Sol mais perto; e como estão ao Sol mais vizinhos, uns, se queimam, e outros se cegam; e como êstes homens se cegam, e como êstes homens se queimam até o Sol é o seu maldito, até o Sol é o seu amaldiçoado: ora sêde lá Sol com tais moradores, e experimentareis que o que tendes de luzido; isto tendes de desgraçado: sereis águias no entendimento, porém se remontares as asas, ou aparares as penas, não há de faltar, quem vos multiplique as penas, ou quem vos corte as asas.

E por que não fique esta verdade sem exemplo, nesta mesma Academia temos o exemplo desta verdade. Não posso negar, Senhores Acadêmicos, que nesta ilustre, como douta Academia, têm voado muitas águias no heróico dos Epigramas, no elevado dos Sonetos, no elegante das Canções, no sério das décimas, no jocoso das silvas, e também no engraçado dos romances.

Porém, meus Senhores, tôdas estas borboletas de papel não lhe hão de trazer outras boas novas, se não de que ou foram parar no fogo da censura, em que muitos se queimam, ou no fumo da inveja, com que todos se cegam, e que maior desgraça para a ciência?

Um dos maiores entendimentos, que admirou o mundo foi Aquitofel, e porque Absalão não aceitou um seu conselho, ou fêz pouco caso do seu voto; refere o sagrado texto, que se foi enforcar — *suspensio interiit* — e esta é a desgraça da ciência no mundo, ou como Aquitofel vem a parar em uma fôrca, ou como borboleta vai a parar em uma chama.

Tenho proposto o meu não sei se acadêmico, ou se predicativo Problema; mas cada um fala conforme o que professa; a minha profissão não é exercitar-me nas políticas de Tácito, nem nas histórias de Tito Lívio, nem nas guerras de Salústio; e muito menos nas poesias de Homero, fábulas de Vergílio, e epigramas de Marcial.

É sim a minha profissão aplicar-me às Divinas Letras lendo as Escrituras Sagradas, e os Santos Padres quem me assim não quiser, mais obrigado lhe ficarei, se me excluir.

Parece-me que as razões, que propus por uma, e por outra parte são muito iguais no péso na balança de qualquer entendimento: porque o mesmo parentesco, que tem a ciência com seu pai, que é o estudo, tem com seu filho, que é o perigo; e assim me parece, que é igualmente pelo filho arriscada, assim como é pelo pai trabalhosa.

Apostarei eu agora, que haverá alguém neste Sapientíssimo Congresso que ex ui do que tenho dito, imagine, que eu venho a persuadir, que se fuja da ciência, assim para evitar o perigo, como para livrar do trabalho: se a Academia fôra outra, assim o fizera; porém na Academia dos Esquecidos, em que César é o Mecenas, e Protetor, não o devo fazer assim, mas antes venho a persuadir a todos, que sigam à ciência; porque nesta preclaríssima Academia, nem pode ser arriscada, nem é trabalhosa; não é trabalhosa, porque fazendo o gôsto a César, todo o trabalho se transforma em gôsto, nem é arriscada, porque em César tudo é ventura.

Que claro está que não há de faltar estrêla, onde César é o Sol, cujos resplendores por transcenderem as esferas da admiração, assim como não cabem nos limites da intelligência, não é bem se fiem das palavras da Língua, como já parece quis dizer o Filósofo, quando disse — *Magnum non est laus, sed admiratio*.

Fazem menção os fabulistas de uma Deusa; a quem chamavam a Deusa Tácita, que val o mesmo que Deusa muda, e como esta matéria, em que estamos, só no silêncio, com que se cala tem a retórica, com que se explica; ceda aqui a Deusa Minerva à Deusa Tácita; e o que havia de ser eloquente panegírico, seja um discreto silêncio.

Parece, que não falta aqui mais que o *finis laus Deo* — o qual neste meu remendo é bem que seja da côr do meu hábito, e conforme a Religião, que professo. Senhores Acadêmicos, pela assistência que tenho feito nesta ilustre Academia, não sou tão tonto, que não conheça, que existe nela a ciência muito à cara



descoberta, e a maior discrição sem carranca, mas lembra-me agora uma copla, que estimara muito que a levassem, se não no coração impresso, ao menos na memória esculpida

Nem mostrou na sua morte,  
que foi a vida discreta;  
porque em saber bem morrer  
tôda a discrição se encerra.

É assim, meus Senhores, se já disse um César Soberano, e Católico, que o saber morrer era a maior façanha; não me hão de notar que diga eu agora também diante de outro César igualmente Católico, e não menos Soberano, que o saber salvar é a maior ciência.

Certo é, meus Senhores, que o Céu não se fêz para néscios, para entendidos se fêz o Céu. Aquelas dez Virgens do Evangelho, que cinco eram entendidas, e cinco néscias; as néscias ficaram de fora — *clausa est ianua* — as entendidas tiveram no Céu a entrada — *intrauerunt cum eo ad nuptias*.

Procurém pois, meus Senhores, primeiro que tudo, como tão discretos, e entendidos terem no Céu esta gloriosa entrada, servindo a Deus, e depois disto continuarem nesta ilustre Academia fazendo o gôsto a César; para que no rosto destas obras acadêmicas se possa gravar êste epígrafe Evangélico

*Hic redditur, quod est Caesaris Caesari;  
Et quod est Dei, Deo.*

Conferência de 26 de novembro

Ao Presidente

Foi nela Presidente o Reverendo Padre  
Mestre Frei Luís da Purificação  
Franciscano, e, lente jubilado

Ao muito Reverendo Presidente.

### DÉCIMAS

Esta aula, em que Apolo inspira  
Por querer nela exaltar-se,  
Quando vê purificar-se  
Mais alegre então respira.

Como sempre ansiosa aspira  
 Ao puro da perfeição,  
 Que se agrada com razão  
 Dêste Presidente, diz,  
 Pois no mestre Frei Luís  
 Acha a Purificação.

Grande glória nos resulta  
 De que em tão douto papel  
 O grosseiro de um burel  
 Tais delgadezas oculta.  
 Em ricas coisas avulta  
 A sua rara agudeza  
 E o que admiro em tal emprêsa  
 É uma coisa que implica,  
 Pois vemos obra tão rica  
 Num professo da pobreza.

Qual Crisóstomo falou  
 (Diz êste congresso todo)  
 E quem falou dêste modo  
 Bocados de ouro [lançou].  
 Escândalo nos causou,  
 Pois parece que é desdouro  
 Num capucho o ter tesouro;  
 E quem se preza de pobre,  
 Se não tem na bôlsa um cobre,  
 Para que tem bôca de ouro?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Reverendíssimo Padre Mestre Presidente

### DÉCIMA

Se sois Senhor Presidente  
 no hábito dos menores,  
 neste ato dos maiores,  
 heis de ser forçosamente:  
 pois se fôstes d'artes lente,  
 entre os Mestres mais perfeitos,  
 hoje são também aceitos

vossos discursos, e partes,  
que passais de lente d'artes,  
a ser Mestre de conceitos.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao Muito Reverendo Senhor Presidente.

#### DÉCIMA

É tão rico o vosso engenho,  
que sem moer, em todo o ano,  
nem porisso é franciscano;  
porque se acha sem empenho.  
Hoje com mais desempenho,  
mostrais, em tanta riqueza,  
que não professais pobreza,  
e digo por conclusão,  
que sois na Religião,  
talento que mais pesa.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

Reuerendo admodum Patre Mestre Fratri Ludouico  
Seraphici ordinis, litteris et uirtutibus  
undequaue conspicuo, nunc huius  
Academiae Praesidi dignissimo,

#### EPIGRAMMA

Ingeniose equidem fundis, Ludouice, loquellas,  
Mentis et ingenium gratia docta refert.  
Non, Ludouice, putes me nunc te ludere: ludo  
Non fuit hic uicus, nec Ludouicus eras.

*Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.*

Ao doutíssimo presidente.

## DÉCIMAS

Crêde amigo ingênuamente  
me admiro, que com primor  
um Presidente menor  
fôsse o maior Presidente.  
Nesta Oração excelente  
(que na fama em trompas ande  
Sem que meus ecos abrande)  
vejo sois (se vos condene)  
na humildade o mais pequeno,  
e na ciência o mais grande.

Os circunstantes pasmados  
estão, de que nesta ação,  
fazendo vós a oração  
êles são os elevados.  
Porém de pouco admirados  
se mostram meu padre assim,  
porque eu supus (quanto a mim)  
sem que me causasse espantos,  
se haviam de elevar tantos  
vendo orar um serafim.

Não quero tenhais por sonho  
meu discreto Franciscano,  
sempre convosco me engano  
sendo mais do que suponho.  
De parte a amizade ponho  
para ser acreditado,  
bem que se mais empenhado  
vossos aplausos repito,  
não pode o que é tão bem dito  
por vós, ser por mim louvado.

Bem receio, que se ofenda  
vossa modéstia meu padre  
quando (ou vos quadre ou não quadre)  
dar-vos louvores pretenda.  
Mas como desta contenda  
não desiste o meu desvêlo,  
da vossa humildade apelo,  
e ou gosteis, ou não gosteis,  
êstes louvores haveis  
de levá-los em capelo.

Admirado na verdade  
de ver os vossos primores,  
saber quisera Senhores  
se Apolo se meteu frade.  
A mim se me persuade  
não há no que digo engano,  
porque vendo estou sem dano  
(mais que me tenham por tolo)  
que ou é Franciscano Apolo  
ou Apolo o Franciscano.

Admirada a fama fica  
vendo que um frade tão pobre,  
sem ter um vintém de cobre  
fizesse Oração tão rica.  
Se ela em seus clarins publica  
não teve nenhuns defeitos,  
vemos com têrmos perfeitos  
que nela por coisas novas  
foram pérolas as provas  
e diamantes os conceitos.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da  
Purificação Presidente da Academia. Alude  
àquela Cadeira de Ouro achada nas Praias de  
Grécia, a qual consultado o oráculo, e  
respondido, se desse ao mais sábio, sendo  
oferecida a cada um dos sete, e de nenhum  
aceita, por se julgarem não merecedores  
daquela honra, foi dedicada no Templo a Apolo.

#### SONETO

Essa de Ouro Cadeira Sublimada  
Do Grego gôlfo pérola marina,  
Essa que do Oráculo a voz divina  
Quer ao mais sábio seja dada:

De Grécia aos Sete vai mandada,  
 Cuja fama no mundo peregrina,  
 Da Cadeira se julga não ser digna,  
 E nas aras de Apolo é dedicada :

Desta dita Luís não sendo isento,  
 Pois Apolo melhor aqui o inflama,  
 Para glória maior, maior portento!

Esta a seu culto dedicar-se chama,  
 Que se foi para Sete tanto acento,  
 É assento só devido a sua fama.

*de Frei Avertano de Santa Maria*  
 seu afetuoso Irmão e Amigo.

Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente  
 Frei Luís da Purificação etc. . .

### SONETO

Da Hipocrene narrou a Antigüidade,  
 Fonte ser, que influía entendimento,  
 Da Aganipe tão bem onde alto assento  
 Tinha Apolo, e a Músea Divindade.

Formosíssimas foram na verdade  
 Estas fontes do antigo fingimento,  
 Mas agora se vê, sumo portento!  
 Um rio de maior preciosidade.

De rios em saber tanto admiraste,  
 De graça em fontes tanto suspendeste,  
 Com garbo tão gentil, e com tal brio,

Que para explicar bem quanto brilhaste,  
 Diga-se que a Hipocrene cá trouxeste,  
 E a fizestes de S. Francisco rio.

*Frei Manuel de Santa Maria*  
 Religioso de São Francisco.

## Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente

Frei Luís da Purificação etc. . .

### SONETO

Antorcha viva sois, flamante chama,  
Invejas as gentes, glória ao Firmamento  
Maravilha fatal, alto portento,  
Ao gôsto alívio, e trabalho à fama:

Farol luzido, que entre ardente flama,  
Estais roubando de Febo o luzimento,  
Protótipo de Apolo, a cujo assento  
Mnemosine convida, e Palas chama.

Se para explicar vosso alto talento,  
Bastante fôsse a voz articulada,  
Não bastavam contudo línguas cento.

Fique pois ao silêncio condenada  
Tôda a voz, todo o pletro; e o pensamento  
Só em vosso louvor faça morada.

*De Frei Manuel de Santa Maria*  
Religioso de São Francisco.

Ao Presidente.

### DÉCIMA

Nos votos, que professais,  
não guardais o da pobreza,  
sendo que os mais com certeza  
sabemos nos que observais:  
a razão é que ostentais  
grão cabedal de presente,  
pois por um modo excelente,  
e ciência mais que humana,  
quando oraste à Franciscana  
presidiste ricamente.

*De Luís Canelo de Noronha.*



Sapientissimo Praesidi Fratri Aloisio  
ab Assumptione

EPIGRAMMA

Est tibi (crede mihi) Doctissime copia fandi,  
Quam si Musa bibat, dulcior illa canet.  
Sed mea Musa tuae mutescit lumine uocis,  
Namque tuo Phoebus, Pallas et ore sedent.  
Sicque tuos mirata sonos stat gratia triplex,  
Et tibi Castalides alba ligustra legunt.  
Serta ergo sint danda tibi contexta ligustris,  
Nam Natura tibi candida serta dedit.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Em louvor do Religiosíssimo Presidente o  
Reverendo Padre Mestre Frei Luís de Cristo  
da Ordem do Seráfico Padre São Francisco.

SONETO

Seráfico Orador, tal melodia,  
Tão doce suavidade, e tão sonora,  
Não devia caber dentro de uma hora,  
Razão era durasse todo um dia.

Quem tão subido canta, bem podia,  
Aos esses tornar, sem mais demora,  
Porque em vós duplicado agrado fôra,  
O que no mal cantor será porfia.

Em nada foi Capucho o elevado  
Contraponto sutil, e harmonioso,  
Com que ornastes papel de tanto agrado:

Sim altivo, elegante, e majestoso;  
Digno de ficar sempre eternizado  
Pelo estilo mais grave, e sonoro.

do Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

In laudem Sapientissimi Magistri Fratris  
Ludoulei Purificatione Academiae perorantis

EPIGRAMMA

Si falsus potuit cuculus superare so[...]m,  
Omnis nunc doctos tu seperare [potes]:  
Immerito sapiens esset dicenda Minerua,  
Si ingenii culmen cosceret illa tui;  
Ipsa Iouis posset iactari e Stirpe creata,  
Sed tibi tam docto non similanda foret,  
In melius mutata foret fortuna togatae,  
Edita de cerebro si foret illa tuo.

*De um Anônimo Franciscano.*

[Assinatura com letra diferente]

Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico  
ac Purificatione necnon Sapientissimo  
Academiae Praesidi eadem die, qua sagittarie  
signum Sol attinet, perorante.

EPIGRAMMA

Attinet hospitio qua Solem Thessalus Heros  
Hac te dicentem uidit arena, die.  
Omnis hinc quantum capiet sibi quisque, uel ipse  
Qui solis multo nomine iura tenes.  
Scilicet ille dies praefert nunc noctibus apte,  
Et uario subeunt noxque, diesque gradu.  
Hinc igitur confers mentes sic lumina, fiat  
Vt par ingenio, seu minor ille tuo.  
Spem tui, in nobis quam de te seueris ante  
Aequauit factis exitus ipse modo.

*De um afetuosíssimo amigo da  
mesma Ordem.*

Reuerendo Admodum Patre Mestre Fratres Ludouico  
a Purificatione Seraphici Ordinis Alumno,  
In Caesareo Palatio Academiae Praesidi,  
uenuste ac iucunde peroranti.

### EPIGRAMMA

Quam tua pro rostris lepide decertat Hymetto  
Aemula, melifluo roscida lingua sale!  
Quidquid, apes stipant inter cellaria mellis,  
Quidquid Caelestis roris, in ore tuo est.  
Tanta tuae allicit orantis facundia linguae,  
Phoebus ut hic inhians inuidus ore foret.  
Quid mirum ergo! tibi natura sine arte leporem  
Officiosa dedit, seu sale plena labra.

[*Idem*]

### ALIUD

Laudibus attollunt te omnes, Ludouice, per urbem,  
Dum sacro eloquio dulcia uerba sonas.  
Dum nunc te orantem mirantur, iure fatentur:  
Aqua tibi ingenii uis et acumen inest.  
Quot uoce effundis tremula subsilia sensa,  
Tot teneros lepido spargis ab ore sales.  
In te equidem posuit sedem sibi gratia: grate  
Vt laudes referas Caesaris atque Dei.  
Accipe, quos tenui raptim conflauimus ore,  
Non sine amore meos, sed sine melle sales.

*De um afetuosissimo amigo da  
mesma Ordem.*

Ad Sapientissimum Academiae Praesidem  
Fratrem Aloisium de eius nomine

### EPIGRAMMA

Quaereri nunc equidem rei est in Congrua laudes,  
Cum non plus ultra nomine laudis inest;  
Nam mutato — Alius Sol — est Aloisius uno  
Grammate, quae maior gloria? quis uel honor?  
Omnis enim Sapiens, omnis cui lingua diserta,  
Cedit, ceu soli sidera cuncta suo.

*De um obrigadissimo e afetuosissimo  
amigo da mesma Ordem.*

## Ao mesmo Presidente Frei Luís da Purificação.

## DÉCIMAS

1

Ser Francisco mostrais  
Meu Frei Luís, neste dia;  
quando, nesta Academia,  
um remendo assim deitais.  
Tão sutilmente o enfeitais  
C'os vossos alinhavados,  
que já todos admirados  
claramente estão dizendo:  
ninguém bota o seu remendo  
com pontos tão levantados.

2

Um remendo bem cerzido,  
e com tal curiosidade,  
é de rara habilidade,  
sendo sutilmente unido.  
Assim que por entendido  
ficais, nesta Academia  
Mestre, com tal energia,  
que nos quiseste mostrar,  
que quem sabia pregar,  
Melhor remendar sabia.

3

Eu de vós muito cuidara;  
mas remendão é baixeza:  
porém vós tal sutileza  
tendes, e graça tão rara,  
que creio ninguém deixara  
de ver, quanto vós cerzis;  
pois todo o Congresso diz,  
quando coseis um remendo,  
não se viu Mestre estupendo  
como o Padre Frei Luís.

Coseis pois, Mestre afamado,  
 que só vós sabeis coser;  
 pois dá muito em que entender  
 um remendo bem botado.  
 Mas vós, como experimentado,  
 no pontear, e cerzir,  
 é muito para advertir,  
 o que a todos causa espanto;  
 que pontear vós tanto,  
 tão pouco queirais luzir.

De um seu obsequioso Discípulo

*Anônimo da Mesma Ordem.*

Ao Senhor Presidente da Academia o Muito  
 Reverendo Padre Mestre Frei Luís da  
 Purificação Lente da Sagrada Teologia, e  
 Cronista de sua Província de  
 Santo Antônio do Brasil.

## ROMANCE

Vítor, vítor, belamente!  
 todos concorram a dar  
 mil vivas ao Presidente,  
 para que fique imortal.

Retórico com tal arte,  
 que quando o vimos orar,  
 suspensos todos ficamos  
 da graça tão natural.

Filósofo tão sutil,  
 que, quando argumentar vai,  
 leva pontos mui agudos,  
 que a todos na bôca dá.

No púlpito é Teólogo  
tão douto, e tão Magistral,  
que penetra essas estrêlas,  
com vôo mui perspicaz.

Merece bem o laurel  
de sábio, sem ter igual;  
porque quem como êle orou,  
ali ninguém chegou mais.

Eu folgo que assim orasse  
um Capucho; pois está  
livre ninguém, que lhe chegue  
do seu pé ao calcanhar.

Êle bem fêz por fugir  
de chegar a êste lugar;  
mas o respeito de um César  
é coisa que muito val.

Val tanto que se não fôra,  
Príncipe tão singular,  
ninguém agora o ouvira  
presidir, com tanto sal.

Só essa mão Soberana  
podia manifestar  
na Academia esta luz,  
pondo-a sôbre o castiçal.

Ou senão; conheço o mundo,  
que a concha, com que êste mar  
se deságua com graças,  
só nos Menezes está.

Êle nas conchas metido  
desta vez Capucho [sai];  
Sete vêzes mais brilhante  
que o Sol metido em saial.

Êste é pois, a quem ouvimos  
com tal graça declamar  
que eu sou de todos aquêle,  
que de o ouvir gosto mais.

Fique em sinal da certeza  
dêste meu dizer; o dar  
eu passadas pelo ouvir,  
quando por ninguém fiz tal.

De um seu obsequioso Discípulo  
*Anônimo da Mesma Ordem.*

Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre  
Presidente Frei Luís da Conceição.

### SONETO

Meu Luís, a falar-vos já não atino  
não sei como há de ser na verdade  
se reverendo se Paternidade  
quero louvar-vos muito diamantino.

Que amor excelso sempre é divino  
seres grande orador é propriedade,  
di-lo todo o mundo tôda a Cidade  
teres essa influência já é de menino.

Assim em que vos poderei louvar?  
Sois ovante florido no modelo  
na vossa frauta sempre há que admirar.

Direi que no orar fostes muito belo  
porém quero-vos também assegurar  
que já não levais duas em capelo.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 26 de novembro

### Primeiro Assunto

Foi o 1.º assunto Cipião desterrado de Roma

### Ao 1.º Assunto

#### SONETO

Essa mão, Côte ingrata, que remissa  
 Nos prêmios sempre há sido, e tão mal pago  
 Deixa um herói, que horror sendo em Cartago,  
 Foi escândalo em Roma da justiça.

Essa avara ambição, que te enfeitiça,  
 Com Cartago te põe no escuro lago;  
 Cartago a impulsos; do mais nobre estrago,  
 Mas tu a impérios, da mais vil cobiça.

O sangue, que nos teus ardente ferve  
 Por servir-te, com prêmio tal tirano  
 Não é possível que o calor conserve.

Dá-me nesta pergunta o desengano:  
 Já que pagar tão mal a quem te serve,  
 Que guardas para quem te fizer dano?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

### Ao assunto heróico

#### SONETO

Ao grande Cipião, raio Africano  
 desterra Roma, nunca mais ingrata,  
 pois a quem o domínio lhe dilata,  
 estreita a terra com poder tirano;



Para dar mais Impérios ao Romano,  
Cipião a Cartago desbarata,  
e Roma com destêrro desacata,  
para a injúria o fazer menos ufano.

Mandar Roma habitar outro Hemisfério  
ao forte Cipião com lei severa,  
honra foi, se parece vitupério:

Pois deu a conhecer Roma, que era,  
a grandeza feliz do seu Império,  
para varão tão grande, curta esfera.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de São Pedro.

Ao primeiro Assunto

### SONETO

O Sol, entre os Planêtas, mais luzido,  
de um pólo, para outro, é desterrado,  
considerando-o, então, mais exaltado,  
quando parece, a todos, abatido.

Com o Sol, Cipião esclarecido,  
no destêrro se vê, tão igualado,  
que a um, e a outro, como predicado,  
sem dúvidas, o destêrro era devido.

Nos giros que dá o Sol, a tôda a esfera,  
alcançam suas luzes, mais aumento,  
devendo-o ao destêrro, que tivera;

E se êste, ao Sol, duplica o luzimento,  
a Cipião, também, mais exagera;  
porque lhe dá maior conhecimento.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

## Ao 1.º Assunto

## SONETO

Herói notável, Cipião famoso,  
 que a desgraça encontraste na ventura;  
 pois se coroas, e valor, segura,  
 da glória, te privou, ser valoroso:

Teu invencível braço, e belicoso,  
 pudeste colocar em tanta altura,  
 que era certa, e infalível conjectura  
 ser da critica, emprêgo lastimoso:

Mas se bem advertimos, esta pena  
 duplica a Cipião, contentamento,  
 na memória imortal, que se lhe ordena;

Porque à vista do seu merecimento  
 o maior prêmio, a curto se condena,  
 tendo prêmio maior, no vencimento.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Assunto primeiro.

O destêrro de Públio Cipião.

## SONETO

A Públio Cipião Roma desterra,  
 no Castigo, o Triunfo lhe prepara;  
 que Cartago lhe erige a melhor Ara,  
 quando Roma lhe faz a maior guerra.

Descobre a inveja o rancor, que encerra,  
 porque tantas vitórias alcançara:  
 por inimiga a Pátria se declara,  
 já subjugada a inimiga terra.

Não de Aníbal, de Cipião se ofende,  
 teme que o aplauso lhe adjudique o Império;  
 na Liberdade a ingratição defende.

Mas passando a ser glória o impropério,  
 se ultrajar Roma a Cipião pretende,  
 é C'roa a injúria, Estátua o vitupério.

Do Acadêmico Nublado.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

## A Cipião desterrado de Roma

### SONETO

[1.º]

A fama alígera tem decantado,  
 o valor de Cipião esclarecido,  
 arrogância, que a Roma tem servido,  
 a ingratição, que Roma tem mostrado.

O muito que por ela tem obrado,  
 o pouco que lhe tem agradecido,  
 de Aníbal, e Africanos ter vencido,  
 e a Cidade de Cartago abrasado.

Se Cipião se exaltou com gravidade?  
 Se o desterras, Roma, sem razão?  
 assim lhe pagas com crueldade?

E quem de ti se fiara na ocasião?  
 se faltar o vassallo à Majestade?  
 como ingrata faltas a Cipião?

2.º

Emulação, te diz, inveja, e crueldade,  
 desterrou de Roma a Cipião querido,  
 que como Leão tinha a Aníbal vencido,  
 venceu os Africanos com propriedade;

A Cartago deixou sem liberdade,  
para Banhos foi logo decidido,  
temendo-se que êle fôsse erigido,  
por senhor de sua pátria e cidade;

Não se temam dêste varão honrado,  
que nos templos pôs triunfos a milhares,  
que os Romanos tinham tanto admirado.

Servindo-lhes a muitos de pesares,  
dizia êle se êste é o prêmio alcançado,  
São as minhas sortes os meus azares.

*Do Padre Manuel Cerqueira Leal.*

Ao primeiro Assunto.

### SONETO

Fala Cipião com Roma.

Enquanto, injusta Roma, o Reno altivo  
tentava escurecer seu luzimento  
pôde o Cipião a tanto atrevimento  
opor-se denodado, e vingativo;

Mas hoje que seu braço executivo  
prostra a cerviz com justo rendimento,  
é prêmio a tão glorioso vencimento  
de falsa acusação capricho esquivo?

Ficaste embora, ó pátria ingrata e dura  
que eu me desterro adonde a tanto amago  
encontre em terra alheia a sepultura,

Mais sabe que apesar do tempo vago  
a minha glória eterno lhe assegura  
epitáfio Anibal, urna Cartago.

*De João de Barbosa e Lima.*

## Cipião desterrado de Roma.

## SONETO ACRÓSTICO

Scipião vencendo a seu contrário forte  
 Impossível lhe foi vencer a inveja;  
 Porque com as armas desiguais peleja  
 Inflamando as Heróicas de Mavorte.  
 A destêrro o condena, donde a morte  
 Menos, que nunca, seu valor deseja,  
 Aspirando a que Roma, e o mundo veja,  
 Foi famoso em vencer a sua sorte.  
 Roma o corre; depois, que em guerra dura  
 Invadida Cartago, na memória  
 Conserva a fama sua desventura.  
 A Cipião vencer (1) tanta vitória  
 Não lhe deu mais valor, nem mais ventura;  
 O saber-se vencer lhe deu mais glória.

[*João de Brito e Lima*]

Ao mesmo assunto.

## SONETO

Esse por quem Aníbal foi vencido,  
 Não cabendo seu nome sublimado  
 Nos âmbitos do Globo dilatado,  
 Num mísero rincão coube abatido.

Por impulsos da inveja combatido,  
 Por romanos temores desterrado,  
 Mais do que vê-lo em auge levantado,  
 Me admira vê-lo sem razão caído.

(1) Sobre a palavra "vencer" está escrito "obter".

Não coube Cipião na Augusta Côrte,  
 Porque a quanto Faetonte a luz reparte  
 Deu assombros à fama, horror à morte.

Em Linterno caído o bravo Marte  
 Coube, dos Astros imitando a sorte,  
 Porque um caído cabe em qualquer parte.

[*Idem*]

Ao mesmo

### SONETO

Sem razão Cipião vive queixoso  
 De Roma, e das severas leis do fado,  
 Porque mais, que ao feliz, ao desgraçado  
 Deve a glória de ser mais valeroso.

Por infeliz não, por venturoso  
 Se tenha, em ser da inveja maltratado,  
 Que o varão que é por prendas invejado,  
 Vai chegando às belezas de famoso.

A pena do invejoso mais notória  
 É nas alheias glórias, que deseja,  
 Não conseguiu tirar aos mais a glória.

Quem com méritos vence esta peleja,  
 Os aplausos consegue da vitória;  
 Porque é crisol dos méritos a inveja.

[*Idem*]

Ao mesmo

### SONETO

Quando Roma a Cipião cruel maltrata,  
 É sem causa a um destêrro o precipita,  
 Tanto mais seu poder desacredita  
 Quanto o valor de Cipião [retrata].

Se merecera a pena com que o trata,  
 A pudera sentir por esquisita,  
 Mas tenha Cipião por pena a dita  
 De seu valor fazer a Roma ingrata.

Bem que deve mostrar-se agradecido  
 (Quando mais se conhece desprezado)  
 Por ter da fama o aplauso merecido.

Que a não ser Cipião tão invejado  
 Por seu valor seria conhecido,  
 Mas não em todo o tempo tão lembrado.

[*Idem*]

Ao mesmo

### SONETO

Desterrado Cipião por desgraçado  
 Da fortuna, e de Roma desvalido,  
 Então foi dos estranhos conhecido,  
 Quando dos naturais menos lembrado.

Se os méritos o fazem desprezado,  
 Se a ingratidão de Roma o tem corrido,  
 Logrou quando se viu mais abatido  
 A fortuna de ser mais levantado.

O nome de Cipião, suas vitórias  
 Padeceram do tempo o vil estrago,  
 A não lhe avivar megera as memórias.

Negue-lhe Roma embora a justo pago  
 Quando a desgraça deve àquelas glórias  
 Que Aníbal lhe não deu, nem fêz Cartago.

[*Idem*]

Ao mesmo

SONETO

Esse Africano filho de Mavorte  
 (Que por exemplo de infelizes trago)  
 Se a Aníbal destruiu, venceu Cartago,  
 Vencido hoje se vê da sua sorte.

Menos sentira seu valor a morte,  
 Que julgar-se da inveja ínfimo estrago,  
 Tendo de Roma aquêle injusto pago,  
 Que a fortuna concede ao varão forte.

Mas com ser de Cipião a pena fera,  
 Que com tão ímpias [cousas] o maltrata;  
 Sente a falta, que em Roma considera.

Que se assim por leal a inveja o trata  
 Ser Cipião menos leal quisera,  
 Por não parecer Roma tão ingrata.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Cipião desterrado de Roma.

Sonêto de Dom Francisco de Quevedo.

MOTE

Faltar pudo a Cipion Roma opulenta,  
 Mas a Roma Cipion faltar no pudo:  
 Se a blazon de su embidia (que me escudo,  
 Que del mundo triunfo) cede a su afrenta.

Si el merito africano, le amedronta,  
 De hazañas, e laureles me desnudo,  
 Muera en destierro, y neste baño rudo,  
 y Roma de mi ultraje este contenta.



Que no escarmiente alguno en mi, quiziera  
Viendo la offença, que me da por pago,  
Porque no falte quien servila quiera.

Nadie llore mi ruina, ni mi estrago;  
Pues sera a mi Ceniza (quando muera)  
Epitafio Anibal, urna Cartago.

## GLOZA

Despues, que de laureles ha venido  
Cipion la frente del romano estado,  
El premio por su merito adquirido,  
Fué su ventura hazerlle desdichado.  
A su valor sus glorias ha devido;  
Y se a Roma Cipion no le ha faltado  
Quando en misero estado se lamenta,  
Faltar pudo a Cipion Roma opulenta.

Tanta grandeza Roma desvanece,  
Quando de ingrata dio tan fuerte indicio;  
Por que la ingratitude mayor parece,  
Quanto mayor se julga el beneficio.  
Cipion la vida valeroso ofreces  
Por vitima de noble sacrificio,  
Faltole Roma ingrata; (no le dado)  
Mas a Roma Cipion faltar no pudo.

Lamentando, Cipion su fuerte impia,  
Quando vio su persona desterrada  
Contra Roma se queja, que ofendia  
Su grandeza una invidia mal fundada.  
Y entre si preguntando respondia:  
Si a afrenta a su nombre, que? mi espada:  
Y pues la invidia a mas llegar no pudo,  
Si a blazon de su invidia, que? mi escudo.

Por lei del ostracismo rigorosa  
A una aldea pequeña se destierra,  
El que fué corto alverge a su gloriosa  
Fama, el ambito augusto de la tierra.  
Torpe la emulacion venció invidiosa  
Al más inclito alumno de la guerra:  
Y ese, a quien su valor su pena aumenta  
Que del mundo triunfo, cede a su afrenta.

El merito a destierro le condena  
 Espetaculo triste a la memoria!  
 Quien pensara, que de Cipion la pena  
 Fuese, para su mal su mayor gloria?  
 Su disabono en el rezeto ordena  
 La cabeça del orbe, en cuya história  
 Mas cobarde se muestra, que opulenta,  
 Si el merito Africano le amedronta.

Deseaba Cipion por mayor gloria,  
 (si gloria puede trazer en pena dura),  
 la ventura perder de su memoria,  
 la memoria perder de su ventura.  
 Diciendo enfin con justa vana gloria  
 Si la fortuna, que no mal procura  
 De tantas dichas desnudarme pudo,  
 De hazañas, e laureles me desnudo.

Con la invidia se queden mis hazañas;  
 Mis laureles le sirvan de despojos  
 Del Linterno las asperas montañas.  
 Den gusto a Roma, se a mi vida enojos.  
 No de Cipion el nombre en sus entrañas  
 Sepulte el leñe: a los romanos hojos  
 Cipion si; pues lo quiso el hado crudo,  
 Muera en destierro, y neste baño rudo.

No sienta la romana tirania,  
 (De los meritos mios premio injusto)  
 Siento solo la brava antipatia,  
 Con que a Roma mis penas le dan gusto:  
 Quando pienso, que a quanto el claro dia  
 Ilustra el coche del Planeta Augusto  
 Triste siente mi mal, llora mi afrenta,  
 y Roma de mi ultraje este contenta.

Esto siento por ella; pues no alcanza,  
 Obstinada en su misera porfia,  
 Que mayor, que su maxima alabanza,  
 Hará su ingratitud la razon mia.  
 Mas por que con la barbara venganza  
 De mi escarmiento, su crueldad impia  
 Estrañarle podran mi pena fiera,  
 Que no escarmiento alguno en mi quisera.

El castigo, que siento, es mi alabanza,  
 Si el merito quitarme ingrata piensa;

Pues procurando un gusto en su venganza,  
 Consiguió su descredito en mi ofenza:  
 Por que que ha anelar de la esperanza  
 El que la sirve? sé la recompensa  
 Pondera con razon? se está en mi estrago  
 Viendo la ofensa, que me da por pago?

Este motivo, que aliviar mi llanto  
 Pudiera, aumenta más mi sentimiento  
 Por que puede en mi pecho el valor tanto,  
 Que más, que mi pesar, su injuria siento  
 No cause mi destierro al orbe espanto,  
 No se haga más notorio mi tormento,  
 Ni sirva de ejemplar mi pena fiera,  
 Por que no falte quien servila quiera.

Con valor invencible, y pecho fuerte  
 A Roma de leal dió siempre indicios:  
 Con esta ingratitude (si bien se advierte)  
 Fueran remunerados mis servicios.  
 El que fia su dicha de la suerte,  
 Contrarios ha de allar los beneficios;  
 Y por no revelar del mundo el pago,  
 Nadie llore mi ruina, ni mi estrago.

Roma en su ceguedad mal advertida,  
 Quiça de lo que obro desengañada,  
 Llegue a llorar la falta de mi vida,  
 Llegue a sentir la quiebra de mi espada.  
 Esta gloria de verla arrepentida  
 Sera en mi vida? No, con voz airada,  
 Pienso, me respondió la envidia fiera:  
 Pues sera a mi Ceniza, quando muera.

Si en destierro cruel la invidia trata  
 De aniquilar el lustre a mis vitorias,  
 Qual Troya, en mis Cenizas se retrata  
 Tanto su ingratitude, como mis glorias.  
 No imagine (aun que Roma sea ingrata)  
 Fiscalizar el tiempo mis memorias;  
 Que la posteridad sera en mi estrago  
 Epitafio Anibal, urna Cartago.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

[Assinatura com letra diferente]

## Ao primeiro Assunto

### SONETO

Que vil povo, que bruto, e que insolente  
 é o que na ingrata pátria destemido,  
 não repete a um Cipião enobrecido  
 as honras, que merece reverente?

Que república, a mais inconfidente  
 poderia, a um varão tão conhecido  
 desterrar injuriado, e desluzido;  
 quando o melhor laurel lhe era decente?

Oh! que o mal é o da Pátria inseparável,  
 para Cipião o mais desordenado,  
 pois vivo e morto a publicou intratável:

Donde é o natural douto um dissipado:  
 o digníssimo é o mais desagradável;  
 e um Cipião chega a ser um desterrado.

[*Manuel Ferreira da Luz*]

### SONETO

Ouçõ queixas das eras dos sucessos,  
 quando em tôdas não posso achar mudança  
 porque entendo que é única a balança  
 a que em o mundo todo pesa excessos.

Aos indignos não faltam os progressos,  
 erigidos na mesma confiança  
 que aos dignos falta, envôlta na esperança;  
 que expira muitas vêzes nos regressos.

Bem o mostra a experiência em tôda a parte  
 porque o mal só de algumas se não creia:  
 donde Bartolo é indouto, fraco o Marte.

E se menos o raio a chama ateia,  
 dá em Cipião, e infinitos por tal arte:  
 que todos vão fazer Córtes na Aldeia.

[*Idem*]

## SONETO

Toquem clarins subidos vossa fama  
Subam de ponto as Musas em louvar-vos  
que se um destêrro pode sepultar-vos  
de vosso nome vive a ardente chama.

Se eternizado nos anais da fama  
o zêlo, com que o Céu soube dotar-vos  
contra os Astros é incrível o faltar-vos  
a luz que em vosso abôno mais se inflama.

Foi o vosso destêrro, como o dia  
famoso Cipião em que as estrêlas  
acham sombras à sua bizzarria.

Mas quem na mesma noite chega a vê-las,  
de seus raios alcança a valentia,  
vendo-as na escura noite luzir belas.

*Por Manuel Ferreira da Luz*  
Vigário do Destêrro da Cidade.

## ROMANCE

Como se agora vivera  
compadecido de ti  
me lembro de teu destêrro;  
pelo que é contínuo em mim.

Bem sei que os teus desalinhos,  
mais chegarão a subir,  
porém sobra-me o ter pena;  
com que nunca glórias vi.

Razão porque é mui discreto  
quanto se pode sentir,  
porque nada iguala as ânsias  
que a mesma alma toma em si.

Se séculos me não bastam  
Cipião, para excluir  
a lembrança do teu nome;  
grande dita consegui.

Porque é peito singular  
o que chega a repetir  
memórias de Heróis insignes  
em suavizados Abris.

Donde como em primaveras  
renascidas se vêem rir  
de umas flôres aparentes:  
que não valem um seutil.

Florescendo em eternos Maios  
que se chegam a esculpir  
no mais perdurável bronze:  
no mais subido matiz.

Deixa-me chorar contigo,  
pôsto te veja luzir,  
que as lágrimas me escurecem  
a luz com que te aplaudi.

Fôste um varão invencível,  
mas quem poderá encobrir  
que o destêro que tiveste;  
não foi por culpas que eu fiz.

E se denota o delito  
a pena, posso advertir  
em Cícero desterrado:  
que pôs luto a vinte mil.

Mas em que tempo Cipião  
te poderão desluzir  
nuvens, que maquina o ódio;  
e o atrevimento mais vil.

A Cícero honrou o destêro,  
Camilo honras exauriu:  
livrando, aos motores dêle,  
da obrigação mais servil.

Tala, Cerúlio, Licurgo,  
que em número, não tem fim  
em os raios de seus lustres  
viram verdugos sutis.

E por C'roa de todos,  
tu Cipião chegaste a unir,  
a cópia do que importaram,  
no teu mais branco marfim.

Elevando-te as estrêlas  
êsse néscio êrro gentil,  
que como nuvem passou  
pelo Sol no seu Zênite.

*Por Manuel Ferreira da Luz*  
Vigário do Destêrro da Cidade.

Ao 1.º assunto de Cipião desterrado.

## ROMANCE JOCOSO

Digníssimo Presidente,  
Mestres da Academia que,  
por mão do 1.º assunto  
esta carta recebeis.

Ouvi de vosso Avertano  
novas frescas, porque vêem  
refrescar-vos as memórias  
as Letras dêste papel.

Tudo vos hei de contar  
sem que me possa esquecer  
que sendo dos Esquecidos  
inda de vós me lembrei.

Depois de me haver partido  
se é que se parta quem tem  
inteiro o seu coração  
aos pés do Senhor Vi-Rei.

Parti porque vim no barco  
donde a Palácio acenei,  
mas nem houve por acenos  
quem me soubesse entender.

Pôsto o barco entre os navios,  
náuticos de má relé,  
jogaram comigo as pulhas,  
mas eu logo os atestei.

Juntos todos de patrulha  
quase em meio do convés  
estavam, quando enjoado  
esta pulha vomitei.

Ou lá gente de bombordo,  
passai todos para a ré,  
porque assim fazendo-a breve  
logo quem sois sabereis.

Pelos ares me entenderam  
porque em pulhas são também  
tão destros como eu nos versos,  
e senão vejam vocês.

Mandou-me o meu companheiro  
dizer pois me faz mercê  
que Cipião desterrado  
o assunto vinha a ser.

Logo iremos à viagem  
a qual mui bom fim darei  
antes que o arrais porque é torto  
dê c'ó barco de través.

Mas tratando do destêrro  
de Cipião, achareis  
que com o meu se equivoca  
liquidados os porquês.

Foi desterrado de Roma,  
porém a causa a não sei,  
mas sei que se ela não fôra  
que não o viera a ser.

Desterrado eu da Bahia  
faço ainda tal papel  
que a Cipião represento  
se bem com figuras três.



Mas com esta diferença  
vamos devagar, porque  
se se desterrou por ódio  
por amor me desterreí.

O quanto um destêrro custa  
por amor, lhes não direi,  
porque freirático sendo  
fugi sempre de o saber.

Faz muito ao caso inquirir  
de quem êste assunto deu,  
se tinha fora de Roma  
Cipião bem que comer.

Se é que o tinha, bem estava,  
e se não, juro a bofé  
que o destêrro não trocara  
com o seu nem por um mês.

Porque se eu cá como a ufa,  
e me encho a tuti plé,  
é porque o tatu, e a paca  
ferve, e não custa vintém.

Não falta o caranguejinho,  
o aratu, e alguma vez  
entre as nossas manduzajês  
o veado de moquém.

Estiro-me na quisaba,  
e mando a Cipião que  
enquanto me conta a vida  
me vá dando uns cafunés.

De valente me blasona,  
diz-me que o desprezei,  
e como me chama o fraco  
lho quero dar a saber.

Ponho-me a jogar as quedas  
com êle, mas *sed sic est*  
que de fome está penima  
dou-lhe uma, duas, três.

Que vai amigo, lhe digo,  
qual de nós mais fraco é?  
Mas êle morto com fome  
me não pôde responder.

Porque não há Cipião  
nem Hércules pode haver  
que não fuja de um mosquito  
quando faminto se vê.

Mas se desterrado, e farto  
Cipião proezas fêz,  
também farto, e desterrado  
hoje as minhas contarei.

Ao princípio da jornada  
fiz cá de jornadas três  
a Comédia que dedico  
ao Senhor Vice-Rei.

Nela mostro ao que se arrisca  
um amor perfeito, e a quem  
melhor que a êle o mostrara  
pois me faz tantas mercês.

Em nome do companheiro  
Anastácio, a quis fazer  
para que dos meus aplausos  
participe alguma vez.

Que do César defendida  
será, saibam, porque eu sei  
que entre Zoilos, e Aristarcos  
mil Discípulos há de ter.

É fraca proeza esta?  
Ora Cipião não fêz  
mais proezas pela espada  
do que eu pela pena obrei:

Vamos ao fim da viagem,  
cheguei, Senhores, cheguei  
porque se eu não chegara  
mal vos pudera escrever.

Ocupo-me em quatro loas  
 que me mandam cá fazer  
 e enfim faço os meus versinhos  
 sem dizer mal de ninguém.

Não posso sair de casa  
 amigos, e a razão é  
 porque me matam os calos  
 os torrões dos massapés.

E como de mais não serve  
 Deus guarde a vossas mercês  
 para glória da Academia  
 que por cá tal nome tem.

Feita hoje em quarta-feira  
 de novembro vinte e três,  
 na era em que é portador  
 Cipião, vai do Nagé.

*Carta de Frei Avertano, [de Santa  
 Maria] escrita aos Senhores  
 Acadêmicos.*

Cipião desterrado de Roma.

### SONETO

Vendo Roma, que são prêmios escassos  
 Triunfos a Cipião quantos devia,  
 Ordena, que o destêrro (ação impia!)  
 Da obrigação notória rompa os laços.

Como de Macedônia nos espaços  
 De Alexandre o valor já não cabia,  
 Mostra Roma que em si já não podia  
 De Cipião receber ovantes passos.

A Cipião porém terror de Marte  
 Depois que África vence, e Ásia doma,  
 De si mui pouco vai, que Roma aparte.

Descuidado o destêrro não o toma,  
 Que se o forte tem pátria em tôda a parte,  
 Cipião em qualquer parte vive em Roma.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

## Desterra-se Cipião de Roma

### SONETO

Aquêl em cujos braços se estribava  
 Como valente Atlante o Céu Romano  
 Por impulso de um Rei quase tirano  
 A Pátria [que] ilustrou, o desterrava.

Porém vendo Cipião, que assim o lançava  
 A Pátria com rigor tão desumano,  
 Ficando então sentido, e quase insano  
 Ser a Pátria cruel só publicava.

Assim vai cruelmente despedido  
 Sem se atender à fôrça, e valentia  
 Com que deixa um Império enobrecido.

Mas com justa razão quando partia  
 Ingrata a Pátria chama enfurecido  
 Pois só furor se deve à tirania.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Cipião Desterrado de Roma. Assunto heróico da  
 presente conferência.

### SONETO

Em prêmio, ó Roma da mais dura emprêsa,  
 Em galardão de dar-te a maior glória,  
 Em tremenda Batalha, alta vitória,  
 Fugitivo Aníbal, Cartago preza.

Desterrado, sem voz e sem defesa  
 Me tens, e desta ingratição notória  
 Eu viverei com honras na memória,  
 Tu ficarás com notas na grandeza.

Vivendo desta ausência satisfeito  
 Prometo que acabando em morte grata  
 Nem o cadáver fie ao teu respeito.

Porque se o teu rigor tão mal me trata  
 Se expulsas meus afetos do teu peito  
 Não possuas meus ossos Pátria ingrata.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao mesmo Assunto heróico.

### SONETO

Quem restaurou o crédito Romano,  
 E alento à Pátria deu, quase prostrada  
 Ao bélico furor, a forte Espada  
 Do mais fero, e mais inclito Africano.

Pelo serviço, recebendo o dano,  
 Desterrado a fortuna viu mudada,  
 O respeito em ludíbrio, o tudo em nada,  
 Oh! injustiça, ó pena, ó desengano.

Porém nas queixas Cipião constante  
 Tanto em Linterno se mostrou contente,  
 Quanto em Cartago campeou triunfante,

Não logrou Roma o fim de o ter ausente  
 Porque na sem razão de o pôr distante  
 A mesma ingratição lho fêz presente.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao 1.º

## SONETO

Pera triunfar melhor, vencer fugindo,  
deixa a cidade voluntário ausente,  
Africano Cipião, a que valente  
louros consagra imortal o Pindo:

Do Tibre ao Gânges, do Danúbio ao Indo,  
Herói triunfante, capitão prudente  
não viu maior o mundo reverente,  
quando o viu em Linterno residindo:

Magnânimo de Roma se retira,  
e na aldeia prudente se assegura  
de que a mais fera detração o fira;

Foge para Linterno, onde procura,  
vencer da inveja a acre Esfinge d'ira;  
pois sòmente quem foge, a vence dura.

*Do Menos Ocupado.*

Ao mesmo

## SONETO

Roma em Atenas hoje convertida  
ruidoso o Tibre como não murmura?  
pois pode a detração da inveja escura  
desterrar a virtude esclarecida:

A maior perfeição aborrecida  
foi na Grécia não menos, que impostura;  
e parece, que Roma hoje procura,  
imitar esta pena desmedida:

O Capitólio douto não repara,  
que a espada vêzes tantas vencedora  
de Cipião glórias muitas lhe ganhava?

Como pois esquecido, ingrato agora,  
 não vê, se o Ostracismo o decretara,  
 que então só tal decreto justo fôra?

[*Sem indicação de Autor*]

## De exule Scipione

### EPIGRAMMA

Missus in exilium, Cuius Romane, dolori  
 Non subdas animum, tristitiisque tuum.  
 Maerori iuuenile sonat succumbere: quare  
 Non decet huic tantum subdere corda uirum.  
 Qui quamdam Poenos potuisti uincere, poenas  
 Cordis in exilio uincere disce tui.

[*Sem indicação de Autor*]

## De exilio Scipionis

### EPIGRAMMA

Te, fera uictorem quem uiderat Africa, Campos  
 Saeua Palatinos, linquere Roma iubet.  
 Siccine Marmarico partis ex hoste trophaeis,  
 Reddita et est palmis immemor illa tuis?  
 Qui latias spoliis onerasti hostilibus arces,  
 E Latio nunc es missus abire foro?  
 Obtinuisse ferunt uatum mendacia nomen  
 Itala si Latium regna, latente Deo;  
 Nunquam ego te Latios credo incoluisse Penates,  
 Quam modo cum Latio pulsus in Orbe lates.

[*Sem indicação de Autor*]

## De exule Scipione

## EPIGRAMMA

Cur ita, palmarum cumulis Vir praedite, Ciues  
 Deseris Ausonios, exilumque petis?  
 Si te Romulidas turba inuidiosa coegit  
 Linquere, fas pedibus ponere frena tuis.  
 Exilii sit namque tui cum causa, tot arces,  
 Victricique urbes tot superasse manu;  
 Exilium poterit Romano afferre theatro  
 Inuidiam, exilii causa uel ipsa tui.

[*Sem indicação de Autor*]

## De exule Scipione propter inuidiam.

## EPIGRAMMA

Te gratos Patriae, dulcesque relinquere fines  
 Inuidiae stimulis concita Roma mouet.  
 Fallimur: exilii (ne falsa loquamur) origo,  
 Romanae inuidiae quae fuit, ipsa fuit.  
 Si tamen inuidia est, tantis uir plene triumphis.  
 Quae te Romano cogit abire sinu;  
 Inuidiam reliquis maiorem credimus hostem;  
 In subitam cum te cogeret illa fuga.

[*Sem indicação de Autor*]

## De exule Scipione

## EPIGRAMMA

Scipio, belligeri uerus Mauortis alumnus,  
 Dulcius, inuidia pressus, abire putat.  
 Scilicet exilii uolitat moriturus ad umbras.  
 Fulcrum ita dimittis, Roma superba, tuum.  
 Scipio, si nescis, baculum est firmissima quondam,  
 Nunc baculo quoties hoc sine, Roma, cades!

[*Sem indicação de Autor*]



Scipio Africanus exilium petit.

### HEXASTICHUM

Contemptio latitat Patriae procul exul ab oris  
 Scipio, quin labes criminis ulla foret.  
 Fer modo uenturos uocitari, Roma, per annos  
 Vltima terrarum, quae caput orbis eras.  
 Hunc etenim ad maestos insignem Heroa recessus  
 Dum sinis ire, probas non habuisse caput.

[*Sem indicação de Autor*]

De exule Scipione

### EPIGRAMMA

Exilium, Vir Magne, tibi non dedecus ullum,  
 Crede, sed aeternum fertque, feretque decus.  
 Delituit Latiis exul Saturnus in oris,  
 Quin etiam in Scythiis Naso Poeta plagis.  
 Sic quoque Barbaricum Casta de Virgine natus  
 Missus in exilium Caelitus ire Puer.  
 Nunc igitur quisnam exilium quodcumque timebit;  
 Iret in exilium cum Deus ipse suum.

[*Sem indicação de Autor*]

Scipio Africanus, inuidiam fugiens, exilium petit.

### EPIGRAMMA

Te ferus inuidiae Patrias mouet impetus auras  
 Linquere, et incultos quaerere cogit agros.  
 Siste tamen: raptae bellorum in puluere palmae.  
 Inuidiam populis, uis ubicumque, dabunt.  
 Ergo ita cum totum liuor circundare orbem;  
 Quid facis? Inuidiam dum fugis, ecce petis.

[*Sem indicação de Autor*]

Scipioni exilium petenti.

### EPIGRAMMA

Vibratum toties, ac insuperabile ferrum  
 Edomuit Nomadum barbara regna tuum.  
 Non ego ficta loquor: testatus id Africa, plorat  
 Cum sua sanguineo diruta Castra solo.  
 Nunc exul fortem Patriae dum uincis Amorem;  
 Iam tibi, quod superes, nil superesse puto.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 26 de novembro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto Anaxarte convertida  
 em pedra

Ao segundo assunto.

### DÉCIMAS

A Anaxarte enquanto vivo  
 chamou mil vêzes o amante,  
 mas ela em rigor constante  
 resistiu com peito altivo.  
 Morre o triste, e foi motivo  
 porque Anaxarte cedeu.  
 Exemplo moral nos deu  
 êste horroroso transunto,  
 pois à vista de um defunto  
 logo ela se converteu.

Com presunção sempre ufana  
 teve ao Deus Cupido em menos,  
 parecendo em beleza a Vênus,  
 em castidade a Diana.

Mas tudo se lhe profana  
 [ao] tempo das despedidas.  
 Se as mortes são como as vidas,  
 Só com ela a morte errada  
 andou, pois vivendo honrada  
 a pôs entre as convertidas.

Com o morto piedades trata,  
 e em ser branda inda não medra?  
 Quanto mais dura que pedra  
 seria quando era ingrata?  
 Mas já sei que se a maltrata,  
 é força da natureza;  
 não por ingrata o despreza,  
 nem por desamor de esquiva.  
 Pois vemos, que compassiva  
 conserva a própria dureza.

Prodígio sem semelhante  
 foi êste, que aos mais excede  
 e todo o universo pede  
 que estátua se lhe levante.  
 Mas Anaxarte arrogante  
 não quer que Lisipo a obre;  
 e porque a glória lhe sobre  
 imitando ao natural;  
 do seu mesmo original  
 formou a estátua mais nobre.

[Provavelmente do Secretário]

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao segundo Assunto.

### SONETO

Anaxarte êste extremo da fereza,  
 com razão, foi em pedra convertida;  
 porque a Ífis, rendendo a mesma vida  
 mostrou efeitos, da maior dureza.

Mas oh! que de uma ingrata, a natureza,  
que finezas não paga, agradecida,  
é inda mais, que uma pedra, endurecida,  
e como rocha, igual, na fortaleza.

Se Anaxarte, por cruel, e desumana,  
foi convertida, nessa pedra dura,  
quando excedia, às pedras, por tirana:

Ficava esta dureza, mais segura,  
em uma vida que oposta, às leis de humana,  
os afetos pagou, com a sepultura.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

Anaxarte convertida em pedra.

### DÉCIMA

A pedra hei de hoje apurar  
em que se converteria,  
se de Sal, ou Cantaria,  
se de fogo, ou de amolar:  
a última hão de afirmar  
que foi Idéias Ufanas,  
e as conjunturas são lhanas,  
pois antes da conversão,  
é comum opinião  
que amolara as palanganas.

Do Careta das Sortes  
*André Carvalho.*

Ao segundo Assunto.

### SONETO

Quando mais empenhado, Ífis se via,  
Em amar Anaxarte rigorosa,  
Tanto mais, esta dama, desdenhosa  
A seu amor, ingrata resistia.

Originou tão forte antipatia,  
A morte mais estranha, e lastimosa;  
Pois sendo, em circunstâncias, horrorosa,  
Atenções, pela causa, merecia.

Era justo que amor tão elevado,  
Os créditos lograsse da firmeza,  
De que o pode privar, o duro fado.

E para ser eterna esta fineza:  
Anaxarte é padrão, em que gravado  
Se conserva o triunfo desta emprêsa.

*Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Assunto segundo.

Anaxarte convertida em pedra.

## ROMANCE HERÓICO

Em pedra justamente transformada,  
ó Anaxarte, mais que as pedras duras,  
mudaste a forma, não a Natureza,  
que a tua Crueldade não se muda.

Rígida, inexorável, e tirana,  
não coube em ti piedade, nem brandura  
a insensível condição das pedras,  
em todo o tempo foi condição tua.

Na flor da idade, no Abril dos anos  
sendo em ti engraçada a Formosura,  
pois só contigo Amor o desgraçado,  
foi o querer-te bem, a maior culpa.

Nem os afetos, nem os sacrificios  
que Ífis te dedicou, poderão nunca  
abrandar teu rigor; não se enteneça  
quem desumana só desdêns estuda.

Ífis airosa emulação de Adônis,  
Ífis de Amor Idéia sem segunda,  
em quem se uniu o brio, e gentileza,  
em quem se viu o garbo, e compostura.

Jamais quiseste olhar para os seus rogos,  
jamais quiseste ouvir suas ternuras,  
para os carinhos foste sempre cega,  
para os afagos foste sempre surda.

Ó se nascesses feia, horrível fosses,  
não fora sem razão o seres crua  
mas sendo amável, por nasceres bela,  
não pode a tirania ter desculpa.

Cansado já de tantas esquivanças  
busca Ífis no Ar a sepultura;  
para que o Ar seus últimos suspiros  
nessa tua impiedade os introduza.

Nem assim te abrandaste: porém Vênus  
logo em duro Penhasco te transmuta  
já não és Anaxarte, és pedra tósca  
a tua condição se perpetua.

Mármoreos são os delicados membros,  
empedernida essa Beleza culta  
nem à vingança, nem ao sentimento,  
os ais em triste ecos articula.

Da Crueldade eterno Monumento  
vive, depois da morte, em ti segura  
a memória de Ífis. Tu não vives,  
já nessa mesma pedra te sepultas.

És Rochedo intratável, pedra fria  
horror of'reces, impiedade inculcas;  
sendo de Ífis Mausoléu ingrato  
és de ti mesma exacrável Urna.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

## Anaxarte convertida em pedra.

## SONETO

O amor para Anaxarte já esquivava,  
 Suspendeu no ar a Ífis de má sorte,  
 A parca cruel lhe deu horrenda morte,  
 Da qual ela não quis ser compassiva:

Por Vênus foi com influência mui ativa,  
 Logo ali convertida em pedra forte,  
 Que no airoso zombava de Mavorte  
 Donde a memória existe hoje viva.

Parou em penedo duro tão sereno,  
 De Anaxarte tôda a sua presunção,  
 Que cobre a formosura do veno. (sic)

De Ífis, e de Anaxarte foi isenção,  
 Que ela não se rendeu do amor obsceno,  
 Ai cruel pago sempre as mulheres dão!

*Do Padre Manuel Cerqueira Leal.*

## Anaxarte convertida em pedra.

## SONETO

De Anaxarte o rigor com que maltrata  
 Ao Deus vendado, tanto a mais excita,  
 Que em pedra a transformou, cópia perita  
 Do original, que o coração retrata.

Esta, que por vingança se retrata,  
 Melhor é por fineza se repita;  
 Pois nestas aparências solicita  
 Os atributos aumentar de ingrata.

Se na transformação Vênus procura  
 Vencer de Ífis amante a morte fera,  
 Não converta a Anaxarte em pedra dura.

Que quem de pedra o ser, tanto exagera  
Terá por mais desaires da ventura  
Se convertida foi em branda cêra.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Anaxarte convertida em pedra.

### SILVA JOCO-SÉRIA

Não há quem possa ter-se a cartas novas:  
vá de Silva, Senhores, vá de trovas;  
mas não sei se haverá quem me censure;  
de que haja paciência, que me ature,  
por ser nas conferências costumado  
a dar (como na de hoje) um bom mercado.  
E certo tem razão, quem me condena,  
porque o muito, e ruim, sempre deu pena;  
porisso houve um discreto, que dizia,  
que o pouco (inda que mau) não enfastia.

O Senhor Secretário de paciência  
um pouco se arme, nesta Conferência,  
que só dos versos meus o calendário  
é capaz de matar o Secretário.

Se o seu officio por desgraça é êste  
devem ser os meus versos uma peste.  
Seja assim, não ergamos novas lebres,  
causem mortes, fastios, tosses, febres,  
que de fazê-los tais ou quais deixara  
se quem mandar-me pode, me mandara.

Ai que neste período que gasto  
do assunto creio dizem, que me afasto,  
que se nos deu para esta Academia  
de uma Dama de pedra; quem diria;  
que de pedra haja Damas nesta era.  
Em que tôdas as damas são de cêra;  
porém com esta amor não tendo medra,  
sempre foi para Ífis dura pedra;  
de tal sorte que amava sem ventura  
em Anaxarte ingrata, a formosura.  
E depois de haver dado com notória



pena, bastantes tratos à memória,  
 apertando o cordel do sofrimento  
 o carrasco cruel do pensamento,  
 no potro do desprezo em que baratos  
 não são para os amantes êstes tratos;  
 por sentença fatal do iníquo fado,  
 foi por amante à morte condenado.

Por não viver na terra com desaires  
 a morrer se passou a **buenos aires**,  
 (qual Absalão) ficando o pobre môço,  
 da diáfana região, sem destroços,  
 sem que até aqui (nos ares suspenso)  
 no chão (ou no que o fôr) tenha caído:  
 dando exemplo aos amantes desprezados,  
 para poderem ver-se assim vingados.  
 Com que qualquer à vista dêste espelho  
 se lhe parecer bem, tome o conselho.  
 Que se eu alguma dama lisonjeira,  
 quer muito bem, quer muito mal me queira,  
 lhe disser, que por ela morreria,  
 lhe peças me não creia em cortesia!

Fiquem de amantes êsses exemplos ferros,  
 para os Píramos, Tribes, para as Heros,  
 que o meu amor temendo ao sobressalto,  
 como Ífis, não quer não, subir tão alto,  
 cuja morte vingou Vênus sentida,  
 como quem dêstes males foi ferida,  
 em pedra convertendo com tôda arte  
 a Senhora duríssima Anaxarte.

Retratando por fora sem defeito:  
 ao duro coração que tem no peito,  
 ao qual unida como ao tronco a edra  
 d'uma pedra ficou junto outra pedra,  
 e dissera (a não ter dos Zoilos mêdo)  
 que junto de um penedo, outro penedo.  
 Do consoante a fôrça a culpa teve  
 ser edra, e não ser hera se releve.

Nunca Anaxarte foi menos ingrata,  
 que quando em pedra Vênus a retrata;  
 pois verdade falando,  
 menos que pedra foi seu peito brando:  
 de tal maneira, que a seu peito ingrato  
 serviu aquela pedra de retrato.  
 E coberto com ela, parecia  
 brando cristal, que a dura pedra cria,

que com reflexos de luzidos ensaios  
 contra os de Febo vibra ardentes raios.  
 Pouco de namorado Ífis mostrava  
 pois com rogos sômente conquistava  
 de Anaxarte a beleza,  
 disfarçada na rústica fereza  
 de condição tão dura,  
 que de índice servia à formosura,  
 porque (sem que êste ponto se debata)  
 tanto val ser formosa, como ingrata.  
 Bem Ífis o sentiu, em seus pesares  
 pois por ela se pôs, por êsses ares.  
 Para render a esta, ou qualquer dama,  
 que na dureza os mármoreos infama,  
 as dádivas sem meios mais seguros  
 de conquistar de pedra os peitos duros;  
 que axioma é das Côrtes, e das brenhas,  
 que dádivas quebrantam duras penhas.  
 Esta Dama que pedra considero  
 se não ficou por seu natural fero  
 do que a Ífis causou arrependida  
 ficou de todo ao menos convertida.  
 E se Ífis leve foi por seu desprezo  
 pôsto no ar, que foi mulher de pêso  
 todos viram, e qual se de Lot fôra  
 a salitrada espôsa esta Senhora,  
 em pedra convertida,  
 a seu pesar ficou por tôda a vida,  
 que quem tão dura foi, e foi tão fátua  
 nasceu para morrer de pedra estátua.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Anaxarte convertida em pedra.

## DÉCIMAS

Ífis de Anaxarte a morte  
 tomou voluntariamente,  
 porque a um constante amor sente  
 uma ingratidão constante.

Vênus vendo agonizante  
o jovem, compadecida  
de não poder dar-lhe a vida  
quis (em pena dêste mal)  
que uma estátua de cristal  
fôsse em pedra convertida.

De Anaxarte era a dureza  
tanta, que naquele insulto,  
transformado em pedra o vulto  
não mudou a natureza.

Enganando-se a fineza  
de Ífis amante, essa ingrata,  
de tal maneira o maltrata,  
que do seu rigor suspeito,  
a matéria do seu peito,  
a do seu vulto retrata.

Ífis mostrava constante  
do seu coração a medra  
mas Anaxarte, de pedra  
tinha o seu, e não diamante.  
Porisso não foi bastante  
fineza, a brava loucura  
em que a vida dar procura:  
Porque de amor o cinzel  
louvar não pôde um cruel  
coração de pedra dura.

Ífis desfavorecido  
a vida perde contente,  
que perder o menos sente  
quem o todo tem perdido.  
Julgando como entendido  
se de Anaxarte duvidou,  
lhe negava o bem maior,  
no bem, que não conseguia,  
na vida nada perdia  
perdendo tudo no amor.

Se era Anaxarte formosa,  
e por extremo querida,  
por consequência sabida  
se tira, ser rigorosa.

Padeça Ífis a penosa  
morte, já que sem ventura  
correspondências procura,  
e é bem sinta êste rigor  
quem sem mérito o favor  
busca de uma formosura.

Em Anaxarte contemplo,  
em Ífis vejo constante,  
um raro exemplo de amante,  
da ingratidão raro exemplo.  
Orne Cupido o templo,  
de Ífis a trágica história,  
de Anaxarte a vanglória  
de que fiz ostentação  
no templo da ingratidão  
se guarde sua memória.

Do Acadêmico Infeliz.

[*João de Brito e Lima*]

Anaxarte convertida em pedra.

## ROMANCE

Ífis suspende êsse impulso,  
a que um desprêzo te arroja,  
que é malograda entre amantes  
fineza, que se malogra.  
Se no recíproco trato  
a fineza se acrisola,  
não obres por Anaxarte  
o que ela por ti não obra.  
De Anaxarte a ingratidão  
Ífis, se discreto fôras  
de antídoto te servira  
a tuas queixas penosas.  
Como ingrata a não querias  
se tanta beleza logra  
que para ser Anaxarte  
cruel, basta ser formosa.  
Porém de um desprêzo a pena

a quem entendido adora,  
parece que mais a sente  
quando menos a suporta.  
Contudo quero argüir-te  
neste excesso com que obras,  
para amor tão excessivo  
foi esta fineza imprópria.  
Viver para padecer  
é fineza generosa,  
que morrer por não ter penas  
de Amor é máxima afronta.  
Porque se a morte termina  
qualquer pena rigorosa,  
quem mais vive padecendo  
mais acredita as lisonjas.  
Entregares-te ao suplício  
Ífis, por quem não te adora,  
se isso a não mova a piedade  
pouco, qual saiba te importa.  
Se tiveras a certeza,  
que Anaxarte dava mostras  
de sentida, morrerias  
ao menos com essa glória.  
Porém, que a transforme Vênus  
em pedra por ti, que importa  
se teu maior gôsto ofendes  
no gôsto que nisso mostras.  
Demais que nestes extremos  
foi de ambos (se bem se nota)  
sacrifício involuntário  
o que em ti fineza própria.  
Mas ainda que de Anaxarte  
o fim anteviras, fôra  
descrédito das finezas  
afetar vinganças loucas.  
Porque quem fino idolatra  
a quem mal lhe corresponda,  
acumulando serviços  
de amante o crédito abona.  
Seja convertida em pedra  
Anaxarte muito embora;  
mais julgue-se, que sentiras  
Ífis de a ver nessa forma.  
Não desdoure esta vingança.  
Fineza, que é tão heróica

de morrer, sem aspirar  
 a dita de quem adora.  
 Porém falando verdade  
 Ífis se possível fôra  
 de a veres formada em pedra  
 não lhe estranharas a forma.  
 Porque sempre para ti  
 Anaxarte rigorosa  
 [tem] de pedra as entranhas  
 tem o coração de rocha.  
 E inda creio que mais duro  
 que as lágrimas amorosas  
 se não moveu, sendo certo  
 que agora a pedra dura corta.  
 Com que por ela, e por ti  
 podemos dizer agora,  
 morre ela porque não quer  
 tu por queres te enforcas.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao segundo assunto.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Era e não vês (vá de conto)  
 Anaxarte uma menina  
 formosa como mil ouros,  
 discreta às mil maravilhas:

Era sem enfeite airosa,  
 e sem melindre era linda,  
 alegre como u'as páscoas,  
 como umas flôres bonita;

Era dama de altas prendas  
 (conforme tive notícia)  
 garrida como ela mesma,  
 engraçada como trinta;

Tinha seu pico, e donaire  
a boa da rapariga  
tal, que no donaire, e pico  
um pino de ouro valia;

Vivia parede em meio  
de certo môço esta Ninfa,  
que dizem que neste tempo  
foi senhor de picardia.

Mancebo de muitos dotes  
como Ovídio no-lo pinta,  
mas de dote nem zombando  
porque nem zombando o tinha.

Era um pobretão enfim,  
se bem que todos me afirmam  
foi homem rico de partes,  
e de habilidades ricas;

Tocava mui destramente  
a sarabanda, e arrepia  
porém de cruzado nunca  
pôde entender nem por cifra:

Era poeta o muchacho  
de conta, pêso, e medida;  
mas de oitavas nem por sombra  
valor, nem forma sabia.

Chamava-se Ífis o tal,  
de cuja estirpe, e família  
[nenhum] me disse até agora  
coisa de memória digna:

Êste pois muito em seus treze  
pêlo sôlto, e barba lisa  
de noite feito espantalho  
feito estafêrmo de dia.

Era amante de Anaxarte,  
por quem de amor esta dita  
dava mais voltas que Nora,  
e mais revoltas que Tia:

Velando dias, e noites  
por cantos, e por esquinas,  
sendo veleta dos ares  
por ela os ares bebia.

Perdido de amôres como  
tôdas as coisas perdidas,  
quanto mais perdido andava  
mais cada vez se perdia :

Porque a cachopa de ingrata,  
por ser algum tanto altiva  
era a seus suspiros surda,  
e a suas vozes surdina.

Ífis desesperado  
Anaxarte de corrida  
êle sentia o que obrava  
ela obrava o que sentia.

Porque mais dura que um seixo,  
e mais que um penhasco esquiva  
jamais a finezas de Ífis  
amante correspondia :

Antes feita um Basilisco  
tinha tão grande ojeriza  
ao môço, que por não vê-lo  
nunca à janela se via ;

Morria o pobre coitado  
por adorá-la, e servi-la,  
mas tudo nulo ; que o bruto  
a nada se demovia :

Cansado já, porque enfim  
tudo cansa, e tudo finda  
quis morrer de uma só vez  
já que de tantas morria.

Mas antes dar um descante  
por última despedida  
quis dar a bela Anaxarte  
por quem de amôres se fina.



Tocou certa corda, e logo  
armando uma sancadilha  
fêz um passo de garganta  
com quem passou desta vida:

Morreu em fino (requiescat  
lá nesta Lagoa Estígia)  
Ífis como um passarinho  
de mal de Esparta à Mourisca.

Soube Anaxarte a tragédia  
de que fôra causa prima  
e lá nos Campos Elíseos  
foi fazer-lhe companhia:

Porque já tarde amorosa  
seja tarde arrependida  
já que na vida não o fôra  
foi na morte compassiva:

Adoeceu mortalmente  
de dor de febre a menina,  
e dentro de poucas horas  
ficou nela convertida;

Converteu-se em dura pedra  
porém que pedra seria  
não se sabe; esta de história  
a verdade, ou a mentira;

Se passei das vinte coplas,  
o caso assim o pedia  
se não contenta por isto,  
desse por não recebida:

*De João de Brito e Lima.*

Ao segundo Assunto

### SONETO

Não quis a cruel sorte dar-te vida,  
porque nos teus afetos mal logrados,  
em contraste os arpões mais afiados:  
com que te deu amor cruel ferida.

Se a uma áspera Anaxarte, empedernida  
sacrificar quiseste teus agrados,  
em que penha se vêem comunicados  
os empregos de uma alma, a amor rendida:

Bem que fôsse teu êrro, Ífis bastante,  
para acabar-te na maior ternura  
a um imóvel ídolo, e inconstante:

Que o ódio converteu em pedra dura,  
porque vendo-te morto, a mais constante  
pedra fôsse da tua sepultura.

*Por Manuel Ferreira da Luz*

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Ao 2.º Assunto de Anaxarte convertida em  
pedra.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Esta é a segunda via  
que escrevo a vossas mercês  
por mão do segundo assunto  
que é portador mui fiel:

Anaxarte convertida  
em pedra, se me of'receu  
para levar esta carta  
à Academia, e eu lha dei.

Explicou-se por acenos,  
e foi muito que a mulher  
raras vêzes por calada  
conexão com as pedras tem.

Enganou-se muita gente  
com ela, e eu não me enganei,  
que se alvinha é como um jaspe  
quis de pedra parecer.

Como as vontades atraí  
não duvido possa ser

- de pedra, porque da Ímã  
as propriedades tem.
- Diga-o desgraçado Isis (sic)  
que atraído de um desdém  
sendo forte como um aço  
por ela se suspendeu.
- De que casta a pedra seja  
se é que o diamante não é,  
o rubim, e a esmeralda  
me resta agora saber.
- Porém conforme o que entendo  
julgo ser de tôdas três,  
porque é linda como a jóia  
e em si tôdas há de ter.
- Reparem que pois por duas  
ricas esmeraldas vê,  
se tem nos dentes diamantes  
que rubins na bôca tem.
- Mui sisudo me hei portado  
porque esta noite sonhei  
que o sério com jocoso  
quiseram pazes fazer.
- Mas como não creio em sonhos  
siga o sério quem quiser,  
que eu por tratar do jocoso  
tais pazes não confirmei.
- Dizei-me bela Anaxarte,  
que novas quereis que eu dê  
de vós a nossa Academia  
se em pedra vos converteis?
- Que lograis grande fortuna?  
se, pois livre de tais [deveis]  
entre as cem razões do mundo  
as cem razões mais cruéis.
- Primeiramente a uma velha  
enfeitada, e o que mais é;  
a u'a môça presumida  
feia como um Lucifer.
- A um presumido néscio,  
e a um Poeta nóvel  
que cuida do sacro monte  
que entre as nove assento tem.
- A um galo tão inchado  
que porque tem que comer  
com dar de comer ao mundo  
nunca a si se satisfêz.

A um soberbo que no mundo  
vive sem Deus, e sem lei  
porque para êle cuida  
que o mundo um caminho é.

A um ingrato que fugindo  
do agradecimento às Leis,  
faz Lei contra os benefícios  
com os não agradecer.

A um murmurador que tendo  
consigo o bem que entender  
vê o arqueiro no vizinho,  
e em si a tranca não vê.

Finalmente a um falso amigo,  
e de pulo enriquecer  
um mercador em um ano,  
e um taverneiro em um mês.

Mas dos homens desta casta,  
ou gente dêste jaez  
se qualquer pedra murmura  
vós por que não falareis?

Porém calai-vos embora,  
se pedra sois não faleis,  
que eu também por não falar  
quero já de pedra ser.

Estas são as novidades  
que entre os tabaréus achei,  
não há cá outros sucessos  
de que mais notícias dê.

Em tudo o mais me remeto  
ao meu primeiro papel  
no qual sem ser retardado  
uma pedra aqui porei.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Anaxarte convertida em pedra.

### SONETO

Conta Ovídio, que mente sem piedade  
Que para trás das costas se tornava  
Em mulher tôda a pedra, que lançava  
Pirra depois da grande tempestade.

Agora Anaxarete, essa é verdade,  
 Que Apolo muitas vezes me contava,  
 Que quando ao Ífis seu as costas dava,  
 Em pedra se tornou na realidade.

Mas eu cuido, que muito antes de agora,  
 Anaxarte co as pedras já convinha  
 No rigor, que em seu duro peito mora.

E converter-se em pedra tão asinha,  
 Não foi mais que mostrar também por fora  
 A dureza, que o peito dentro tinha.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ad 2um Assumptum

### EPIGRAMMA

Prorsus Anaxarete constantem lusit amantem,  
 Qui uoluit uitam sacrificare suam.  
 Durities in corde fuit, nec iam amplius ulla  
 Est illi pictas, indeque facta lapis.  
 Forsitan in lapidem fuerit cur uersa requiras?  
 Tunc quia dura fuit, nunc lapis ipsa manet.

*Luís Canelo de Noronha.*

Converte-se Anaxarte em pedra.

### DÉCIMA

Certo amante desgraçado  
 Tais constâncias pretendia  
 De Anaxarte, que a queria  
 Qual de amante sublimado.  
 Sendo porém condenado  
 A tormento o fino amante,  
 Anaxarte então constante  
 Em pedra se transformou:  
 Mas isto pouco custou  
 A quem já era diamante.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência.

### SONETO

Uma beleza rara, mas esquiva  
 Viu Chipre em seu Teatro florescente,  
 Honestando Anaxarte continente  
 Tudo quanto estragou Vênus lasciva,

Porque não foi a Ífis compassiva,  
 Se lhe decreta em pena competente,  
 Seja um corpo de pedra permanente  
 Pois tinha um coração de pedra viva.

Ífis tomou a morte nesta emprêsa  
 E a vida fêz despôjo da vontade,  
 Anaxarte fêz glória da dureza,

E ambos durando na posteridade,  
 Um vivo exemplo tem nêle a fineza,  
 Nela um Padrão de pedra a crueldade.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Anaxarte convertida em pedra.  
 Assunto lírico da presente conferência.

### DÉCIMAS JOCO-SÉRIAS

Uma dureza excessiva,  
 um estranho, e triste passo  
 vem hoje ao nosso Parnaso  
 pôr Idéia em pedra viva.  
 Para escrever desta esquiva  
 feita de pedra um Padrão  
 as minhas Letras serão  
 neste impulso que as ordena,  
 não escritas com a pena,  
 mas abertas ao picão.

Anaxarte transformada  
inda se mostra teimosa  
se em carne foi desdenhosa  
em pedra vive amuada.  
Estátua está fabricada  
não de fina pedraria,  
porém de pouca valia,  
e podendo mais humana  
ser obra de filigrama  
é obra de cantaria.

Não é projeto inimigo,  
que quem com ingratidão  
foi pedra por condição,  
seja pedra por castigo.  
Se ingrata ao maior amigo  
tão cruel contra êle estêve,  
e um favor lhe não fêz breve  
que importa em tão pouca medra  
que tenha corpo de pedra  
se Alma de cântaro teve.

De melancólico adusto  
o Amante se deu à morte,  
e a Dama de calhau forte  
nem lhe fêz da Pira o custo.  
Ela dura, êle robusto  
ambos de vária maneira  
a tirania, e cegueira  
podem formar dois colossos,  
Ífis em montanha de ossos,  
Anaxarte em pederneira.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao 2.º

## SONETO

Viu Ífis Anaxarte, ninfa bela,  
generosa no sangue, e na pessoa;  
e tanto da lindeza se afeiçoa,  
que perde a liberdade só de vê-la:

Ifis rendido, com infausta estrêla,  
cultos de amor humildes apregoa;  
e se nas asas da fineza voa,  
Ícaro perde a vida por querê-la.

De Anaxarte porém a formosura  
tanto despreza, rocha endurecida,  
de Ífis o amor, que a morte lhe procura:

Morreu fino; e dispôs, com merecida  
vingança, amor, que pedra acabe dura,  
a que pedra tirou ao môço a vida.

*Do Menos Ocupado.*

Ao Assunto Lírico de Anaxarte convertida em  
Estátua de pedra.

### ROMANCE

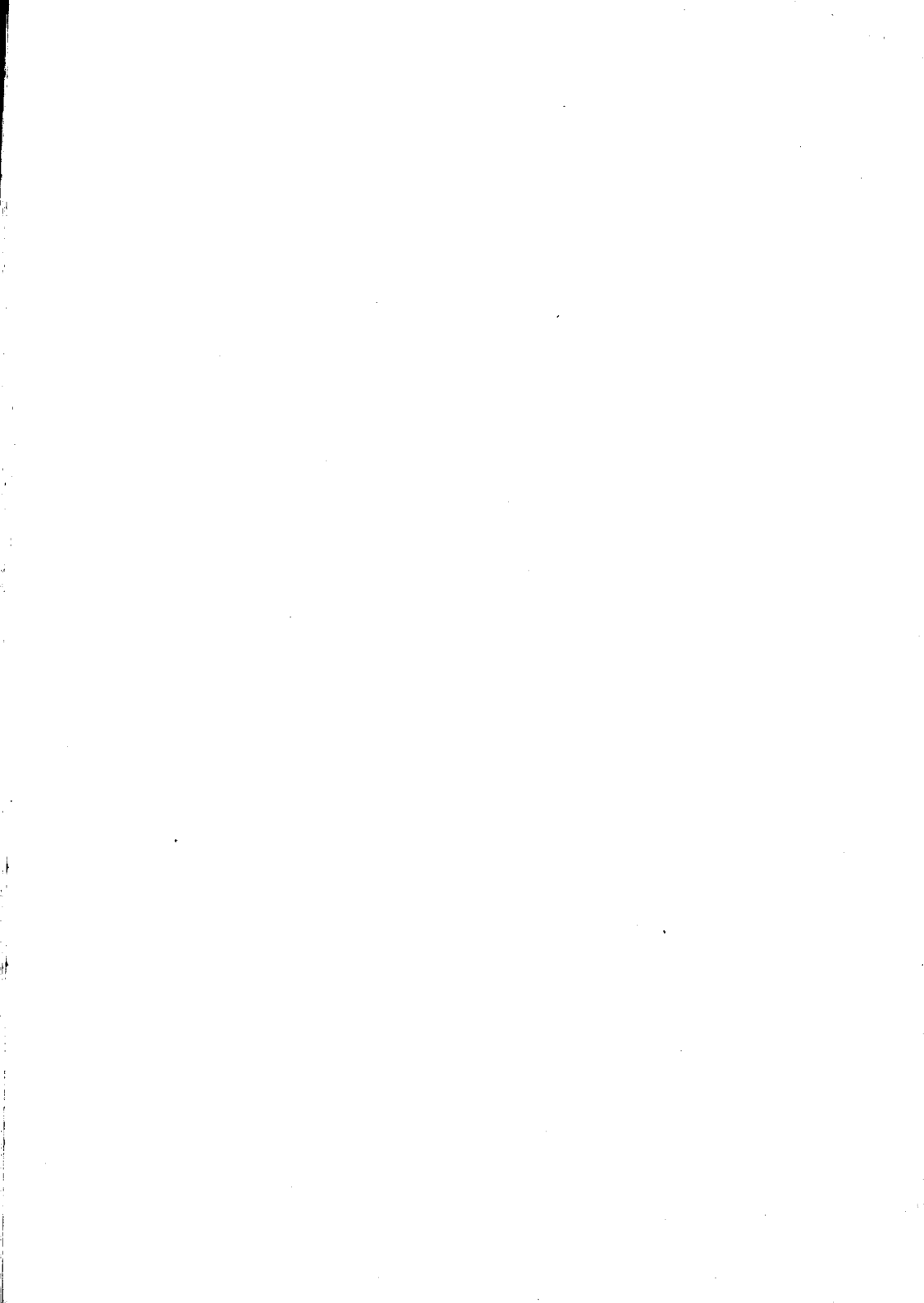
Com um Assunto tão duro,  
quem quiser quebre a cabeça  
que não quer a minha Musa  
com pedras sangrar a veia.  
Deu o senhor Presidente  
uma Estátua por emprêsa,  
e para que fôsse grave,  
quis que a tal fôsse de pedra.  
Porém sei há muito embora,  
que eu disto não tenho pena;  
pois debaixo de um penedo,  
não sou tolo que me meta.  
Tome quem quiser o plectro;  
chame a Apolo, apure a veia;  
que eu não quero que me digam,  
que sou um doido de pedras.  
Fique a Estátua como está,  
sem ninguém bulir com ela,  
que como é pedra receio  
venha a dar-lhe na cabeça.



Eu suponho que este marmor,  
segundo ouço dizer; era  
um selvagem de um gentio  
que se converteu em pedra.  
Porém seja como fôr;  
desta maneira, ou daquela;  
fujo de assunto escabroso  
que tenho a Musa moderna.  
Ande por amenos campos,  
corra por prados, e relvas:  
mas por pedras; isto não:  
que lhe quebre alguma perna.  
Quanto mais este penedo,  
que a qualquer velho poeta,  
lhe pode amassar a alma,  
e apurar a paciência.  
Porque por mais lapidários,  
que sejam muitos poetas;  
eu não vi pedra de toque  
melhor, que este stratagemma.  
Cuidaria o Presidente  
que são os Poetas Emas,  
que engolir podem penedos,  
assim como comem Letras.  
Não me espanto eu muito disso:  
pois é coisa muito certa  
que quem tem tão boa bôca,  
tenha melhor a goela.  
Ou se não: que é bem feito,  
a quem com o juízo a vê-la  
anda sempre, para lastro  
meter-lhe no bucho a pedra.  
Mas que no fígado eu creio  
É seu intento meter-lha;  
como pedra de estancar  
quando se lhe solta a veia.  
Mas não: pôs a pedra em pé  
como quem armava as pégas;  
cai, não cai; toca, não toca;  
guarte pego da esparrela.

*De um Anônimo Discípulo Obsequioso  
da Ordem do Padre Presidente Frei  
Luís da Purificação.*

16.a CONFERÊNCIA  
DE 27 DE DEZEMBRO



**Oração Acadêmica** em que se discute esta questão curiosa: Qual foi o mais illustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nêle se introduziram as armas Portugêsas, ou o segundo, em que nêle se descobriram os tesouros das Academias?

Controvertida foi sempre pelos maiores heróis da Antigüidade a máxima entre as armas e as Letras: demanda, em que pesados em igual balança os merecimentos de uma, e outra parte, se aclamou sempre a vitória nos arraiais da sabedoria. Tal foi, a que na instituição da famosa Cidade de Atenas viram antigamente as idades de ouro, e nós hoje ouvimos com assombro, quando contenderam entre si Palas e Netuno sôbre qual dos dois havia de dar o nome àquela Cidade, que não se contentando com o primeiro que lhe dera o seu autor, aspirava a ter mais nome no mundo. Decidiu-se em breve a contenda; e como esta causa havia de ser julgada no tribunal dos Deuses, perorando em favor de Palas a justiça, e a razão, teve por si a sentença, que para crédito das mesmas Letras mandou gravar nas asas da fama. E como se não bastara aquela final sentença, que se deu em tribunal Supremo, e desapaixonado, ainda refratárias as armas apelaram muitas vêzes dela para os homens, sem alegar por si outras razões mais, que as que lhe ditava a inveja, e luzimento das Letras. Mas se em algum tempo se armaram de maior esforço, e aguçaram as armas, certamente foi neste felicíssimo século, em que patrocinadas as Letras de um César Lusitano, não lhe bastando já por teatro tôda Europa, intenta ocupar com suas luzes a mais nobre parte do mundo nôvo. E devendo servir-lhe para desconfiar da vitória, ver que um tal Príncipe ao mesmo tempo que toma em uma mão as Letras, para as levantar, na outra empunha a espada para as defender, cobram ainda assim ânimo, para com aparentes razões deslustrar ao Brasil todo o seu luzimento. E já formando queixas de mal correspondidas pelo muito que obraram na América em seus princípios, procuram nas mesmas tábuas do seu naufrágio salvar a autoridade, que lamentam perdida.

Mas já é tempo, que para glória da mesma sabedoria ouçamos as queixas, que propõem as armas, para de uma vez as convencer com suas mesmas razões. Instituirei pois um juízo, no qual tomarei por argumento excitar esta questão curiosa: qual foi o mais ilustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nêle se introduziram as armas Portuguezas; ou o segundo, em que nêle se descobriram os tesouros das Academias? Proporão aqui as partes litigantes suas razões: não darei eu a sentença nesta causa; porém a mesma verdade, que aparecerá nua de toda a paixão, e vestida de justiça, será a que em favor da sabedoria dirimirá a contenda. Esta é, Senhor, a demanda, que no reto tribunal de Vossa Excelência apresentam (sic) hoje as armas, presumindo talvez da vitória por terem à vista a um Marte belicoso. Mas como as Letras se vêem já no Palácio de um César mais bem defendidas, que antigamente o foram no de Augusto, já de agora me atrevo a prometer-lhes o vencimento. Se bem me fica o receio de não ser competente à grandeza desta causa o Orador, que costumado às sombras do Parnaso, poderá cegar-se com as luzes de tão nobre Academia. Mas como acha em Vossa Excelência estrêla, que seguir, entre tôdas as mais resplandecente: — **micat inter omnes Iulium sidus**, (1) falará acertado, se não como digno Panegirista de uma Palas, como perfeito obediente de um César.

Entrando pois a discutir a questão, me propõem já as armas revestidas de um furor Marcial a primeira razão, com que pretendem trazer à justiça toda a sua parte. Alegam em primeiro lugar a primazia, que lograram as armas Portuguezas na gloriosa conquista do Brasil, sendo as primeiras que nos desertos da América fizeram soar o nome Português nos ouvidos de seus habitantes. E quem duvida ser êste descobrimento o mais ilustre, pelo que teve de mais antecipado. Podia tanto esta razão no conceito dos Romanos, que costumavam premiar com uma certa coroa, a que chamavam naval, àquele que primeiro pusesse o pé dentro de alguma nau inimiga, como do grande Augusto refere Suetônio, que fizera com Agripa.

É a primazia o primeiro caráter de estimação, que se imprime em qualquer obra, ainda nas ordinárias da natureza. As primeiras flôres da primavera, e os primeiros frutos do Outono costumam ser os de maior estimação entre os homens.

Nem algum me pode negar ser emprêsa mais gloriosa imprimir vestígios, que possam seguir os Vindouros, que assentaram pé no que deixaram os Antepassados. O primeiro excede às

---

(1) Hor., Od. 12. L. 1.º

lógica da natureza, o segundo não passa de um valor ordinário. Anallin parece o instituiu o Venusino, falando a outro propósito, para a honra intento

**Illl robur, et res triplex  
Circa pectus erat, qui fragilem truci  
Comitit pelago ratem Primus. (2)**

E a razão disto é mui natural; porque como a glória se adquire rompendo por dificuldades — **ardua per praecepi gloria uadititer**; (3) sem dúvida quem primeiro viu o rosto ao perigo, e fêz caminho por montes de dificuldades, mais cedo encontra com a glória, que procura. Aos Antepassados costumam chamar os Latinos **maiores**; e com muita propriedade, para que entendamos, que ainda a maioria que costuma fazer o tempo, não deixa de ser preferência para o merecimento. Se houvesse quem à imitação de Hércules roubasse às Hispérides seus pomos de ouro, não roubaria contudo a Hércules a glória de ser o primeiro, que franqueou as portas do horto até ali fechadas ao maior valor. Se se achasse quem com maior valentia que a de Jasão despojasse a Colchos do seu velocínio, não privaria aos Argonautas da glória, com que trouxeram em triunfo pelas águas do Helesponto o despôjo de ouro. Enfim que se as Letras agora florescem nos dilatados campos da América, foram primeiro regadas com o sangue, que esgotaram as armas Portuguêsas das veias de seus naturais. Não negam contudo às Letras o seu luzimento; porque não querem mostrar, que se deixam cegar de suas luzes; mais como o reconheem produzido nas fôlhas de suas mesmas espadas, querem só, que se confessem tributárias à primeira origem. Ninguém nega à Fênix seu segundo nascimento; por não parecer que negam Luzes ao Sol, do qual bebem a vida as suas cinzas; mas comparado com o primeiro nascimento, que recebeu das mãos de Deus, lhe fica tanto a perder de vista, como o morto ao vivo, e o pintado ao real, e verdadeiro. E na verdade se esta só razão se examinasse no tribunal da boa Filosofia, achariam as armas tôda a justiça a seu favor; pois sabemos que a bondade quando se acrescenta de dependência, tanto se lhe diminui de perfeição.

Porém inda assim não se dão por seguras as armas Portuguêsas; e porque não se fiam só de razões, que costuma enfeitar a eloquência, querem usar de suas próprias artes, e como outro Alexandre (4) levar a espada à demanda, para logo um golpe

(2) Hor., L. 1.º Od. 3

(3) Ovid., L. 4, Eleg. 3

(4) Curt. L.

cortar os vagares à vitória. E já armando-se de uma nova retórica, empenham-se mais a convencer os olhos, que [reduzir] os entendimentos. Pelo que, correndo a cortina ao que até aqui encobriam a vista, [as parecem] rubricadas — Com o próprio sangue, com que nos escrevem, e descrevem seus merecimentos, O descobrimento do Brasil (prosseguem elas) quem pode duvidar, que foi em tudo o mais glorioso; porque desde que nas ribeiras do Tejo desembainharam os Portuguezes a espada, para por ela mais que pela agulha seguirem a derrota do nôvo mundo, até hoje se não viu recolhida, havendo sempre de nôvo muito que cortar. De maneira, que o mesmo foi aparecerem aquêles espíritos belicosos na América, que entrar logo em um teatro de vitórias; como se o Brasil guardasse até ali incultos os seus matos para lhes cortar os louros aos vencedores. E logo ao som das armas se sentiu aquela região despertar do sono, do qual não foram poderosos para mover as vozes de um Orfeu e Anfião; porque só o valor do braço Português era instrumento proporcionado para tão difficil empresa. Ponhamos agora o Côro das Musas nos campos do Brasil ainda não cultivados, e que ao compasso do seu Apolo entoem a harmonia, que aprenderam no Parnaso. Veríamos sem dúvida então convertido em verdade o que de Ulisses fingem os Poetas, que applicando os dedos aos ouvidos dos Companheiros, lhes negara o ouvir a suave melodia das Sereias. Voltava então aquêlê herói vitorioso de Tróia, e feito havia tantos anos a horrorosa voz da trombeta e estrondo das armas, fugia desacostumado à doce voz das encantadoras. Render e conquistar nações, em cujas orelhas tem feito hábito a consonância de seus Ritos, não bastam vozes, que lisonjeiem, é necessário um estrondoso eco; a que não possam resistir as potências mais endurecidas.

Mas seja embora poderosa a voz de uma Musa, para com maior atividade, que a de uma Circe converter não já homens em feras, mas tôda a fereza em policia: e rendido já o Brasil ao doce som de uma Lira, cultive em suas brenhas as deliciosas flôres da eloquência; e em competência de Atenas fabrique templos, e levante altares à sabedoria; que nunca os poderia levantar à fama, sem que primeiro lhos talhasse o golpe do ferro; porque sepultado em sua mesma felicidade, occultaria até hoje aquêles tesouros, que descobertos o poderiam enriquecer. Pondera Plínio a importância dêste comércio, e conclui, que se acaso faltara êste aos Romanos, lhes faltaria também a vida. *Quis enim (diz êle) non communicato orbe terrarum, maiestate populi Romani proficisse uitam putet, commercio rerum, ac societate festae pacis, omniaque etiam, quae occulta ante fuerant, in promiscuo usu facta?* E é certo que [o comércio é] uma como alma das Repú-

bilena, e o que alenta as Monarquias; e assim como a Roma franquaram as armas a porta para o comércio, e publicaram a sua majestade fulminadas (sic) por todo o mundo; assim também pode conformar o Brasil, que a vida, que há tantos anos começou a respirar, deve ao esforço Português, que à custa de trabalhos próprios lhe lavrou estátuas pelo mundo. E se não bastam estas razões ao parecer forçosas, bastará a sentença, com que o mesmo autor remata o pensamento, que atrás ponderamos. **Aeternum, quaeo, Deorum sit munus istud: adeo Romanos uelut alteram Lucem dedisse rebus humanis uidentur.** Falava então Plínio do que tinha diante dos olhos; mas porque ao depois as armas Portuguêsas mais gloriosamente, que as dos Romanos, espalhariam pelo mundo as grandezas do Brasil, sem trocar mais que uma só palavra podemos exclamar com este autor — **Aeternum, quaeo, Deorum sit munus istud: adeo Lusitanos, uelut alteram etc.** A estas razões, que destramente souberam esgrimir as Armas Portuguêsas, se opõem já as Letras com outros mais fortes argumentos, que astutas souberam armar de uma boa retórica, com que levam quase seguro o vencimento. Contendeu em outro tempo Ulisses [com] Ajax o Telâmonto, e a contenda também foi de armas, e pôde tanto o astuto Grego enfeitar as razões com a Retórica, que obrigou ao Competidor a deixar-se cair sôbre a sua mesma espada, esmaltando com o próprio sangue a terra, que ao depois havia de enriquecer de novas flôres. Ó se caíssem em si as armas para verem a justiça, que não têm, e procuram tirar às Letras! Mas para se não persuadam ser esta verdade apreendida de nôvo na escola das Academias, ouçam para seu desengano, o que há mais tempo julgava o Historiador da natureza: **quanto plus est Romani ingenii terminos in tantum promouisse, quam imperii!** Não se pode dizer, que se enganara com a experiência, quem tão de perto examinou a natureza seus segredos. E como é possível, que recebendo Roma os primeiros ares da vida entre as armas, servindo-lhe de berço os mesmos escudos, como do seu Honório cantou lisonjeiro o Claudiano; assim seja [avaliada] por mais feliz no progresso das Letras, que no exercício das armas; sendo sempre o maior timbre dos Romanos aquêlê tão celebrado — **Parcere subiectis, et debelare superbos.** As razões calou o mesmo Plínio, que deu a sentença: e são as mesmas, que alegam por si as Letras, para provar que fôra mais illustre o descobrimento das Academias no Brasil. E seja a primeira, porque com as Academias se fêz o Brasil mais poderoso. Sucede ao Brasil no presente tempo com o exercício das Letras o mesmo que a Tróia com o seu Paládio. Era este uma famosa estátua de Palas, da qual tinham publicado os Oráculos, que enquanto se conservasse dentro daquela cidade, estaria segura de ser destruí-



da. É assim foi, que defendida Tróia com êste baluarte, pôde resistir por espaço de dez anos a todo o poder de Grécia: Viamos até agora ao Brasil, cercado de tantas fortalezas, e parecia-nos que estava seguro, e era engano; porque só com as estátuas de Pallas, que nêle se levantam por superior impulso, podemos com verdade dizer, que está fortificado. Parece paradoxo, e é verdade, que já supôs o Autor da **Arte Poética**, lamentando a falta que padecia Itália na cultura dos engenhos: — **nec uirtute foret, clarisue potentius armis, quam Lingua Latium, si non offenderet unumquemque poetarum Limae labor, et mora.** E não se pode negar, que falava das Academias, porque estas são, as que mais apuram o entendimento, e dão lustre às Letras. E é certo que nestes ensaios se exercitavam os mais destros Imperadores, para conservar em poder e autoridade às monarquias. Entre os Persas era Lei inviolável, que não chegasse algum a empunhar o cetro, que não fôsse exercitado nas ciências; porque julgavam por coisa impossível manter em autoridade um império àquele, a quem faltavam os ditames, que só sabe dar o estudo da sabedoria. Quantas vêzes pode um conselho assegurar uma Monarquia, que ameaçava ruína, e a que não bastava a (sic) defender todo o poder de Marte. Lembra-me aqui o que do Imperador Juliano referem as histórias, que costumava dividir a noite em três partes, das quais empregava a primeira no exercício das Academias: a segunda gastava com o pêso dos negócios: na última finalmente pagava o indispensável tributo ao sono. Feliz Império, no qual tanto se desvelavam os Soberanos com as Letras. Mas não só feliz, porque em competência tua se jacta hoje a mais nobre parte do Brasil onde se gastam muitas horas da noite com o louvável exercício das Academias, ardendo tantas luzes no altar da Sabedoria, quantos são os astros Acadêmicos, que nêle resplandecem. Enquanto Alexandre tomava o sono sôbre a **Iliada** de Homero, seguro pôde estar o Reino de Macedônia. A mesma segurança se pode prometer o Brasil na possessão de um Príncipe, que o governa, a quem entre o estrondo militar sabem conciliar descanso as poesias. Nem receie já, que com o ócio se lhe entorpeçam os ânimos, e diminua o poder, como em outro tempo temia Pésitrato; porque o ócio da Sabedoria, diz São Bernardo, que são negócios — **otia sapientiae, negotia sunt.** Negociação verdadeiramente arbitrada pela indústria de um Príncipe, que empenhado no argumento das Conquistas, pretende ganhar-lhe a autoridade, que até agora lhe faltava.

A segunda razão pode ser, porque com as Academias se fêz o Brasil mais conhecido. É êste argumento tão evidente, como a mesma luz; porque sendo o assunto desta nobre Academia a história do Brasil, para dar a conhecer ao mundo o muito que ou

sepultou o esquecimento, ou a pena dos Cronistas por mais pesada não pôde alcançar. Já pode desterrar as trevas da ignorância, que até agora o encobriam as nações mais remotas, onde pôsto que chegavam os seus tesouros, ficava sempre atrás o seu nome. Ó que motivo êste para o agradecimento, se se quiser lembrar o Brasil que agora começa a viver de nôvo, porque agora se vê ressuscitado do esquecimento, que no sentir de Sêneca é pouco menos que a morte. Agora com mais razão podemos dizer que vive, porque até agora só viviam dêle as nações estranhas. Já houve quem da sepultura do esquecimento o fizesse ressuscitar apesar do tempo, e da inveja, não por meio de estátuas mudas, que se não movem, mas de uma ligeira pena, que em breve tempo discorrera o mundo todo. Agora ouvirão novas do mundo nôvo, os que até agora só viam as novidades do nôvo mundo. Ouvirão as ações heróicas, que nêle obraram os primeiros conquistadores, e depois dêles, em diversos tempos continuarão seus sucessores, e legítimos herdeiros do espírito Lusitano. Ouvirão finalmente o muito que até aqui guardou o silêncio, e ocultou o descuido; porque já há uma voz, que desde a América fará eco nas mais distantes regiões da Europa.

Esta é a traça, que soube inventar a arte para suprir as faltas da natureza. A natureza empenhando-se a enriquecer tudo o que produziu das coisas mais proporcionadas para sua ostentação; não lhe permitiu o articular vozes, com que pudesse ser conhecido em lugares distantes. E nisto só, que lhes negou, lhes falta com o maior bem, e com a maior felicidade. O ser conhecido, o adquirir fama, e nome entre os homens, não pode deixar de ser a maior felicidade, pelo muito que é apetecido. Vejam-nos dos maiores homens que teve o mundo, que foram os Gigantes. Empreenderam a mais dificultosa obra, que viram as idades, e o alvo, a que atiraram, foi a manifestação de seu nome — **celebremus nomen nostrum**. O desejo foi acertado, mas errado o meio que tomaram para o conseguir. Levantaram uma desmarcada tôrre; mas como nela se haviam de confundir as línguas, mal se poderiam perceber as vozes pregoeiras de tal nome. Quem em uma tôrre tão alta gravou seu nome, quis mais ser visto, que ouvido: buscou-lhe a duração, mas não lhe conseguiu a fama; sendo que nem dentro de uma tôrre se defendem os nomes contra a violência da morte, que tudo acaba — **mors etiam saxis, nominibusque uenit**. Ninguém se engane com as tôrres por mais eminentes, que as veja: porque ainda quando nelas se descobrem muitas línguas, tôdas são confusas. Não há padrão mais seguro para dar a conhecer o bom nome, que a história; porque em uma só língua sabe publicar com voz mais sonora, que os bronzes

Dodonéus, os sucessos passados, fazendo-os presentes ao conhecimento de todos.

Quando aquêles habitadores do Paraíso entraram em presunção de serem imortais, se houvesse quem de uma parte lhes oferecesse as fôlhas destes livros, ao mesmo tempo, que a serpente lhes brindava com o fruto da árvore, quer me parecer, que não tragariam tão facilmente a morte naquele pomo. A desgraça estêve, em que assim como tiveram diante dos olhos, o que produzira a natureza, não vissem já então o que podia inventar a arte. Apeteceram a immortalidade; e como a tinham tanto à mão, colheram o fruto, e deixaram as fôlhas. Diferente foi porém a felicidade do Brasil, que como achou quem descobrisse nêle a virtude daquelas fôlhas, que sempre verdes sabem dar vida, e immortalizar o nome, já pode triunfar do esquecimento e ignorância, em que vivia.

Daqui mesmo nasce a terceira e última razão, com que mais eficazmente provam as Letras ser mais illustre o descobrimento das Academias no Brasil, porque por elas fêz mais permanente a sua glória. E sendo que isto parecerá argumentar com profecias de futuro, que costuma falsificar o tempo, como se fundam em princípios e causas necessárias, não podem deixar de resultar efeitos infalíveis. E quando vemos ao Brasil armado com tão fortes defensivos contra a corrupção dos tempos, que já agora lhe subministra a Academia, por que não poderemos assegurar-lhe uma firme duração? Com êstes defensivos se considerava seguro da invasão do tempo o Cisne da poesia Horácio, quando vaticinando-se immortalidade ao seu nome dizia —

Exegi monumentum aere perennius,  
 Regalique situ Pyramidum altius:  
 Quod non imber edax, aut aquilo impotens  
 Possit diruere, aut innumerabilis  
 Annorum series, aut fuga temporum:  
 Non omnis moriar

Chama-lhe monumentum, e com muita propriedade; porque não há, nem pode haver maior lembrança contra o esquecimento, que a escritura. Houveram (sic) Pirâmides no Egito, e gastou-as o tempo: houve um colosso em Rodes, e derreteu-o o fogo: houveram, (sic) e há hoje estátuas de mármore, que mostram competir na duração com o bronze, e tudo há de destruir os anos; mas de todos êstes contrários costumam triunfar os monumentos dos

POETAS. A estes continuam os Latinos dar o mesmo nome, que aos sepulcros, chamando-os monumentum. A razão não é fácil de averiguar. Eu dissera, que esta igualdade de nome lhes proveio da opposição, que as Letras fazem à sepultura, pois nela acham os mortos nova traça para continuarem a vida. E esta pode ser a razão, porque mandam os heróis esculpir nos sepulcros seus nomes, que desejam ver permanentes, porque não se fiam só dos mármorees, que os cobre (sic). Quando aquêlê famoso médico Esculápio restituiu a vida a Hipólito, que ao depois se chamou Virbio, fingiram os Poetas, que indignado Júpiter, por ver usurpada a sua jurisdição, o matara com um raio. E que outra coisa são os monumentos dos poetas, senão uns Esculápios do tempo? porém com melhor fortuna, porque sem temer os anos, que os acabem, nem a idade, que os consuma, até dos raios de Júpiter estão isentos, como advertiu Ovídio: —

*Iamque opus exegi, quod non Iouis ira, nec ignes,  
Nec poterit ferrum, nec edax abolere uetustas*

Dir-me-ão contra esta verdade, que também às Letras se atrevem os raios, e que ainda nos grandes nomes acham muitas vêzes que desfazer; como na verdade acharam no de Augusto segundo Imperador dos Romanos, em cuja estátua caindo violentamente um raio, apagou a primeira letra do nome de César, que em caracteres de ouro se via ao pé dela esculpida. Assim o refere Suetônio em sua vida — *Sub idem tempus ictu fulminis ex inscriptione statuæ eius prima littera effluxit*. Mas que importam todos êsses estragos, que ameaça o Céu, quando os mesmos raios que despede são outros tantos de luz, com que mais avultam os nomes. E quando invejoso o fogo subtrai ao nome de César a primeira letra, é para que com as demais fique immortalizado. Não nego, que se atrevam a esta estátua do Brasil os montantes de fogo inimigo, apostados a borrar-lhe o nome, que nela quis gravar outro César com as letras que introduziu, mas nunca conseguirão o que pretendem; porque nunca ofenderão as Letras, que o fazem permanente.

Esta é a felicidade, de que hoje goza o Brasil, êste tesouro, que nêle se descobriu, mais precioso, que o do ouro, com que se enriquece; porque se êste o fêz mais apetecido, com êle aquêlê se fará mais permanente na duração. Desentranhou-se até aqui com as minas; e como se cada veia tivesse a mesma virtude, que a bôca de El-Rei Midas, parece que tudo quer converter em ouro, com que já na bôca do vulgo ignorante leva aclamações de feliz;

porém como na opinião dos entendidos a maior felicidade consiste na maior duração; julga por mais glorioso o descobrimento das Academias, que lha granjearam.

E se estas razões não merecem ainda o crédito, que se lhes deve, por aparecerem disfarçadas com a máscara da paixão; seja o mesmo Brasil árbitro desta causa. Não lhe é necessário usar da espada de Salomão para a decidir; por hora só me contento, com que levante a voz; e fira os ânimos, para nêles introduzir esta verdade. Quis o Orador Romano, justificar a causa de um cidadão, que defendia em presença de Júlio César, e vendo, que as demais razões que tinha ponderado, seriam de menos eficácia, levantou a voz, e disse — *sed quid ego? ipsa, quam meritis auxit, loquatur respublica*. Isto mesmo pedem as Letras, que faça o Brasil; que brade e dê vozes em presença de César: publique o poder, com que o autorizam já agora as Letras: publique a felicidade verdadeira, que começa a gozar à sombra desta Academia, e porque esta felicidade lhe vem comunicada de uma mão tão poderosa; confesse o que deve ao autor de tão grande felicidade. Pois sabe já sem perigo de naufrágio vadear seguro o profundo rio da eloquência, comece a pagar-lhe com novos frutos do Parnaso as primícias de sua cultura, levantando, como em Pirâmide, esta voz, que sirva de final sentença a esta nossa causa, e de perpétuo agradecimento a seu Príncipe —

A vós primeiro móvel dêste Estado  
Deve a nobre Cidade da Bahia  
Ver por meio de vossa Academia  
Seu valor, e seu nome eternizado.

Este sumo desvêlo, êste cuidado  
Próprio em tudo de vossa fidalguia  
Para bem do Brasil nada podia  
Com mais decôro seu ter arbitrado.

Quanto obrou vossa espada nas Campanhas,  
Nas fôlhas se lerá de nossa história  
Relatora fiel dessas façanhas.

Na pena, que a escrever, a vossa glória  
Voando corre a nações estranhas  
Para immortalizar vossa memória.

Conferência de 27 de dezembro

Ao Presidente

Foi nela Presidente o Reverendo Padre  
Félix Xavier Mestre de Retórica no  
Convento da Companhia de Jesus

In laudem Reuerendi Praesidis Felicis Xauerii

### EPIGRAMMA

Vt stellae [fulgere] alii, quos ante nitentes  
Praepositor uidit nostra palaestra suos.  
Vt sol ante alios fulges quoque, maxime praeses,  
Tempore posterior, dexteritate prior.  
Felices stellae donec sol surgat; at ipse.  
Sol radians Felix crederis esse magis.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Em louvor do Religiosíssimo Presidente.

### SONETO

Guarda, Ferrário, Arrais, Mestre Pedreiro,  
unânicos pretendem à porfia,  
louvar-vos de tropel, ou companhia;  
sendo assim: contra os tais saio a terreiro.

Quem te mete, vem cá, pobre ferreiro?  
quem te deu triste Arrais tanta ousadia?  
e tu Guarda tens votos na Poesia?  
fizestes jamais versos cabouqueiro?

Se pois em tal matéria, colherada  
nenhum pode meter; é coisa dura,  
em sementeira alheia o dar foçada:

Digo enfim que eu só posso com cordura  
elogiar-vos; e afirmo em voz jurada,  
que não vi presidir com tal doçura.

*De Antônio de Freitas do Amaral*  
que um lerá depois dos Vulgares da  
Companhia.

Ao Reverendíssimo Senhor Presidente.

### DÉCIMA

Do mar da vossa ciência,  
que poderei eu dizer,  
se a minha, nem chega a ser  
Rio de pouca influência.  
Com bem clara experiência,  
nos mostra a vossa oração,  
que sois Mar na inundação,  
e no fundo dos conceitos,  
mais que o Mar, nos dais efeitos  
de maior estimação.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

Religiosissimo Praesidi Academiae, cui nomen est  
Felix Xauerius

### EPIGRAMMA

Nemo praesesse choro poterat felicior isti,  
Tu nisi, te suadum qui regis arte chorum.  
Ingenio, eloquio felix, et nomine; felix,  
Quidquid tentasti dicere, namque fuit.  
Quam merito, Felix, possum nunc dicere: uere  
Conueniunt rebus nomina quaeque suis.

*Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao muito sábio, e engenhoso Padre Félix Xavier da  
Companhia de IESU, Mestre atual da Retórica,  
orando na Academia Baiense.

## OITAVAS AO JOCO-SÉRIO

1.<sup>a</sup>

Deus vos dê, Padre Mestre, alegre dia,  
Feliz tarde; e apesar de tôda a inveja,  
Para glória imortal da Companhia,  
Muitas vêzes orar aqui vos veja.  
Aqui venho; e fazê-lo assim devia,  
Porque à vista do Mestre o Guarda esteja;  
Se cozido ao mais povo, é que abrasado,  
E por vos ouvir hoje andava assado.

2.<sup>a</sup>

Foi tôda essa Oração parto erudito  
Do vosso douto, e agudo entendimento:  
Nem nela se topou com ponto escrito,  
Que não fôsse um delgado pensamento.  
Tudo nela está bom, tudo bonito,  
Tudo dito com grande fundamento:  
Sem levar uma só disciplinada,  
Por si mesma saiu bem castigada.

3.<sup>a</sup>

A pena desta destra mão regida,  
Foi no Céu noticiar vossas memórias:  
E outrossim nessa máquina luzida  
Escreveu dêste dia as vossas glórias.  
Se está pois vossa fama tão subida,  
Que até no mesmo Céu canta vitórias,  
Com causa às mãos chegar-vos se me nega,  
Quando vejo que aos pés ninguém vos chega.



4.<sup>a</sup>

Se alguém Juiz na causa me fizera,  
 Ou se o meu parecer se me pedisse;  
 Como Guarda dos Pátios lhe dissera,  
 O que em segrêdo agora a alguém já disse.  
 A saber: que se aqui fazer pudera,  
 Ou se do que lá sirvo, aqui servisse,  
 Quando o vosso saber se inculca tanto,  
 Ao de todos os mais pusera a um canto.

*Do Guarda dos Pátios.*

Ao muito Religioso, e Erudito Padre Félix Xavier  
 da Companhia de IESU, Mestre atual da  
 Retórica, sôbre a engenhosa Oração que fêz, e  
 representou na Academia Baiense.

### DÉCIMAS AO JOCO-SÉRIO

1.<sup>a</sup>

Que vai? também neste dia  
 ordena o douto Plutarco  
 que o Mestre do vosso barco  
 entre nesta Academia  
 por vida, que só podia  
 meter-me êle neste empenho.  
 Vá pois de versos, que tenho  
 meus orgulhos de Poeta:  
 e agudo? como uma seta;  
 porque há barqueiros de engenho.

2.<sup>a</sup>

Isto pôsto, Reverendo  
 Padre Mestre Xavier,  
 que de vós hei de dizer?  
 Hei de dizer o que entendo.  
 E vem a ser, que estou vendo  
 nessas vossas ricas prosas,  
 que essas flôres engenhosas

da eloquência, que ostentastes,  
cheiram-me a que navegastes  
hoje com maré de rosas.

3.<sup>a</sup>

Foi de rosas a maré:  
razão? sim; a flor da terra:  
e é aquela, que se ferra  
das rosas no mesmo pé.  
Tanta agudeza se vê  
nessa Oração engenhosa,  
quanto espinho ao pé da rosa.  
Mas se na flor tudo é cheiro,  
que tão sábio cozinheiro  
fêz a Oração tão gostosa?

4.<sup>a</sup>

Vós o direis, que eu não quero  
meter-me nessas funduras;  
que brincar com flôres puras,  
traz consigo um risco fero.  
Eu vosso engenho venero:  
se o deixo, e volto ao Sertão,  
é por não perder monção,  
que o vento assopra a uma larga.  
Recomendo a minha carga  
muito na vossa Oração.

*Do Mestre do barco do Colégio.*

Ao Reverendíssimo e Sapiantíssimo Padre Félix  
Xavier da Companhia de IESU, Mestre atual  
da Retórica, orando engenhosamente na  
Academia Baiense.

### SONETO

De eterno bronze digna recitastes  
Essa douta Oração; parto engenhoso,  
Que para dar-se à Luz, Mestre famoso,  
Vosso engenho sutil desentranhastes.

Mas já que tão propícia a sorte achastes,  
 Já que sois tão feliz, tão venturoso,  
 Que com sucesso tão maravilhoso  
 Entre aplausos sem conto declamastes:

Já que no discorrer sois tão fecundo,  
 Na frase alto, no estilo levantado,  
 No vibrar dos conceitos tão profundo:

Não cesseis do que tendes começado;  
 Para que sem razão não cuide o mundo,  
 Que bromou vosso engenho, e está pejado.

*Do Mestre Ferreiro do Colégio.*

Ao muito Reverendo, e Douto Padre Félix Xavier  
 da Companhia de IESU, Mestre atual da  
 Retórica, sôbre a engenhosa Oração, que  
 declamou na Academia Baiense.

### ROMANCE JOCO-SÉRIO

Para em verso vos louvar  
 Licença me seja dada;  
 que por Poeta, a ser ousado,  
 eu por mim mesmo a tomara.  
 Tempos há, meu Padre Mestre,  
 que êste dia desejava,  
 para nos vossos louvores  
 meter minha colherada.  
 Se a Obra não fôr de Mestre,  
 por ser sôbre a minha alçada,  
 sabeis que é um Mestre de obras,  
 quem vo-la faz, e consagra.  
 Nem eu podia deixar,  
 sendo oficial de casa,  
 de mostrar-me officioso,  
 à vossa eloquência rara.  
 Das muitas erudições,  
 que o vosso discurso abraça,

colijo que não deixastes  
por mover pedra, nem palha.  
Foi, como um nobre edificio,  
essa Oração fabricada:  
profunda nos fundamentos,  
nos pensamentos mui alta.  
A forma, segundo a todos  
mostrou quadrar, foi quadrada:  
por sinal, que a cada canto  
sua agudeza mostrava.  
Em cada sentença dela  
u'a pedra cintilava,  
nesse vosso estilo de ouro  
qual um diamante, encaixada.  
No conexo, e deduzido  
do discurso, não se fala;  
porque foi maravilhoso,  
quanto o meu juizo alcança.  
De chistes tôda a Oração  
foi de sorte salpicada,  
que com ser tão naturais,  
lhe davam notável graça.  
Nos conceitos majestosa,  
na locução tão bizarra,  
que sendo alguma vulgar,  
a fêz o estilo fidalga.  
Tôda aquela arquitetura  
tão galhardamente ornada,  
que onde quer que punha os olhos,  
uma figura avultava.  
Tôda por regra perfeita,  
tôda a prumo levantada;  
direita mais, do que um fuso,  
mais, do que as estrêlas, clara.  
De dar-se à luz só mostrou  
que tinha desconfiança;  
ao menos eu assim cuido,  
por vê-la tôda enfiada.  
Mas esta é por meus pecados  
do nosso tempo a desgraça:  
ver-se só nesse acidente  
nos que tem mais de sustância.  
O que me abisma, é que vindo  
tudo ali por vossa traça

naturalmente caindo,  
 nada teve de estirada.  
 E porque para Pedreiro  
 menos, do que isto, bastava,  
 vou-me escoando, antes que  
 me lancem a cal nas barbas.  
 Por estas juro, que me há de  
 pagar cá fora na graça,  
 quem me negar, que em vós fica  
 bem a minha Obra assentada.  
 E se assim não tenho ainda  
 vossa eloquência pintada,  
 dar-lhe-ei noutra ocasião  
 mais um par de pinceladas.  
 E a Deus, que quero ir fazendo  
 a modo de quem se safa;  
 porque se bem ruas calço,  
 não tenho calçado a cara.

*Do Mestre Pedreiro do Colégio.*

Ao Presidente O Muito Reverendo Padre Mestre  
 de Retórica Félix Xavier da Companhia  
 de IESU.

### SONETO

Este rico baixel da Companhia,  
 Que por rumo nunca dantes observado  
 Nos deu novas de um César tão amado,  
 Viagem fêz de flôres neste dia.

Nem negá-lo aqui pode a Academia,  
 Pois cheia de fragrância a tem deixado  
 Os floreios, que fêz no discursado,  
 Com tão grata, e tão bela fantasia.

Mas que muito, se é Félix com ventura,  
 E sulca ações de um César preeminente,  
 Que mar de rosas são em tôda altura:

E porque envolve glórias juntamente,  
Gloriosa fica sendo a sangradura  
Do baixel, que o sulcou tão felizmente.

*Do Pilôto da Fragata.*

Ingenioso atque Reuerendo Patri Felici Xauerio  
in Caesareo Musaeo, et in Bahiensi Academia  
oratorem mirifice agenti.

### EPIGRAMMA

A te sperabam liquido resonantia cursu  
Verba: quod est factum: nec mihi uerba dedi:  
Diuinis fuerant uerbis quaecumque creata,  
Verbis illa manent nunc recreata tuis;  
Sic canis, et propriam mentem sic promiss, ut aucta  
Crescat: Cui uerno tempore floris odor:  
Crescit: ab eloquio quoniam felicior exis,  
Qui modo Felicii nomine clarus eras.

[*Sem indicação de Autor*]

Reuerendo Patri Felici Xauerio inter Bahiensis  
Academiae Praesides Praeclarissimo.

### EPIGRAMMA

Longo Oratorum Mellitus in ordine sedem  
Occupat, atque suum Pollio nomen habet.  
Hunc, uelut emissum reboanti ex aethere fulmen,  
Vocales sonitus fama dedisse refert.  
Non sine melle loqui, Mellito nomen habere  
Dulce dedit: nomen quid dabit ergo tibi?  
Nam modo, dum loqueris, reticet iam Pollio: Felix  
Mellea, Mellitus fellea uerba iacit.

[*Sem indicação de Autor*]

Reuerendo Patri Felici Xauerio Sapientissimo  
Bahiensis Academiae Praesidi.

### EPIGRAMMA

Ingeniosa ferunt uatum comenta moueri  
Orphaea ad [Sollium] saxa eclipsa lyrae.  
Ad piceos Erebi Rhodopeia plectra Chelydros,  
Ireque sunt plenos ignibus ausa Lares.  
Haec memoranda chelys uix gesta tot edidit, astra  
Esse ferunt inter celsa locata poli.  
Muta tamen Felix dum uoce silentia rumpit.  
Et quatit arguto Caesaris ore forum;  
Ad superos illum credo subiisse Penates,  
Orphaeamque manu diripuisse chelym.

[*Sem indicação de Autor*]

Reuerendo Patri Felix Xauerio inter Bahiensis  
Academiae Praesides Praeclarissimo.

### EPIGRAMMA

Cecropius quondam misto resonantia motu  
Audiit, uirentis auribus, astra Plato.  
Nunc, licet attentas astris radiantibus aures  
Praebeat, argute conticuisse notat.  
Haec ait: astra poli iam non, uelut ante, sussurrant;  
Nunc etenim, Felix dum sonat, astra silent.

[*Sem indicação de Autor*]

Sapientissimo, et Ingeniosissimo Patri Felici Xauerio  
Societatis IESV, Rhetoricae Meritissimo  
Praeceptoris, quo uespere argutissimam  
orationem habuit ad Bahienses Academicos.

### EPIGRAMMA

Dicis; et oh [quanto] doctam sermone palaestram,  
Vel plaudente tibi Caesare, lingua mouet!  
Felix debueras hoc tantum nomine dici,  
Quod uenerata caput Caesaris Aula tuum est.  
Quae manus absoluit nuper recitata, magistri  
Cui properent digitum tollere, digna fuit.  
Vtque fama extremas tua iam uolet orbis in oras,  
Quae tam arguta solet scribere, penna satis.

[*Sem indicação de Autor*]

Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem,  
quam habuit ad Bahienses Academicos.

### EPIGRAMMA

Quam dulci loqueris sonitu! Stillantia mella  
Condat apis, blandos respuat Hybla fauos.  
Ad ne morum latebras iam consona diffugit ales,  
Aoniosque silent fila canora modos.  
Lignea pennigeræ reserent ergastula turbae,  
Vt tecum uocem soluere discat auis.  
Nemo sed hoc rarum dicat; nam mittere, dulce  
Os mel habens, nescit, non nisi dulce melos.

[*Sem indicação de Autor*]



Reuerendo Patri Felici Xauerio, circa Orationem,  
quam habuit ad Bahienses Academicos.

### EPIGRAMMA

Facundo nunc ore legis sub Caesare, quidquid  
Scribendum calamo mens studiosa dedit.  
Scripta legis; dulcesque fluunt ex ore liquores,  
Ac ipsos superant consona uerba fauos.  
Non satis est nostro tua scripta legantur in Orbe;  
Imperat haec toto Caesar in Orbe legi.  
Perge igitur, quod ab ore fluit, conspergere; nec te  
Fecundae pudeat spargere mentis opes.  
Solus enim, multis ad scripta legenda uocatis,  
Electos inter dinumerandus eris.

[*Sem indicação de Autor*]

Reuerendo Patri Felici Xauerio, circa Orationem,  
quam habuit ad Bahienses Academicos.

### EPIGRAMMA

Tullius innumeras agitans sub Iudice causas  
Pro rauco laudum murmure spreuit opes.  
Censuit in causis usum fortasse loquendi  
Nullius pretii Tullius esse suum.  
Tu tamen emittis cum dulcia uerba, loquelae  
Signari pretium res operosa tuae est.  
Quin etiam, comptis adeo cum uocibus oras,  
Ad laudes centum non satis ora forent.

[*Sem indicação de Autor*]

In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii  
Rhetoricae Praeceptoris, et Bahiensis  
Academiae Praesidis.

ELOGIUM

Felices Academici,  
quibus Oratorem Apollinem  
Exaudire concessum!

Qui enim uestros

Oratoria nuper animos elegantia demulsit,  
Rhetorices Praeceptor est, Musarum Praeses.  
Plures fuisse Apollines testantur fabulones;

Quidquid tamen de singulis dicitur,

Ad unum confertur.

Plures etiam audiuius Oratores;

Quidquid autem laude dignum in unoquoque

[compertum,

In nostrum confluit Oratorem.

Serpentem Apollo consumpsit,

Vt uulgare est Poetarum figmentum:

Hic uero, absque figmento,

Serpentem, hoc est reptilem, dicendi rationem,

Pinxit illum uetustas in Ephebi formam:

Quisquis tamen nostrum laudatore penicillo

Depingere curat Oratorem,

Non Ephebum pingat, sed Phoebum.

Ille a Claro Insula

Dictus est Clarius:

Claros hic eloquentiae torrentes emittens,

Ceteris clarior dici potest Oratoribus, et

[praeclarior.

Illi Laurus inter arbores consecratur,

Victorum insigne:

Huic etiam.

Eo quod ceteros in orando superet,

Laureum porrigimus diadema.

[Sem indicação de Autor]

In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii  
Rhetoricae Praeceptoris sapientissimi, et  
Bahiensis Academiae Praesidis elegantissimi.

ELOGIUM

Felix Orator,  
qui de Musarum egressus cacumine,  
ingenii sui ostentauit acumen!  
Montem illum reliquit,  
nec frustra;  
affert enim  
quam in illo uenatus est,  
sapientiam;  
illius utique non tam Venator quam Venerator.  
Nec illum dicas,  
eo quod montem coluerit,  
siluescentem, aut rusticum Oratorem;  
immo caeteris omnibus cultiorem.  
Quis enim nescit  
non alibi plerumque, nisi in montibus,  
cultores reperiri?  
Hoc tamen agnosce discrimen:  
caeteri montes colunt,  
ut Aratores fiant;  
hic, ut Oratores efficiat, montem coluit.  
Nec satis aperui,  
cuiusnam fuerit montis incola:  
non alterius certe, quam Parnasi.  
Caeteris in montibus uidentur Satiri,  
in hoc uero Pacci Satirae [passim] obuiant.  
Aliis in montibus uagantur Fauni,  
in hoc uero maxime splendet Apollinis Faunum.  
In quo si aras Oratores occupant,  
primam hic occupabit aram,  
et in ara collocatum iure merito uenerabimur.

[Sem indicação de Autor]

Inauguratos Academiae Praeses, Vberrima ingenii  
 facultate oratorem egit, Reuerendus admodum  
 Pater Felix Xauerius.

### ANAGRAMMA

*Xauerius — Vir Saxeus —*

### EPIGRAMMA

Qui te cumque neget saxorum munere fungi,  
 In media lucem non uidet ille die —  
 Saxes inuerso resonas cognomine, Felix,  
 Causam titubeat noscere; causa liquet.  
 In te etenim, ualida quales in cote secures,  
 Vidimus ingenium sese acuisse tuum.

[*Sem indicação de Autor*]

### ALIUD CIRCA IDEM

Quam bene Caesareo facta est tua scena Theatro!  
 Inuidium, Felix, hoc superauit opus.  
 Saxeae te memorent; nomenque inscripto saxis;  
 Fama sed in solid marmore scribet opus.

[*Sem indicação de Autor*]

### ALIUD CIRCA IDEM

Dicere iam parco: ingenium lapidescere coepit:  
 In laudes renecit iam resonare lyra.  
 Nomine saxa refers; saxis res frangitur: ergo  
 Fracta sit in laudes hic lyra nostra tuos.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 27 de dezembro

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto a modéstia de  
Alexandre Magno quando se lhe houveram de  
apresentar a mulher, mãe, e filhas de  
Dario vencido

Ao primeiro Assunto

SONETO

Esse, a cujo poder o orbe rotundo  
É por estreito esfera incompetente,  
Hoje a glória alcançou mais excelente,  
Hoje o troféu primeiro, e sem segundo.

Esse, em cujo valor não se acha fundo,  
Em Dario triunfou de um rei potente;  
Mas em si, reportado e continente  
Triunfou de quem vence a todo o mundo.

Estas são as conquistas verdadeiras,  
Brasões maiores, glórias mais altivas,  
Que têm do seu exército as bandeiras.

Publique-se em pregões de eternos vivos  
Só é capaz de ter tais prisioneiras  
Quem sabe as paixões próprias ter cativas.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao assunto heróico

## SONETO

De Dario infeliz a espôsa amada  
 Tem sujeita Alexandre: em cuja sorte  
 Generoso não quer, que a honra corte,  
 (se o alvedrio rendeu) a forte espada.

Da razão, que ao valor logra ajustada,  
 (Com que sempre se fêz invicto, e forte)  
 Em guerra mais do Amor, que de Mavorte,  
 A c'roa mais que o cetro tem armada.

Não tema a Persa pois, vendo-se prêsa,  
 Faltar no grande Rei severidade,  
 Para ileso deixar-lhe o que mais preza:

Pois se busca do Rei a heroicidade  
 Mais cetros, que render, quer nesta emprêsa  
 Privar ao fero Amor da Majestade.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao assunto heróico

## SONETO

As armas de Alexandre vencedoras,  
 de Dario a mulher teme advertida,  
 que a Fortuna sômente na caída,  
 nem muda os dias, nem varia as horas.

As filhas nobremente zeladoras  
 da honra, que se preza mais que a vida,  
 receiam que a Beleza apetedida  
 lhes profane o recato de Senhoras.

Êstes mêdos, cautelas da Prudência,  
 Magnânimo Alexandre desvanece,  
 vencido só da própria continência.

O valor o movia, a que quisesse  
 ser então vencedor, mas a frequência  
 de vencer, fêz também, que a si vencesse.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
 Vigário da Igreja de S. Pedro.

## Ao primeiro Assunto

### SONETO

Nesses bronzes da fama permanente,  
 De Alexandre, se escreva a maior glória,  
 E será inda curta tôda a história,  
 Para louvar Herói tão excelente.

Se a fama, é do valor, Ara decente,  
 E se é devido culto à sua memória,  
 Qual digno, pode ser a esta vitória,  
 Que publica o assunto tão ingente.

Cale a fama, a memória mais subida,  
 Que merece esta ação tão exaltada,  
 Em que a glória maior, fica excedida;

Pois vence a valentia inimitada  
 De um Herói invencível cuja vida;  
 Será na eternidade celebrada.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

## Assunto

A comiseração com que se houve Alexandre,  
 com as filhas de Dario.

### SONETO

Por filho de Felipe Rei famoso,  
 fêz Alexandre ações como quem era,  
 que filho de bom Pai sempre se esmera  
 com mostrar o seu sangue generoso:

Nas alheias desgraças mavioso  
mostra perder a condição severa,  
que quem nasceu Estrêla em sua Esfera,  
seu nascimento mostra glorioso.

Exemplar grande temos no presente  
César, que merece eterna história,  
filho de outro grã César excelente:

Ambos ficarão sempre em memória;  
pois a ausência do Pai inda se sente,  
e a presença do filho nos dá glória.

*de Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao mesmo assunto

### SONETO

Mui louvada ação é, por continente,  
em Alexandre, e sua natureza,  
às filhas de Dario com franqueza  
dar Estado devido, e mui decente:

Mais louvável, mais franca, e excelente,  
se vê do nosso César a grandeza,  
que por remir das órfãs a pobreza,  
lhes aplica um legado suficiente.

Alexandre a Dario vence, e mata,  
com as filhas se mostra generoso,  
como dívida, honradamente as trata:

Mais obra o nosso César poderoso,  
pois na Índia os rebeldes desbarata,  
na Bahia é das órfãs Pai piedoso.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*



## Ao primeiro Assunto.

## SONETO

Monarca sempre augusto, e esclarecido,  
 terror de Palas, Marte generoso,  
 que intrépido, invencível, vigoroso,  
 a esfera do valor, tens transcendido:

Para êste, ao maior auge haver subido,  
 e os aplausos, lograr, de glorioso,  
 a modéstia isentaste ao belicoso,  
 com que o Orbe, a teus pés ficou rendido;

Conhecendo, que o impulso mais ardente,  
 se do adverso furor, o orgulho acalma,  
 o jugo, sim lhe impõe, impaciência;

Mas não pode dizer, que logra a palma  
 em tudo fausta, em tudo florescente,  
 se vence o coração, não rende a alma.

*De Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

## Ao primeiro Assunto

## SONETO

Alexandre triunfa de Dario,  
 e triunfa de si mesmo na vitória;  
 faz que a modéstia lhe acrescenta a glória  
 dando ao recado o belicoso brio.

Se de Marte no cruento desafio  
 deu brado à Fama, deu Assunto à História;  
 fugindo a Formosura, outra memória  
 consegue, na isenção do Alvedrio.

Se não foi, que magnânimo procura  
 experimente Dario nova queixa,  
 na atenção, que a vitória lhe assegura.

Mas seu recato nôvo pasmo encerra,  
as Armas teme só da Formosura  
se o Mundo faz temer, tremer a Terra.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

### SONETO

Vence o Magno Alexandre, e sente tanto  
Do desgraçado objeto o vencimento  
Que em delíquios de neve, o sentimento  
Pelos olhos aborta, em triste pranto.

As prendas régias, da beleza encanto,  
Que em servidão ponderam seu tormento;  
Consagra em cultos, tanto rendimento;  
Que passou a oblação, do Mundo a espanto.

Ingrata a sorte de Dario vária,  
Concedendo a Alexandre esta vitória,  
A ambos propícia foi, e não contrária.

Pois por meio alcançaram desta história,  
Se de um a cinza, glória extraordinária,  
A fama de outro, extraordinária glória.

[*João de Brito e Lima*]

Ao mesmo assunto.

### SONETO

Sujeita o Magno o Globo dividido  
Em três partes entonces (sic) dilatado,  
E quando vencedor se vê exaltado  
Temeroso receia ser vencido.

No perigo maior, cuida advertido,  
Que a vista lhe oferece em doce agrado,  
Em vencendo na guerra a Marte armado,  
Na paz teme (sem armas) a Cupido.

Vence a Dario e julga temeroso  
Sacrificar nas aras da beleza,  
Por oblação, seu peito generoso.

Pois de Marte, e Cupido sendo a emprêsa,  
Se deu, ao compassivo o valoroso,  
Sem profanar ao crédito a grandeza.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Vence a Dario poderoso e forte  
o Macedônio rei com tanto alento,  
que alcança por troféu do vencimento  
cativa a régia estirpe, e real consorte;

Porém tão casto a trata, e de tal sorte  
sendo ela na beleza alto portento  
que de falar-lhe se retira atento  
por mais que a glória e régio peito exorte;

Oh digna ação de sempiterna fama!  
triunfa não só de sorte em tanta glória,  
mas de si mesmo vencedor se aclama;

Pois na modéstia sabe a longa história  
ser, quando na vaidade mais se inflama  
pasma da idade, assunto da memória.

*De João de Brito e Lima.*

### SONETO

Vence Alexandre o mundo, e venceu nada,  
Se o seu guerreiro braço, e mais temido,  
pudera, por mais mundos, conhecido  
fazer; que mais vencesse a sua espada.

Se a esfera do valor agigantada,  
foi limitado o âmbito vencido,  
agora que, a Dario, honrou caído;  
não pode dar-se ação mais dilatada.

Porque se as fiéis [pessoas] mais subidas,  
de Alexandre notaram tôda a história:  
esta o nome riscou às escolhidas.

Que o vencer-se Alexandre, foi vitória  
que o rendeu, quando as mais deixou rendidas;  
tendo neste triunfo a maior glória.

*Por Manuel Ferreira da Luz*

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

## Ao primeiro Assunto

### SONETO

Rebelde o Rei, ao Rei mais poderoso,  
triumfa a Majestade tão benigna:  
que imitando os efeitos de divina  
sofre ao intrépido Rei, o Rei piedoso.

Sobe de ponto o altivo, e majestoso,  
e quando a rebeldia mais se afina  
cresce o mal, enfurece a ruína;  
e põe, na escravidão, ser lastimoso.

Que, de Alexandre, justa era a vingança  
em Dario, ofendendo a real prêsa:  
por castigo da sua confiança.

Mas o grande Alexandre não se preza  
de despojos vencidos, só se cansa  
nas Coroas, da mais gloriosa emprêsa.

[*Provavelmente do mesmo Autor*]

Ad I.<sup>um</sup> assumptum

## EPIGRAMMA

Magnus Alexander Darium uincit, et Orbem,  
 Nec Matrem et Natas cernere corde placet.  
 Maius enim inuisu bellum est, uisumque triumphat;  
 Forsitan ut uictor semper in Orbe foret.  
 Scilicet in castum uibrauit tela Cupido,  
 Fortia nec penetrauit pectora Caecus Amor.  
 Intus Amor pugnat, secumque impugnat Amori,  
 Si omnia uincit Amor, uicerit iste Deum.  
 Iure ergo est Magnus, maior cum uicit Amorem,  
 Cum se ipsum uicit maximus ille fuit.

*Luís Canelo de Noronha*

À modéstia com que se houve Alexandre Magno  
 com as Rainhas cativas do Exército de Dario.

## SONETO

Quer Dario escapar desconhecido,  
 Larga o vestido, fica disfarçado.  
 Acha o régio despôjo um seu soldado,  
 E põe-se a lamentar seu Rei perdido.

Já fere ao ar um bárbaro alarido,  
 Já lamenta a Rainha o espôso amado;  
 Quando o Magno Alexandre do pensado  
 Engano a foi livrar compadecido.

Ali vendo um jardim da Formosura,  
 Tão modesto se mostra o peito forte,  
 Que nunca mais de humano ostentou menos.

Mas não deve admirar tal compostura;  
 Pois quem sabe vencer ao Deus Mavorte,  
 Também sabe triunfar da Deusa Vênus.

*de Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao assunto heróico, em que se trata a grande  
modéstia, e clemência de Alexandre para  
com a mãe, mulher, e filha de Dario,  
suas prisioneiras.

### SONETO

Aquêlê, sempre grande, Herói famoso,  
do Universo terror, pasmo da idade,  
em quem serviu de base a Majestade  
o Magnânimo, o forte, o belicoso.

Tanto preza ostentar-se valoroso  
com Dario, na fera adversidade,  
quanto com [sesegambes], na piedade,  
mais clemente, mais brando, e mavioso.

E porque tão benigno, e nada ufano,  
trata a mulher, e filhas reverente,  
modesto, e casto, mais que soberano:

Mostra Alexandre, quando continente,  
que os limites transcende ao ser humano,  
e que quer parecer onipotente.

Do Licenciado

*Jorge da Silva Pires.*

Ao mesmo Assunto

### SONETO

A Dario derrota belicoso,  
Alexandre que raio é de Mavorte;  
foge, o Persa, porém prêsa a consorte,  
mãe, e filhas; lhe deixa lastimoso.

Los pés do Macedônio vem choroso,  
o [ceto] feminil, logrando a sorte,  
de encontrar grato asilo em vez da morte,  
no peito de um Monarca generoso.

Pois sofrendo igualmente o golpe indigno  
da fortuna, se porta tão sentido,  
que parece depende o masculino:

Mostrando com favor tão repetido,  
que no mesmo Alexandre por benigno,  
tem, filho, irmão, e Pai, mas não marido.

Pelo mesmo Autor.

*[Do Licenciado Jorge da Silva Pires]*

Ao heróico Assunto em que se trata da grande  
clemência e modéstia de Alexandre Magno  
para com a Mãe, Mulher, e filhas de Dario,  
suas prisioneiras.

## CANÇÃO

Agora, mais que nunca ó Musas quero,  
que metido me vejo em grande empenho  
amparar-me de vós! pois por madrinhas  
de Poetas há muito vos venero.  
Tenho cá feito um esboço, e vil desenho  
na idéia e botado várias linhas,  
tais e quais, como minhas  
para uma Canção grata  
que quisera cantar com voz de prata,  
fazei que destro a entoe,  
e nas asas da fama imortal voe,  
sendo sonoro assombro  
da máquina que Alcides trouxe ao ombro.  
Vinde alunas de Febo em minha ajuda;  
Piérides chegai com vosso amparo;  
bem sabeis [...] [beta] [...] quatro dias;  
[...] pronto me acuda  
para narrar o feito mais preclaro  
em métricas e suaves melodias:

mostrai-vos também pias  
 pois que é de piedade,  
 o assunto que trato; e de equidade,  
 segundo sois benignas,  
 e de mim reputadas por divinas:  
 fareis o que vos peço;  
 se assim fôr, dou princípio: já começo.

O Leão Macedônio, que ditosa  
 a Mãe, sonhou trazia clausurado  
 no ventre para horror da redondeza;  
 com fúria faustamente belicosa,  
 arrogante provoca, e confiado  
 acomete com nímia ligeireza,  
 respirando braveza,  
 entre Marciais ardores  
 de bélicos estrondos, e clamores,  
 ao Persa, que assombrado,  
 não pôde resistir ao triste fado;  
 porque mais neste dia,  
 todo o valor trocou em covardia.

Desbaratado, e rôto o numeroso  
 de Dario esquadrão armigerante  
 pelo grande Alexandre que valente,  
 intrépido, ousado, e generoso,  
 de tão grande poder se viu triunfante,  
 sendo raio de Marte refulgente:  
 em furor todo ardente,  
 vai sôbre êle e o segue,  
 êmulo da vitória que consegue,  
 e dela altivo, e ufano,  
 revestido de culto Soberano,  
 com valor sem segundo  
 promete de a seus pés pôr todo o mundo.

Por êle o campo fica, e a pingue prêsa  
 do Pérsico Tesouro, que abundante,  
 por gentilico rito acompanhava  
 a Dario, com vasta e real grandeza,  
 o que tão liberal, quanto arrogante,  
 Magnânimo Alexandre desprezava,  
 e sòmente estimava  
 prêsa feminina,  
 em cujo afável trato a ação mais digna  
 exercita clemente  
 para assombro, e maior pasmo da gente,  
 digno só por tal glória,  
 de eterno aplauso, e de imortal memória.



Expede a Leonato, um purpurado  
 dos da sua Côrte, e Comitiva,  
 e lhe ordena visite [vi namente,]  
 a Mãe, Mulher, e filhas que ao estado  
 de rendidas as trouxe a sorte esquivã;  
 segurando que um Príncipe excelente  
 por benigno e clemente  
 as tinha em seu amparo,  
 asilo, proteção, favor preclaro.  
 Ó Monarca triunfante  
 digna prole do Olímpico Tonante!  
 a vossa piedade  
 o lustre foi maior da Majestade.

Que não sintam, lhe manda a sorte adversa  
 cruel fado, violento e desumano.  
 [...] de chorar em mal  
 porque nêle fortuna assaz diversa  
 encontravam, cuidando achar tirano  
 um Heliogábalo ou torpe Nero  
 feroz, cruel, severo,  
 tinham por derradeiro  
 a fortuna maior no cativoiro.  
 Que sepultem consente  
 com tôda a cerimônia competente  
 ao Pérsico rito,  
 a quantos rapou a morte no conflito.

O Magnânimo Herói, a quem aclama  
 pelo mais soberano, e real Monarca  
 protótipo de Heróis mais sublimado,  
 imortal, e constante a mesma fama,  
 por quanto Febo ilustra, e o mar abarca  
 com superior domínio ao mesmo fado:  
 pois se o tal destinado  
 teve fortuna adversa  
 para filhas, Mulher, e Mãe do Persa:  
 fêz que trocada a sorte  
 encontrassem a vida em vez da morte  
 e quando prisioneiras  
 fôsem tôdas no Reino por primeiras.

Mas ó caso inaudito! quem cuidara  
 que em quem só reinã a lei da natureza  
 uma ação tão gentil podia achar-se!  
 Dotada era a mulher de forma rara,  
 galhardia, donaire, e gentileza,  
 tanta, que era impossivel o igualar-se;

e crer que possa dar-se  
 continência tão santa  
 com justiça, prudência, e glória tanta  
 em quem sem ser notado,  
 deixar podia o leito maculado;  
 Ó que jamais foi vista  
 potência tal, que ao belo se resista!  
 E mais quando, com nímio cuidado,  
 atende a que dos seus seja estimada  
 por senhora com culto reverente;  
 querendo tenha em tudo conservado  
 o respeito com que antes foi tratada  
 sem que falta conheça no presente.  
 E o mesmo igualmente  
 com as mais recomenda,  
 tendo em seu valor quem forte as defenda.  
 Ó exemplar clemência!  
 Ó milagrosa, [e] rara continência!  
 de ser grande deixara  
 quem tão senhor de si não se portara.  
 Ó Heróico Alexandre, digno Atlante,  
 de tanta Majestade e tal grandeza,  
 por modesto meio engrandecido  
 nos clamores de tal fama altissonante  
 como exceção da frágil natureza  
 de todos por divino presumido!  
 de vós fica vencido  
 como heróica [...]  
 o efeito [.....]  
 [.....] formosura  
 [digno sois] de supremas  
 púrpuras, e elevados diademas;  
 de muitos mais louvores,  
 que areias o mar tem, e o campo flôres.

Canção se te notarem de atrevida,  
 não diga que cantaste,  
 mas sim que recitaste  
 com voz inculta, em eco repetida  
 uma ação nunca ouvida:  
 para pois de repente  
 que a cantar entra um músico excelente.

Do Licenciado  
*Jorge da Silva Pires.*

Na ação de Alexandre com as Filhas, e Espôsa de Dario. Assunto heróico da presente conferência.

### SONETO

De Dario os Domínios, e a grandeza  
Prostra Alexandre em militar porfia,  
Mas das Filhas, e Espôsa a galhardia  
Honra modesto, ou liberal despreza.

No Tesouro em que Amor põe a riqueza  
Não intentou mostrar soberania,  
E fazendo Troféu da valentia  
Não quis fazer despôjo da beleza.

O grande Herói então mais alentado  
Em uma emprêsa, aos pés dois Mundos teve  
Com que fêz o triunfo duplicado.

Se o homem microcosmos se descreve,  
Venceu em Pérsia um Mundo dilatado,  
E venceu em si mesmo um Mundo breve.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Assunto primeiro.

À modéstia, e continência de Alexandre Magno  
em não querer ver a mulher, e filhas de Dario.

### SONETO

Com troféu sempre augusto, e relevante  
Se vence a si quem nunca foi vencido;  
Que a vencer a Alexandre é bem sabido  
Só Alexandre pode ser bastante:

De todos vencedor sempre triunfante,  
 Para alcançar renome mais subido,  
 Deixa-se a si de si mesmo rendido  
 Vencendo a quem venceu sempre arrogante.

Modesto, continente, e recatado  
 Se absteve de Cupido ao tenro pranto  
 É sem ver deixa ao Cego desarmado:

Assim vence com digno, e nôvo espanto,  
 A Marte, quando [encara] o rosto irado,  
 A Vênus, quando evita o doce encanto.

Do Acadêmico Inflamado  
*João Alv'res Soares.*

Ao primeiro

### SONETO

Antes de vencedor, valente, e ousado  
 menospreza Alexandre o inimigo;  
 pois sabe valoroso, que consigo  
 leva vencidas as razões do fado:

Mas depois de triunfante, e de aclamado  
 timbre do esforço do valor abrigo;  
 por não ver na beleza o seu perigo,  
 ver não quer a beleza acautelado:

Temeroso depois, valente se antes,  
 Mais de temor, que de modéstia ordena,  
 que o não vejam as damas elegantes;

Porque teme sentir a própria pena,  
 que Netuno, e Aquiles, vendo amantes  
 Sentiram por Medusa, e Policena.

Seu Criado

*Do Acadêmico Menos Ocupado.*

De Alexandri Magni modestia, qua Darii capta  
Vxorem exceptit.

### EPIGRAMMA

Dum stetit ad captae Darii coniugis ora  
Dux Macedo, in lutea lumina fixit humo.  
Non alium seruat cara cum Natre pudorem,  
Non oculos aliter Gnatus habere solet.  
Sic humiles adsunt, Domino adueniente, clientes,  
Sic colit armatos gens clypeata Duces.  
Haec igitur captae Reginae ante ora pudoris  
Fertur Alexandrum signa dedisse sui.  
Qui Martem castris uicit, nunc Cypria castis  
Vult quoque luminibus sit superata Venus.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 27 de dezembro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto Pirene transformada  
em fonte.

Ad 2 um argumentum

### EPIGRAMMA

Maeret Pyrene, lugens funditque liquores  
Vertitur in fontem, maestaque fundit aquas.  
Nuper erat mulier, quae in fontem uersa liquescit.  
Quod fons iste facit, fecerat et mulier.  
Quin etiam plus certo fuit, quam fecerat ante,  
Quando insensibilis, sed queribunda dolet.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao Assunto lírico

## SONETO

A Deusa, que dos bosques zeladora  
 Nu'a selva um soberbo corço vira,  
 Toma o arco a ligeira flecha atira  
 Para dar morte à Fera roubadora.

A sorte que é dos males precursora,  
 Levando a flecha, desviando a mira,  
 Cruel rouba o alento, que respira,  
 Cencrias, a quem a Mãe Pirene chora.

Mas a Deusa do mal, que ocasionara  
 Compassiva, o remédio lhe procura,  
 Desvanecendo a dor com traça rara:

Vê que a esta do Amor o fogo apura,  
 E transformando-a em fonte lhe prepara  
 As águas berço, ao fogo sepultura.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao Segundo Assunto.

## REDONDILHAS

O rigor, sentiu Pirene  
 de u'a seta tão violenta,  
 que matar a dois intenta,  
 sem ter culpas, que os condene.

Chorou Pirene sentida,  
 de u'a saudade, o rigor;  
 porque é tão forte esta dor,  
 que destrói a mesma vida.

Se o pranto a pena alivia,  
 chorou Pirene, discreta,  
 os impulsos de u'a seta,  
 que a mesma alma lhe partia.

Mas Diana, nessas águas  
quis seu pranto eternizar,  
onde ao vivo, se hão de achar  
mais claras, as suas mágoas.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

Ao segundo assunto

### DÉCIMA

Em cristalina corrente,  
Pois êsse amor fortemente,  
manifestando o rigor  
de u'a seta veemente:  
É bem, que fonte lamente,  
do rigor, a atrocidade;  
porque quando a atividade  
da dor, é também extremosa,  
só u'a fonte, é lastimosa  
pregoeira da saudade.

*De Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Ao Segundo Assunto

### ROMANCE

No intrincado labirinto,  
de u'a floresta sombria  
Diana, representava  
a campanha mais ativa.

A guerreira Deusa Palas,  
a pelear desafia;  
porque da mais cruel guerra  
é a casa, imagem viva.

Dando à batalha princípio,  
expeliu, com bizzarria  
a seta, que duas almas  
tirou, co' u'a só ferida;

Porque, se o peito inocente,  
Pirene fortalecia,  
padecendo o peito amado,  
o da amante, se não livra;

Pois êsse amor fortemente,  
com tão doce simpatia,  
que duas almas separadas,  
faz parecer indistintas.

Lastimada, em tanta cópia  
aljôfares difundia,  
que se entendeu, em Pirene,  
fôra a Aurora convertida.

Os rigores de u'a seta,  
chorou Pirene, sentida;  
porque só lágrimas grandes,  
grandes penas aliviam.

Mas como a dor de Pirene,  
o sofrimento excedia,  
motivou contrário efeito,  
próprio da causa intensiva:

Transformou-lhe a natureza,  
Diana compadecida,  
em sucessivas correntes  
de u'a Fonte cristalina.

Não para prender a pena;  
porque na água fugitiva,  
mais veloz se remontava,  
ao passo, que a água crescia.

Seus pesares, mudamente  
comunicava a [ervinhas];  
porque a pena rigorosa,  
de si mesma é coronista.



E não querendo admitir  
nesta mágoa, companhia,  
prendia o tenro das plantas  
com grilhões de prata fina.

Detém Pirene a corrente  
se queres dor mais crescida,  
porque quanto correr mais,  
menos a dor acreditas.

*De Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

## A Fábula de Pirene

### OITAVAS

1.<sup>a</sup>

Deixava a mãe de Menon rutilante  
do velho Frigio o leito amante, e brando,  
e pelo opaco globo a luz flamante  
se via sôbre a terra ir dilatando;  
Vestindo os [orbes] de esplendor brilhante,  
e do horizonte as sombras desterrando,  
já no seu róseo carro aparecia  
dando alma ao prado, e nôvo alento ao dia:

2.<sup>a</sup>

Já d'entre o bosque o simples passarinho  
em doces quebros, música sonora  
se ouvia alegre com gentil alinho  
as luzes festejar da bela Aurora;  
balando andava o manso cordeirinho  
da mãe buscando, que acha sem demora  
por entre os mais rebanho pressuroso  
nas cheias têtas licor saboroso.

3.<sup>a</sup>

Já a triste Filomena articulava  
entre as ansiosas queixas de ofendida  
a mágoa em tristes ecos, que afinava,

nas vozes, que exprimia enternecida ;  
pois na saudosa pena, que explicava,  
então mais grave, quando mais sentida  
formava em doces cláusulas sonoras  
trinados ais, lamentações canoras :

4.<sup>a</sup>

Ao prado as olorosas clavelinas  
por entre os tenros goivos misturadas  
se viam já das auras matutinas  
com brando movimento festejadas ;  
já finalmente as cândidas boninas  
do fresco e manso Zéfiro aduladas  
segunda vez mostravam de Amaltéia  
a gala, que usurpara a noite feia :

5.<sup>a</sup>

Quando a formosa Diana, suspendendo  
do ebúrneo colo a penetrante aljava,  
a ser do bosque escândalo estupendo  
com generoso alento caminhava ;  
aquela, que da selva o povo horrendo  
com soberano impulso fatigava,  
a quem seguiam rápidos ventores,  
molossos fortes, galgos corredores :

6.<sup>a</sup>

Já da espessura a falda penetrando  
a turba dos monteiros, que a seguia,  
seu pôsto cada qual ia ocupando  
conforme o risco, e tempo o requeria ;  
quando o canino orgulho atravessando  
pela intrincada mata em vã [porfia]  
se adverte ser com bárbaros latidos  
terror das feras, susto dos ouvidos.

7.<sup>a</sup>

Por esta parte um Leão da tôsca brenha  
que por morada tem, desce horroroso,  
movendo a cauda, e sacudindo a grenha,

com fero espanto, aspecto pavoroso;  
 Por outra parte um Tigre se despenha  
 causando à vista assombro temeroso,  
 e vão fugindo em voltas sucessivas  
 ligeiros gamos, lebres fugitivas.

8.<sup>a</sup>

Aqui se informa impávido um rafeiro  
 seguindo ativo um Lucaônio bruto;  
 e vê-se ali que um galgo por ligeiro  
 prostra uma corça a Diana por tributo;  
 furioso investe indômito, e guerreiro  
 um bífido animal molosso astuto,  
 detendo enfim com suma agilidade  
 do tardo monstro a bronca atrocidade.

9.<sup>a</sup>

Eis d'entre um risco [golpe] formidando  
 um javali medonho, e corpulento,  
 de aspecto informe, e no furor mostrando  
 ser torpe exalação do firmamento;  
 temendo ao bosque estragos ameaçando,  
 qual de Erimanto o bruto turbulento,  
 c'ò duro dente destroçando as ramas  
 sorvia escumas, vomitava chamas:

10.<sup>a</sup>

Não mais violento com vê-los presteza  
 da parda nuvem raio se desata,  
 quando expelido contra a natureza  
 as penhas parte, os troncos desbarata;  
 porque da fera a rápida braveza  
 truncando a selva, e dividindo a mata  
 no estrago inculca ser com fero ensaio  
 corisco, exalação, cometa, raio.

11.<sup>a</sup>

A venatória esquadra pavorosa  
 do monstro vendo a catadura feia  
 seu dano certo, pávida, e medrosa

confusa teme, atônita receia;  
só Cíntia ao risco opondo generosa  
o régio ardor, de vão temor alheia  
ao bruto horrendo com valor notável  
altiva espera, investe formidável.

12.<sup>a</sup>

Ao duro nervo com fatal destino  
ligeira seta a Deusa caçadora  
aptando, busca o colmilhudo indino (sic)  
para impedir-lhe os passos que minora;  
despede enfim com cego desatino  
do agudo ferro, a ponta cortadora,  
porém o peito a Cencrias lhe trespassa  
com golpe fero, e com mortal desgraça.

13.<sup>a</sup>

Cencrias mancebo ilustre, e generoso  
de régio, e nobre espírito dotado,  
enquanto a Diana segue valoroso,  
a vida perde às sem razões do fado;  
porque ao violento impulso, e rigoroso  
da irrevogável flecha atravessado,  
qual murcha flor, que a pompa desvanece  
lânguido expira, exangüe desfalece.

14.<sup>a</sup>

Cai mortalmente sôbre a terra dura  
no próprio sangue envôlto o môço infausto,  
sendo ao rigor da sorte, que o procura  
no errado golpe, mísero holocausto:  
a socorrê-lo acode a Deusa pura,  
porém achando-o já de alento exausto,  
a mágoa lhe antecipa em seus gemidos  
exéquias tristes, funerais sentido.

15.<sup>a</sup>

Mas dêste horror, que injusta a sorte ordena  
quem mais padece a dor, que o peito frágua  
Pirene foi, que em lastimosa pena

a pena repetia a vozes de água;  
 pois tão magoada ao pranto se condena,  
 e tão sentida exprime a sua mágoa,  
 que só de ouvi-la em tanto sentimento,  
 pasma o ar, geme a terra, e para o vento:

16.<sup>a</sup>

Apenas vê Pirene atravessado  
 da dura seta com mortal ferida  
 o tenro, e lindo corpo delicado  
 de Cencrias, que estimava mais que a vida,  
 quando, em copiosas lágrimas banhado  
 o níveo rosto, a ninfa enternecida  
 entregue à dor, ao sentimento atenta  
 do amado filho o caso atroz lamenta.

17.<sup>a</sup>

Compadecida a Casta caçadora  
 da mãe aflita, com piedosa traça  
 por minorar-lhe as lágrimas, que chora,  
 alívios vota a tão fatal desgraça;  
 mas vendo que das queixas, que minora,  
 Pirene cede à mágoa, que a traspassa,  
 já que o remédio na saudade apura  
 em fonte a converteu risonha, e pura:

18.<sup>a</sup>

Foi transformada em líquida corrente  
 de aljôfar claro a cândida Pirene,  
 tão pura, cristalina, e transparente,  
 que inveja foi das águas de Hipocrene;  
 às Musas consagrada, eternamente  
 conserva na pureza a dor perene.  
 com que granjeia a pasmos da memória  
 padrões na fama, e durações na história.

*De João de Barbosa e Lima.*

Pirene transformada em fonte.

## DÉCIMAS

Pirene chora sentida  
de seu filho a infausta morte,  
devendo aos erros da sorte  
por erro tirar-lhe a vida.  
A caçadora homicida  
em fonte dêste horizonte  
espelho a fêz de Faetonte;  
e não foi muito em tal mágoa,  
formassem doces olhos de água  
u'a cristalina fonte.

Neste pesar tão sentido  
lança entre flôres, e abrolhos,  
o coração pelos olhos,  
em pérolas derretido.  
Sem que se tenha advertido  
entre as selvas tão amenas  
por donde correm serenas  
estas cristalinas águas;  
se são pérolas as mágoas,  
se aljôfares são as penas.

Cencrias como filho amado  
ao peito da Mãe unido  
sendo da seta ferido,  
foi o da Mãe trespassado.  
Em sangue o cristal manchado,  
que a dor, e a ferida frágua,  
pudera lançar a mágoa  
pelos olhos diferentes,  
formado em duas correntes,  
de sangue um rio, outro de água.

Transformada em fonte clara  
 suas ânsias padecendo,  
 por entre flôres correndo  
 jamais em seu pranto para.  
 Até que Tétis avara  
 tanto quanto liberal  
 Pirene, em sangue, e cristal  
 de seus olhos mal enxutos  
 recolhe ricos tributos  
 de pérolas, e coral.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

### Pirene en fuente.

Por la Ephezia beldad fue ciegamente  
 Herido Cenchrias, de una flecha errante:  
 Pirene viendo muerto al hijo infante  
 En lágrimas deshecha, el dolor siente.

Compasiva la Diosa, en clara fuente  
 La Ninpha convertió, donde constante  
 Su dolor sienta, eternamente amante,  
 Llore amante su pena, eternamente.

En el triste pesar a que se expone,  
 El continuo llorar por gloria tiene,  
 Aventeando a la sentida Progne.

Y por que llore tanto, cuanto pene,  
 Y a su pesar su desempeño abone,  
 Como fuente, es reson, llore Pirene.

*[João de Brito e Lima]*

Al mismo asunto.

## SONETO

A Cencrias una flecha errante embiste  
De la hermosa Diana, ya su despecho  
Antes, que trespasase al hijo el pecho,  
I El de la Madre rompe, adónde existe!

A los hijos el corazón embiste  
Envuelto en sangre; en lágrimas deshecho  
De la herida mortal mas satisfecho  
Inmortal quiere hacer su llanto triste.

La causa del dolor por que suspira  
Pirene, la convierte en fuente pura  
Donde siempre llorando el prado gira.

Sepulte el mar en perlas su hermosura,  
Por que a ser mar de dolor adonde expira  
Sólo ser mar puede d'esta (sic) sepultura.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao Segundo Assunto

## ROMANCE

Desgraça a mais venturosa,  
Pirene, posso chamar  
essa tua, pois te vejo  
no melhor bem que se dá.

Despediu Diana a seta,  
e foi emprêgo fatal  
tirar a vida a dois peitos,  
quando os pode eternizar.



Porque o extremo de Pirene,  
em ver o filho acabar,  
deixou memórias, morrendo,  
em lâminas de cristal.

Com tão semelhantes cópias,  
que bem posso segurar:  
que no infinito de todos  
se vê o mesmo original:

Pois nessa perene fonte  
em que a pode transformar,  
lhe repete os sentimentos;  
lhe copia o natural.

Imóvel se fêz Pirene,  
mas quem pode duvidar:  
que na corrente das águas,  
mais movimento não há!

Deperdeu (sic) o ser primeiro,  
mas quem se pode apartar  
de que, às lágrimas se segue  
uma atentação (sic) cabal.

Estátua te fêz Diana,  
mas tão sobrenatural,  
que na penha empedernida:  
mil almas te soube dar.

Porque, com operações,  
te pode formalizar,  
inculcando sentimentos;  
chorando todo o teu mal.

E se por pensão humana  
todos se hão de sepultar:  
que venturosa desgraça;  
é esta tua; sendo tal.

Tôda, aos séculos, segura,  
tôda, aos tempos, imortal,  
em que param impossíveis,  
pois nada a pode igualar.

Vivo retrato da pena,  
das lágrimas, doce Imã  
que em cristalinas correntes  
nunca puderam cessar.

Porque o cristal congelado  
sustância do mineral,  
desafoga a saudade;  
sem em seu curso parar.

Quando a aflição, por lembrança,  
daquela seta mortal  
a emparelha, no correr;  
se a não segue no chorar.

Mas donde paras Pirene?  
paras no bem de ficar  
extremo da saudade,  
troféu invicto, aos anais.

*Por Manoel Ferreira da Luz*

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

A Pirene convertida em fonte. No segundo assunto

## ROMANCE JOCOSO

Não tem, Senhora Pirene,  
comigo que porfiar  
que sou homem de vergonha  
e não hei de escrever tal.

Se está convertida em fonte,  
diga, nisso que me vai?  
Não tenho eu tanta sêde  
que a intente requestar.

Antes devesse ser fonte  
nunca me disse: água vai,  
e agora que a está sendo  
aguados gostos me dá?

Quer que escreva a Academia  
hoje assim sem mais nem mais,  
que para carranca sua  
se me atreve a convidar?

Tão feia carranca é a minha?  
Ora arrede para lá,  
que mais feia era a de Isopo  
mas nunca serviu de tal.

Demos que carranca eu seja  
se fraca como água está,  
não prove comigo fôrças  
porque a hei de derrubar.

Porfie comigo em quente  
que algum dia esfriará,  
e quando os dentes me quebre  
os anéis lhe hei de quebrar.

Lance cobras, e serpentes  
de mim, que eu hei de botar  
dela pérolas, e aljôfres  
pela bôca a já não mais.

Se comigo hoje peleja  
veja menina o que faz,  
que em me dando um lavadentes  
com outro a hei de enxugar.

Não tenha de mim ciúmes  
já que aqui cândida traz,  
porque me hei de rir para ela  
quando a bôca arreganhar.

Mandou-me dizer Maricas  
que hoje vinha aqui lavar,  
mas se eu tenho fraca roupa,  
fraco serviço me faz.

Se lhe dá você licença  
Pirene minha, bem vai,  
mas não prenda as mãos da môça  
nas correntes dos cristais.

Porém prenda-as muito embora  
que ela, que dúvida faz,  
vendo que é você tão falsa  
das correntes sairá.

Valha-me Deus, coa menina,  
como impertinente está!  
ora eu já pego na pena  
bem pode a carta notar.

Senhores, Pirene quer,  
mas o que não quisera  
quem quer só o que eu não quero,  
e atrás de um não querer vai.

Quer que eu a tome entre dentes  
sendo que me não fêz mal,  
mas se hidrópico hei de ser,  
por força a hei de tragar.

Adonde vai dar consigo,  
a cachopa, não sei já  
pois pela água abaixo deixa  
ir todo o seu cabedal.

Que estou já querendo tudo  
saibam vossas mercês lá  
porque dos seus desperdiços  
sei que rico hei de ficar.

Dizem que com outras Ninfas  
[certa] contendinha traz,  
e quer por lhes meter medo  
a minha forma tomar.

Mas se há de passar por mim  
êste trago, venha já,  
que a tudo se sacrifica  
quem tantas vontades faz.

Cá não falta água do monte,  
e o rio tão cheio vai  
que Pirene com ser esta  
se viu nêle perigar.

Vossas mercês a têm feito  
mui boa, pois dizem cá  
que depois que assunto deram  
entrou a crescer o mar.

E por quê? perguntam bem,  
porque se viu carregar  
lá sôbre a Ilha das Fontes  
com esta fonte de mais.

Que Pirene convertida  
fôra, não fizera mal,  
pois não faltara um convento  
adonde pudesse entrar.

Porém em fonte? abernuncio (sic)  
mal sabem o que cá vai,  
se não fecho logo a bôca,  
há-se o mundo de alagar.

Acabada esta função  
protesto não me encontrar  
com esta mulher porque  
se não queixem de mim mais.

Dizem que a Cachoeira  
a trouxera, e tal não há  
porque nunca mais que agora  
é que a vi para meu mal.

Ora a Deus Pirene minha  
leve, se a Academia vai,  
esta carta, e a resposta  
fielmente mostrará.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

Pyrene convertida em fonte.

### DISTICHON

Ne plores, Pyrene, si tibi flere uoluptas,  
Fons eris, in lacrimas semper ut ire queas.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ao segundo assunto

### MOTE

É fonte Pirene amante  
por amor, por fé, por zêlo,  
por leal, fina, e constante.

### GLOSA EM EPILOGOS

Quem é que corre Faetonte? — é fonte.  
Que fonte é esta perene? — Pirene.  
Quem mais é por lacrimante? — amante.

Nesse pois cristal undante,  
que ser líquido se crê,  
claramente se vê, que  
é fonte Pirene amante.

Por quem chora com tal dor? — por amor.  
Por amor de Cencrias é? — por fé.  
E por fé tanto desvélo? — por zêlo.

Por firmar do afeto o sêlo  
nesse pranto tão gigante,  
é fonte Pirene amante  
por amor, por fé, por zêlo.

Por que causa é fonte tal? — por leal.  
 Que mais é por cristalina? — fina:  
 Sendo fina será amante? — constante.

É logo fonte manante  
 por cuidado, por desvêlo,  
 por amor, por fé, por zêlo,  
 por leal, fina, e constante.

*Luís Canelo de Noronha.*

Ao segundo assunto

### CANÇÃO

Corram as águas do Parnaso Monte,  
 A Hipocrene Fonte,  
 E inundem-me esta veia não benigna  
 Dessa fonte, a que chamam Cabalina,  
 Para que cantar possa claramente,  
 Que hoje pede o assunto ser corrente.

Pirene é fonte, diz a Academia;  
 Se acaso é na Bahia?  
 E qual delas será, que muitas vejo?  
 De dizê-las, Senhores, tenho pejo,  
 Mas se a Musa solfeja murmurando,  
 Apolo vá comigo, eu vou cantando.

Se será pois a fonte do Queimado?  
 Essa não que o seu fado  
 Outra origem lhe dá mais competente,  
 E melhor porque inda fôra ardente,  
 E se medicina é esta água fina,  
 Esta por semelhança é medicina.

A fonte deve ser de Santo Antônio;  
 Porém tal matrimônio  
 Não se ajunta, ou se casa com Pirene,  
 Que inda que corra lá fonte perene,  
 Cá não corre, que o Santo tem tal zêlo  
 Que tal coisa não levará em capelo.

Alguns cuidam que é a Água de Meninos;  
Famosos desatinos!  
Pois se lá de um Menino pelo pranto  
Se foi fonte Pirene por encanto,  
Esta cá por brinquedo, e não por mágoas,  
De Meninos se chamam suas águas.

Ser Pirene a dos Padres se duvida,  
Por estar convertida;  
Porém quem há de haver a quem lhe quadre  
Que combine tal Madre c'o algum Padre?  
Peló que disparate aqui seria  
Afirmar tal Pirene em companhia.

Outros dizem que é a fonte do Pereira:  
Loucura chamo inteira,  
Pois se por um equivoco há encacho  
Em Pirene fêmea, e Pereira macho,  
Aquela lá no bosque é que se espraia,  
E êste deu nome a fonte aqui na Praia.

Inferese também que é a Fonte Nova;  
A ilação mal se prova,  
Que Pirene é uma fonte mui antiga,  
E esta Nova se diz e há quem diga  
Que uma terra sem dono aquela encerra,  
Desta Miguel Cardoso ocupa a Terra.

Ser também a das Freiras se imagina  
Por bela e cristalina;  
Mas não é, que se aquela é lá famosa  
Esta é mais porque é fonte portentosa;  
E se Pirene foi fonte mui rara  
Esta é mais pura, que é de Santa Clara.

Ser a do Cravatá dizem uns poucos,  
No que parecem loucos;  
Pois ainda que seja clara e bela,  
Nenhuma conexão tem com aquela,  
Que Pirene se fôra já corria  
Cravatá no possível existia.



Ser a Fonte das Pedras alguns querem,  
 Não muito bem inferem:  
 Nem se pode afirmar coisa tão dura,  
 Se uma e outra razão melhor se apura;  
 Pois aquela foi fonte dos amôres,  
 E esta por pedra, fonte dos rigores.

Que se julgue esta fonte a do Coqueiro  
 É menos verdadeiro,  
 Pois por mais que investigo jamais toco  
 Que nesse tempo houvesse inda algum côco,  
 Nem cocadas também ainda havia,  
 Hoje usadas e ousadas na Bahia.

Muitos a Vila Velha ser pensavam,  
 Que mal o imaginavam,  
 É inda que cá primeira ser se diga  
 Vila Velha, a Pirene é rapariga,  
 E em verdade esta fonte inda não era,  
 Quando a outra já era noutra era.

Será do Gabriel que é fonte boa,  
 Donde emana a Gamboa?  
 Não: porque Pirene era outra fonte,  
 Que cristais derramou de monte a monte,  
 E se existe; não é cá nesta Terra  
 Que era na era do tempo da guerra.

Enfim, Canção, para que estás cansando,  
 Recolhe-te ao silêncio,  
 Se não dizes a fonte, aonde, e quando  
 O calar-te é melhor, que no que dizes  
 Dás tu matéria a críticos juizes.

*Luís Canelo de Noronha.*

Ao segundo assunto.

## ENDECHAS

Em cristais se desata  
 a bela Ninfa,  
 Se não é que derrama  
 pérolas finas.

Pois de Cencrias chorando  
a dura morte,  
brandamente destila  
líquida fonte.

Para que se conheça  
pelas enchentes,  
que é Pirene no prado  
fonte perene.

Como prêsa no peito  
tinha água tanta,  
lhe saíram correntes  
de fina prata.

E quando amarga chora  
tal soledade,  
mostra ser no seu pranto  
Mar de Saudades.

E se clara no prado  
se lança a água,  
é porque fere o peito  
de quem a lança.

E em que queira ocultar-se  
tôda corrida,  
no cristal se retrata  
sua ruína.

E se amor pelo efeito  
é fogo e água,  
destilados lhe correm  
pedaços da alma.

E porque se sentia  
de amor enfêrma,  
se sangrou e correu  
de prata a veia.

E se acaso foi sempre  
amante fina,  
hoje vive Pirene  
já convertida.

*Luís Canelo de Noronha.*

Converte a Deusa Diana a Pirene em fonte.

### DÉCIMA

Tanto Pirene chorou,  
Que em fonte se converteu:  
Mas Diana que a ofendeu  
Porque em fonte a transformou?  
Porque como desejou  
Ter uma fonte perene  
(Qual a famosa Hipocrene)  
De Pirene a fonte faz  
Porque no nome já traz  
O ser perene Pirene.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Pirene convertida em Fonte. Assunto lírico da presente conferência.

### SONETO

Vê Pirene das flechas de Diana  
Em a morte do filho a crueldade  
Que o ser por erro a mãos de uma Deidade  
A não pode escusar de ser tirana.

Chora a Ninfa, e da voz que exprime humana  
Julga a Deusa gentil da castidade,  
Que uma queixa que a mágoa persuade  
É delito que o culto lhe profana.

A Pirene transforma em Fonte pura,  
Que em pequena corrente cristalina  
Dêste fato com lágrimas murmura.

Dela se escuta a história peregrina,  
Suavizando das águas a ternura  
Quanto afeiou das setas a ruína.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Segundo assunto.

Pirene transformada em fonte.

## ROMANCE INSENSATO

Lá no monte Acrocarinto  
da grande Peloponeso  
Pirene fonte galharda  
fertiliza êsse terreno;

E consultando os autores  
achei um rôto caderno,  
o qual com tôda a mentira  
conta da fonte o [sucesso].

Eu seguindo fielmente  
a mentira que ali vejo,  
sem ganhar, nem perder nada  
assim como a compro a vendo.

Diz que Pirene era môça  
campanuda, e de bom gesto,  
por certa causa Netuno  
fizera em seu talhe emprêgo.

Ao cabo de nove meses  
pouco mais, ou pouco menos  
dois filhos à luz saíram  
um bonito, e outro feio.

O feio que era Lageu,  
foi o que nasceu primeiro,  
e Cencreo, que era o bonito  
logo atrás veio nascendo.

A Cencreo a Mãe amava  
com mui carinhoso extremo,  
e quis o diabo adrede  
viesses logo a perdê-lo.

Adoeceu o rapaz,  
[e] sem lhe valer o penso,  
andando de dia em dia  
foi morrer ao quatorzeno.

A Mãe vendo ao seu Cencreo  
já defunto, e esqueleto  
arrebentava com choro  
desfazia-se em lamentos.

Vendo Netuno tal pranto  
convocou aos companheiros  
(outros tais Deuses como êle)  
e lhes fêz êste protesto:

Que visto haver êle tido  
coa môça seu galanteio,  
e assim se lamentava  
pelo filho, sem remédio,

Era bem que por livrá-la  
de tão penoso tormento  
chorasse por uma vez  
sendo fonte em todo o tempo.

Convieram todos nisso,  
e ela também conveio,  
chamou-se fonte Pirene,  
que assim quiseram os gregos:

Esta a pálida Pirene  
é conforme lá diz Pércio,  
porque os que bebiam dela  
ficavam logo amarelos.

Conceituem os poetas  
agora lá nos seus versos  
sobre o caso o que quiserem,  
que eu não estou para conceitos;

Quanto mais que quinze coplas  
já estão feitas quando menos,  
e não é para aguardar  
um romance ruim, e extenso.

Do Acadêmico Inflamado  
*João Alv'res Soares.*

## Ao Segundo Assunto.

## DÉCIMA

Ser Pirene transformada  
 em Fonte não causa espanto  
 porque ninguém chora tanto  
 se acaso não lhe dói nada.  
 Viu o Filho da flechada  
 morto, e nova Climene  
 sentiu, e chorou Pirene  
 quem muito que em tanta mágoa  
 de Pirene olhos de água  
 corram já fonte perene.

*De João de las Vinhas.*

## A Pirene convertida em Fonte.

## DÉCIMA

Pirene se a tua sorte  
 Tão cruel usou contigo  
 Que quando a teu filho abrigo  
 Cuidavas, achaste a morte;  
 Se o teu fado é tão forte,  
 Que a chorar pois te destina;  
 Feita fonte cristalina  
 Ficarás eternamente,  
 Pois tua alma não consente  
 Consôlo na dor tão fina.

*De um Capucho Anônimo.*

## A Pirene convertida em fonte.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Coitadinha de Pirene,  
que tanto foi desgraçada,  
que ao depois do filho morto,  
em fonte a mudou Diana.

**Agora sim! meus Senhores.**  
Não a pedra passada  
desaguarei êste assunto,  
que inunda por essas praias.

Porque tais serão meus versos,  
com tal corrente apressada,  
que de fonte fique feita  
o rio de Gaudiana.

Sòmente receio, que  
seja a inundaçãõ tanta,  
que me fique desta vez  
a minha Musa afogada.

Mas não; que eu invocarei  
alguma Musa aguada,  
filha do Senhor Netuno,  
Tétis de fontes banha.

**Socorra-me a Ninfa Nais;**  
venha com tal enxurrada,  
que a todos os meus ouvintes  
lhe dê água pela barba.

**Vamos, pois ao nosso Assunto,**  
que não sei se já enfadam  
preâmbulos tão compridos,  
tamanhos como esta sala.

Andava, em certo bosque  
a Deusa Diana, à caça,  
levando na mão seu arco,  
e setas na sua aljava.

Quando, sem mais de repente,  
a poucas passadas dadas,  
dentro daquele arvoredado  
ligeiro um veado salta.

Mete então com tôda a pressa  
o arco que ela traz à cara;  
e despedindo uma seta  
atravessa uma criança.

Era esta pois de Pirene  
a prenda que mais amava,  
a quem trouxe nove meses  
dentro de suas entranhas.

Menino tão extremado,  
de agilidade tão rara,  
que corria pelos bosques,  
como corça que voava.

A êste vendo sua Mãe  
morto: tão desconsolada  
ficou; que tôda, chorosa,  
a terra tôda banhava.

Ao pranto então de Pirene  
acudiu logo, Diana,  
tôda sentida da morte  
da morte tão desgraçada.

E vendo compadecida  
a Mãe, com lágrimas tantas,  
logo em fonte a transformou  
a seu nome consagrada.

Esta é a fatal História  
de Pirene malfadada,  
convertida foi em fonte,  
por orações de Diana.

*De um Capucho Anônimo.*



## A Pirene convertida em fonte.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

U'a Mãe tôda chorosa,  
que em fonte foi convertida,  
temos hoje para assunto  
desta nossa Academia.

Agora socorro peço  
das fontes àquela Ninfa,  
que entre elas é a mais formosa,  
que de tôdas é a mais linda.

Venha Nais tôda enfeitada,  
traga sua gargantilha  
de musgos por esmeraldas  
por pependentes as conchinhas.

Faça com que eu desta vez  
em Romance aqui repita  
a conversão de Pirene,  
em fonte a mais cristalina.

Foi Diana, meus Senhores,  
a caçar em certo dia,  
e levou consigo ao monte  
tôda a sua comitiva.

Entrou por dentro de um bosque  
de faias, choupos, e silvas,  
armada com seu arco  
de setas mui bem provida.

Aqui habitavam Tigres,  
não sei se também Guaribas;  
o porco montês roncava,  
o Touro bravo mugia.

O Javali, e o veado  
aqui salta; e acolá pisa  
o Coelho; a lebre corre;  
buscando todos a vida.

Já todo o bosque assaltado  
por Diana se amotina;  
ficando muitos sem sangue,  
com aquela montaria.

Quando ao seguir de uma corça,  
com quem ia divertida  
Diana, despede a seta,  
erra o golpe, e perde a mira.

Mas ai! que a seta cruel  
de um filho tira a vida  
de Pirene, que passando  
por dentro da mata vinha.

Acode Pirene à pressa  
com a nova tôda aflita,  
e vendo seu filho morto,  
tôda na alma se lastima.

Era o filho dos seus olhos,  
a mais formosa Menina:  
bem se viu nos olhos de água,  
o quanto bem lhe queria.

Já não tem consolação,  
já não quer nada da vida,  
tudo lágrimas são nela,  
a chorar só se destina.

O que vendo então Diana,  
da morte muito sentida,  
não podendo reprimir  
as lágrimas tão contínuas,

Usou da sua maranha  
ou sua feitiçaria;  
ficando desde ali Pirene,  
em fonte então convertida.

*De um Capucho Anônimo.*

Pyrene in fontem conuertitur.

### EPIGRAMMA

Ponit odoriferum ceu florum turba decorem  
 Candida, sic formam ponis et ipsa tuam.  
 Est tibi sors melior, teneris quam floribus: ullam  
 Namque uenustatem, cum uariaris, habes.  
 Fontis at in fluidos dum uerteris ipsa liquores.  
 Feminum fluidam rem decus esse liquet.

[*Sem indicação de Autor*]

Pyrene in fontem conuertitur.

### EPIGRAMMA

Verteris in gelidum, tristis muliercula, fontem.  
 Atque perit uultus pristina forma tui.  
 In fontem si te mutatam uiderit alter,  
 Credet Acidalios te timuisse rogos.  
 Cum tamen in gelidas uertunt te Numina Lymphas;  
 Iure ego Lymphatos credo fuisse Deos.

[*Sem indicação de Autor*]

Pyrene in fontem conuertitur.

### EPIGRAMMA

Verteris in fluidum, Pyrene candida, fontem.  
 Et frontem amittis, quae fuit ante, tuam.  
 Amisso querulos uultu dissoluere fletus,  
 Ne te quis stolidam praedicet esse, caue.  
 Nam quamuis habeas, in fontem uersa, tot undas,  
 Deficiunt oculi, queis fluat unda, tibi.

[*Sem indicação de Autor*]

Pyrene in fontem conuertitur.

### EPIGRAMMA

Ingenuae periit iam pristina frontis imago,  
 Abstulit et uultus labilis unda tuos.  
 Quae nuper fueras mulier, Crystallina Lymphaes.  
 Pande, quid in formam fontis adire iuuet?  
 Formam ego femineam te credo odisse, genusque;  
 Et uoluisse puto masculum habere genus.

[*Sem indicação de Autor*]

Flebilis Pyrenes in fontem conuersae Locutio

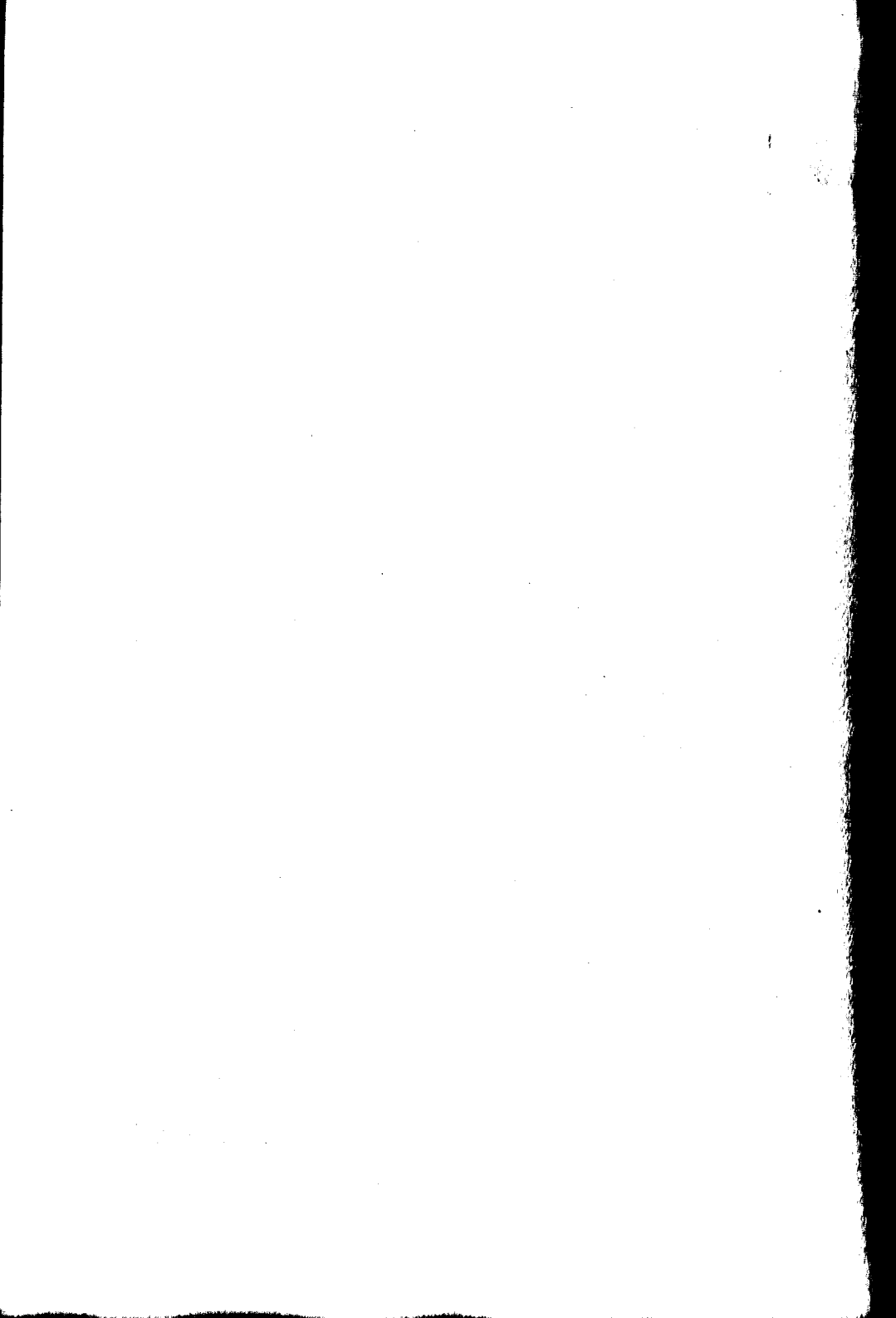
### ELEGIA

Quis pulchros hominum uultus, quis corpora formas  
 Crederet in uarias uertere posse Deos!  
 His ego non poteram gratas dare uocibus aures;  
 Hoc mihi ficta etiam fabula nuper erat.  
 Sed modo cum gelidum, fluidumque immutor in  
 [amnen,  
 Falsa uidebantur quae mihi, uera puto.  
 Carpathium iam credo senem uariasse figuras:  
 Credo fuisse canem; credo fuisse lupum.  
 Quam dare nolueram, iam praesto celerrima, cautem  
 In duram Nioben diriguisse, fidem.  
 Sic formam tristes, lapso Phaetonte, Sorores  
 Populeam Lacrimis obtinuere suis.  
 Dicite supplicii causam mihi, dicite Manes,  
 Dicite caelestes sidera celsa plagae.  
 Numquid in irriguum uertunt me Numina fontem,  
 Flecteret ut Iymphis caelica turba sitim?  
 Fallitis heu! uobis ego, Numina, testor: in altum  
 Ibit ab hoc fluuio gutta nec una polum.

In fluidos quamuis sim transformata liquores,  
Vobis Caucasei Marmoris instar ero.  
Non timeo a summo iaculentur fulmina Caelo;  
Nullum etiam poenae, suppliciique genus.  
Nec fatum uereor, nec fulmina missa, nec ense;  
Vincere cum nequeat fulmen, et ensis, aquas.  
Quid tamen [admissae] mittuntur in astra querelae  
Fletibus? Ad barathri cursitet antra dolor?  
Nulla equidem ueniunt ex hoc ludibria: quando  
Versus et in turpem est Iuppiter ipse bouem.

[*Sem indicação de Autor*]

17.a CONFERÊNCIA  
DE 21 DE JANEIRO



## Conferência do Coronel José Pires Carvalho de 21 de janeiro de 725

Não se opôs tão obstinadamente Hércules a Hidra, como Catão a César. Mas hoje havemos de ver unidos êstes dois bravos inimigos: o jovial de César com o severo de Catão: o sério com o jocoso: a graciosidade junto com a serenidade em uma conversação civil. É notável o abuso de alguns menos instruídos na doutrina Peripatética nas suas graças, ou graciosidades em uma conversação: e a nímia severidade de outros na mesma, esquecendo-se êstes daquela, e aquêles desta. Eu que minhas instruções tive naquela doutrina hei de mostrar com brevidade; primeiro, a utilidade das graças, ou graciosidades em uma conversação a sua definição, e divisão: segundo as leis, que se hão de observar em as dizer. O ponto disputou-o Aristóteles altissimamente nas suas Éticas, a quem seguem os mais Filósofos, como além dos outros se podem ver em o metódico Padre Rodes, e com êstes me não hei de afastar da doutrina do Filósofo, mas de sorte, que me entendam os não Filósofos. Assunto certamente gostoso. Ceres largamente cansada em busca de Proserpina, a quem ocultavam profundamente os Abismos: enquanto sôbre um penhasco chamado o Irrisível em as Soledades de Eleusis se estava consumindo de tristeza, pensando sempre na sua Proserpina: Jambe velhinha graciososa com festivos motes a fêz rir. Daqui nasceu que com os Arcanos sacrificios de Ceres como sério das cerimônias venerandas se misturava o ridículo dos motes graciosos, e daqui o provérbio: Até os Deuses gostam do jocoso.

Senhor, os Césares são os Deuses da terra: por esta razão não pode deixar a Soberania de Vossa Excelência de gostar do jocoso; e sendo o jocoso misturado com o sério não pode deixar de exultar: pois Vossa Excelência é o César, que tem feito perpétua paz com Catão, e também é o Catão, que é inseparável amigo



de César, tão sério, que ainda no jocoso mostra ser sempre César, sempre Catão: e assim é Vossa Excelência a mais eficaz prova do meu assunto.

Aquêles nobres engenhos pois, poéticamente filosofando nos quiseram dar a entender, que a mente humana consome muito o vigor corpóreo fazendo-se melancólica, e solitária na séria investigação da verdade escondida no profundo das ciências e que não poderia durar largo tempo se talvez conversando com o riso, e com as graças não tivesse algum alívio.

A tristeza companheira da Sèriedade apertando o Coração, prende os espíritos vitais, e resfriando o peito encolhe a cútis, e cerra o passo à voz. Ao contrário o riso companheiro da graciosidade, dilatando o Coração desprende os espíritos oprimidos, e aquecendo o peito desarruga a testa, e envia muito alento ao órgão da voz. Assim como o ócio é descanso do corpo, assim a graciosidade é o descanso do ânimo. As graças pois são saudáveis à conservação do indivíduo: porém mais a conservação de uns com os outros. Porque assim como a natureza ligou os homens entre si com ocultos vínculos da simpatia, e a tristeza de um reverbera no semblante de outro; assim também uma cara risonha alegra o Coração de quem olha para ela. E porisso o gracioso granjeia o carinho daqueles com quem trata. As graciosidades são a mais doce salsa da conversação civil, enquanto um as diz, outro as ouve, aquêlé cortêsmente as arroja, êste amigavelmente as recebe, e as toma; como perrilhos, que encontrando-se com inocentes dentezinhos brigam, e estão em paz, mordem-se, e acariciam-se. Porisso Aristóteles chamou com razão as graciosidades urbanidades, porque não nascem no terreno inculto de gênios rústicos, e grosseiros, se não em entendimentos cidadãos, e engenhosos, ou por costume, ou por arte.

Declarada já a utilidade das graças, ou da urbanidade discorrendo geralmente, a graciosidade, ou urbanidade é uma operação do entendimento, que ensina alguma coisa em modo engenhoso. Modo engenhoso é aquêlé, que explica alguma coisa, não por termos próprios, e comuns, se não por termos figurados, e fingidos do entendimento, e porisso novos, e não esperados: como se para dizer amor dissesse incêndio; porque não significa esta paixão com o seu vocábulo próprio, senão com um figurado: porém vivamente expressivo, e porisso delectável. A forma do mote jocoso consiste na dita ingeniosidade, isto é, em explicar uma [coisa], não por via de termos próprios, e usados, senão por via de termos metafóricos, e fingidos; porque duas coisas compõem a graciosidade: matéria e forma. Declarada a forma vamos à

matéria. Das graciosidades umas são sérias, e outras ridiculas. Enganam-se os que se persuadem, que Aristóteles nas fáticas chamou somente graciosidade os motes ridículos. Ele conheceu uns, e outros em este capítulo, quando nos advertiu, que o gracioso usará de motes jocosos com pessoas alegres; porém com as graves usará dos graves. Mas dirá alguém: se a graciosidade se opõe à seriedade, grave, tão triste, tão fero, que com a [matéria], e com a forma porque esta causa tristeza, e aquela alegria: como pode ser uma graça séria, ou uma seriedade graciososa? Uma alegria triste, ou uma tristeza alegre? Respondo, que não há sujeito algum tão grave, tão triste, tão fero, que com a [matéria], e com a forma não se possa fazer gracioso. Que sujeito há mais sério, e mais grave, que as estrélas do Céu? E que proposição é mais séria, e doutrinal que esta? As estrélas são as partes mais sólidas, e opacas da região etérea, que com os reflexos dos raios do Sol se fazem luminosas: esta é proposição douta, porém não graciososa. Porém se disseses: as estrélas são cristais etéreos, que ainda que escuros se se vê nêles o Sol, se tornam noturnos sóis. Esta é a mesma doutrina, e não obstante, é algum tanto graciososa. Graciosamente grave será esta proposição: as estrélas são sagradas alâmpadas do templo de Deus. Pulcra, e formosa será esta: as estrélas são lavôres de pedras preciosas, com que está bordado o pavilhão do mundo. Alegre será esta: as estrélas são brilhantes flôres do jardim dos bem-aventurados. Erudita será esta: as estrélas são os olhos da Celeste Argos, que tôda a noite velam sôbre os mortais. Fera será esta: as estrélas são Celestes fúrias entretecidos os cabelos de tantas serpes, como raios para apartar os maus do Céu: Triste será esta: As estrélas são lúgubres faixas da Capela ardente do Funeral do Sol. Pelo contrário ridícula será esta: As estrélas são volantes lucernagas pelos Cerúleos prados do Céu: mais ridícula será: As estrélas são lanternas, dos Deuses, quando saem de noite a passear: mais ridícula: As estrélas são morrões acesos, que caem do varandão do Sol. Finalmente se fizesses do Céu um crivo poderies com o Stiliano chamar burlescamente as estrélas luzentes buraquinhos do Celeste crivo.

Inda pois as graciosidades graves, nem tôda a proposição grave é graciososa, se a forma engenhosa não veste a matéria grave. Se se visse uma Dama, e um seu filhinho ambos formossísimos, porém ambos faltos de um dos olhos se poderia dizer em uma conversação cortêsã, gravemente, e graciosamente. *Lusce Puer Lucem Luscae concede [poenti]: Sic tu Caecus Amor, sic erit illa Venus.* Se este menino desse a sua vista à Mãe, ficaria um Cego [Cupido]: e ela uma formossíssima Vênus. Se Marcial dissesse de Nerva este é um Príncipe tão perfeito, que faz que os bons ape-

teçam mais o estado da Monarquia, que o da República: seria uma proposição laudatória, e grave, porém histórica, e não graciosa: fê-la parecer gravemente graciosa dêste modo: agora sim que Catão se tornasse ao mundo se faria Cesariano: Catão aborrecia tanto o estado da Monarquia, que se matou por não ver Príncipe a Júlio César. Com semelhante figura louvou Ângelo Policiano àquela fecunda Cica de Siena. Mnemosine, mãe das nove Musas, ouvindo falar a Cica disse, quando pari eu a décima filha? Por dizer, Cica parece uma Musa na eloquência. E de uma formosa, e honesta: ela sabe o que é ser amada: porém ignora o que é amar: Clóvis dos Partos, fugindo, flecha os amantes. E de uma Dama discreta, rica, e formosa se se tivesse achado no juízo de Páris, ela só ganhara a maçã de Ouro às três competidoras. Porque Minerva era a Deusa da Sabedoria, Juno das riquezas, Vênus da formosura, e ela unia em si só êstes três dotes. Admirável ainda é hoje um caso semelhante aquela argúcia de Jorge.

Pallas, Juno, Venus nemorosae invallibus Idae

Certamen forma, consubiére, Deae

Inter certantes, situ Dea quarta fuisses

Vicesses [...] quas, tu Dea sola Deas.

Quam ieiuna foret Iuno, quam palida Pallas,

Quam Dea uana Venus: tu Dea sola fores.

Passo já ao segundo e último ponto, que prometi: a saber as Leis que se hão de observar nas graciosidades. [Será] boníssima, e eterna Lei guardar as Leis do decôro da conversação civil; considerando: quais graciosidades se dizem; quem as diz: a quem se dizem. Estas são três regras gerais, que deve aplicar o homem judicioso a qualquer ocasião, ou congresso particular. Catão ainda, que Censor austero gostava de motes jocosos, de que compôs um livro, e dizia muitos. Porém quando atendia ao seu officio nem queria dizê-los, nem ouvi-los. Sentado um dia na cadeira Censória, e examinando a Pórcio Cavalheiro Jovial, chegando aquêlle interrogatório costumado: Tens mulher a satisfação tua? Pórcio respondeu de repente: Tenho mulher não a satisfação tua. Esta resposta inopinada, e porisso graciosa, se Catão a tivesse ouvido na Aldeia não só se teria rido, se não a teria apontado no seu palimpsesto. Mas considerando o lugar donde se disse se enfadou tanto, que privando-o de Cingulo, e do cavalo o reformou, e de Cavalheiro o fêz Infante. A segunda

regra é que a graciosidade convenha a quem a diz: assim como uns motes convêm ao trágico Sêneca, e outros ao cômico Aristófanes: assim devem ser diversas as jocosidades nas conversações civis, segundo a idade, ou grau, e a condição de cada um. O Asno de Esopo vendo, que o Perrilho se levantava em pé fazendo carícia a seu Amo, e que o regalavam à mesa, disse entre si: se eu fizer estas mesmas festas ao Amo também lograrei os mesmos favores: Levantando-se pois para acariciá-lo deu com o Amo, e com a cadeira em terra, e em vez de favores levou muita pancada. A terceira regra muito mais difficil é acomodar as graças àqueles a quem se [dizem]. Tanta diversidade há nos gênios dos homens, como nas caras: uns alegres, outros tristes: uns doutos, outros idiotas: uns aprazíveis, outros enfadosos: qual gosta de um sujeito, qual de outro: qual se ofende de uma coisa, e qual de outra. Grande prudência pois se requer para contemporizar com cada um nas graciosidades. Porisso Aristóteles chama ao gracioso em Língua Grega Eutrapelo, isto é versátil, e destro, que se acomoda ao gênio de todos, como o espelho a tôdas as caras. Com o erudito usará das graciosidades mais eruditas; com o engenhoso das mais agudas, com o iliterato das mais chãs: com as mulheres das mais honestas: porém especialmente com o senhor, e o Príncipe as mais respeitosas: Sendo pouco seguro brincar com Leões, ainda que domésticos. Augusto compôs algumas graciosidades satíricas contra Polião por provocar aquêlê agudíssimo engenho. Mas Polião não quis responder, dizendo, não quero escrever contra quem me pode desterrar. Ramiro, Rei de Espanha, era tão simples, que ainda aos simples parecia néscio; por cuja razão o desprezavam muitos Nobres com ridículos motes. Não obstante, não lhe faltou entendimento para dizer alguns falam demasiado; porém ao Som de um sino emudeceram todos. O Som foi tal, que na manhã seguinte se viu na praça um sino sôbre um tablado, e ao redor muitas cabeças de vários Príncipes, que o haviam motejado, e sôbre o sino um papel com estas palavras: *nescit uulpecula, cumquo ludat*: Não sabe a zorra com quem zomba. Êste foi o sino que fêz emudecer a todos a uns com a morte, a outros com horror: Com esta graciosidade se acabaram as graciosidades: e com esta acabarei eu também êste doutrinal discurso. Se alguém me disser, que lhe agrada, recebo por graça que me diz, e por graça que me faz: e se não me disser, nem me fizer esta graça pouco importa; contanto que se digne admitir-me na sua a vossa Soberania, Senhor, a quem me parece que ouço estar me dizendo: *sufficit tibi gratia mea*: basta a minha graça, e basta.

Conferência de 21 de janeiro

Ao Presidente

Foi nela Presidente o Coronel José Pires de  
Carvalho Cavaleiro da Ordem de Cristo

Ao Presidente José Pires de Carvalho

### DÉCIMAS JOCO-SÉRIAS

Graças a Deus, que já vim  
A alcançar o que desejo,  
Graças a Deus, que já vejo  
Nesse trono um xarapim.  
Sempre os Josés para mim  
Foram homens de talento;  
E como de entendimento  
Tão grandes mostras nos dão,  
Porque êles no aumento estão,  
Folgo de os ver com aumento.

Eu sei que Apolo algum dia  
Nas consultas mais urgentes  
Como Oráculo das gentes  
De um Carvalho respondia.  
E que milagre seria  
Se cá para o nosso pólo  
O trouxesse Febo ao colo,  
E à custa do seu trabalho  
Víssemos neste Carvalho  
Outro Oráculo de Apolo?

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Sôbre a Oração engenhosa, que fêz o Senhor Coronel José Pires de Carvalho debaixo da metáfora de um erudito banqueiro, com reflexão no sobrenome de Pires.

### SONETO

Com pasmo se viu nesta Academia  
De um famoso banqueiro hoje um retrato:  
E o papel que faria um grande prato,  
Um rico Pires só nêle fazia.

Fêz um discurso vêzes de iguaria,  
Com tal ostentação tal aparato,  
Que bem-vendido a ser muito barato,  
Quando nada, um talento, e mais valia.

Repartiu-se o manjar, e foi portento,  
Que sendo com a mão larga repartido,  
No Pires se não via abatimento.

Depois de terem já todos comido,  
Viu-se sim, ou ficar mais opulento,  
Ou cheio até de si, depois de ouvido.

*De Júlio Baculino.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho orando engenhosamente na Academia Bahiense.

### CANÇÃO

Eu não sei com que traça  
A vos ouvir, senhor, me trouxe o fado;  
Se do afeto arrastado,  
Se por obrigação me pôs na Praça:  
Porém seja o que fôr, do lado vosso,  
Por razão natural faltar não posso.

Fui nesta Academia  
Juntamente convosco introduzido:  
E aplicando o sentido  
A quanto a vossa bôca já feria,  
Vi que as obras do vosso entendimento  
Nada têm que não seja um pensamento.

Pensamento digo,  
Pelo ligeiro não, sim pelo agudo;  
E nisto digo tudo,  
Porque o passar daqui tem seu perigo;  
Mas se a todo por vós expor-me devo,  
Vêde a quanto, senhor, por vós me atrevo.

Êsse parto elegante  
Do vosso nobre engenho produzido,  
Deu-se à luz tão polido  
Qual entre as demais pedras o diamante;  
E entre as mais Orações vencendo a tantas,  
Quantas vence o Carvalho humildes plantas.

Na praia o concebestes  
E o formastes, Senhor, também na praia.  
Pois, que muito que saia  
Tão alto, e levantado, se o fizestes,  
Segundo o que se vê, de qualidade,  
Que até chega aos Palácios da Cidade.

No talento admirável,  
Em que a dita Oração representastes,  
E uma mente mostrastes  
Que era em tudo aos demais incomparável.  
Com ser na praia sempre exercitado,  
Nem sequer longe estêve de areado.

Ao mesmo mar vizinho  
Nunca êsse agudo engenho flutuava,  
Quando a pena tomava  
Nesses dedos de neve, ou mão de Arminho,  
Com estilo escrevia tão rasgado,  
Que não podia ser mais bem talhado.

Ocular testemunha  
 Fui eu mesmo, observando o que aqui todos  
 Por mui diversos modos  
 Aplaudindo, vos põem, onde eu vos punha:  
 Igual ao mesmo mar por tão profundo  
 Que pareceis, Senhor, não ter segundo.

*De Júlio Baculino.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho sôbre a  
 erudita, e engenhosa Oração, que fêz na  
 presente Academia, sendo atualmente  
 Cabo de Milícia.

### EPIGRAMA

Depois de ouvir-vos, senhor,  
 julgo, e com muita razão,  
 ser insígnia êsse bastão  
 de Coronel, e Orador:  
 Dêsse discurso o primor  
 nos veio a manifestar,  
 que quem vos fêz nomear,  
 para nesta Academia  
 orar, ao Cabo queria  
 desta vez tudo levar.

*De Júlio Baculino.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
 Presidente da presente Academia sôbre o  
 mesmo argumento, e debaixo da mesma alusão.

### EPIGRAMA

Costume foi, que observavam  
 Os Sábios antigamente,  
 Ouvir a um douto eloqüente,



Quando se banquetavam.  
 Isto, que êles costumavam  
 O vejo aqui renovado;  
 Pois quando sois empenhado  
 Vos pondes a discorrer,  
 Nesse Pires a comer  
 Nos estais dando Morgado.

*De Júlio Baculino.*

Ao mesmo Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
 Presidente desta Academia, com reflexão no  
 seu sobrenome de Pires.

### EPIGRAMA

Conforme antigo ditado,  
 para comer-se poder  
 com gôsto um prato, há de ser  
 pequeno, e bem preparado.  
 Vosso discurso a um bocado  
 se podia reduzir:  
 tanto de bôca a pedir  
 nos veio, que, a meu pesar  
 serviu de mais me excitar  
 a fome de vos ouvir.

*De Júlio Baculino.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
 Presidente desta Academia com reflexão no  
 seu sobrenome de Pires.

### EPIGRAMA

Ser manjar do entendimento  
 uma elegante Oração,  
 é tão sem contradição,  
 como próprio ao nosso intento

A vossa com nôvo invento  
se deu de [sorte] a comer,  
que pelo vosso saber  
a sustância reduzida,  
pode na esfera metida  
só dêsse Pires caber.

*De Júlio Baculino.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
Digníssimo Presidente da Academia.

### DÉCIMA

Meu Coronel, nessa Mesa  
em que Apolo guisa os pratos,  
são os manjares mais gratos  
vosso discurso, e agudeza.  
Não está, não, a grandeza  
em ser o prato avultado.  
nesse Pires asseado  
tendes vós tal suavidade,  
que inda comendo à vontade,  
fica o desejo esfaimado.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de S. Pedro.

Ao Coronel o Senhor José Pires de Carvalho  
digníssimo Presidente.

### DÉCIMA

Não se esquece a minha Musa,  
neste tão longo retiro,  
das prendas que em vós admiro;  
pois a veia não me [obtusa]  
acha-se porém confusa,  
conhecendo um grande empenho,  
em louvar o vosso engenho;  
e como não considere,  
haver louvor que o exagere:  
se cala — por desempenho.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

Em louvor do Senhor Presidente, Coronel José  
Pires de Carvalho.

### SONETO

Sem a letra vogal, A.

Bem se viu ser o nosso Presidente  
pelo que orou, discreto, e portentoso,  
pois mostrou como homem engenhoso,  
o sutil, o político, e o ciente:

No que brilhou por douto, e eloqüente,  
tido de todos foi por extremoso,  
merecedor de um victor glorioso,  
por ser em tudo único, e prudente:

Por um Herói sublime se conhece,  
em quem concorre tudo que dizemos,  
pois o Sol junto dêle se escurece:

Sendo público, e certo, como o vemos,  
repetirei; que o victor bem merece,  
e se êste, se lhe deve, o victor demos.

[*De Antônio Ribeiro da Costa*]

Outro ao mesmo Presidente, sem as duas letras  
vogais E, e I.

A todos agrada vossa oração,  
mostrando como tão douto orador,  
um tão famoso modo no propor  
do qual pasmou Apolo, com razão:

Tanto aplauso não damos a um Catão,  
quanto a vós vos abona o nosso amor,  
para ganhar a todos no louvor,  
por comparado a outro Salomão:

Vossa fama galharda nos mostrou  
por um modo tão alto no falar,  
quanta honra na sala vos causou.

Como a vossa oração nos faz pasmar,  
assombrosa a fortuna vos chamou  
à tão honrado pôsto, a coroar.

[*Idem*]

Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José  
Pires de Carvalho.

### DÉCIMA

Sem as três letras vogais

I, O, e U.

Tendes a fama, e grandeza,  
na mesma grandeza, e fama,  
esta, de presente é chama  
para semelhante emprêsa;  
ganhastes nela, a certeza  
de grande, bem alcançada  
pela fama, e exagerada  
na grandeza, e par, a par,  
nessa fama se acha estar  
grandeza, e fama, exaltada.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Outro ao mesmo Presidente sem as duas  
vogais O, e U.

Nesta Sala Real a presidência  
desta sempre discreta Academia,  
é mercê especial, é regalia,  
e graça feita, à mais alta eminência.

A Sêneca ganhais pela ciência,  
 a Táles preferis na primazia,  
 e esta grande Cidade da Bahia  
 a clarins manifesta essa excelência:

Repetida se acha em grandeza  
 manifesta, sabida, e bem patente,  
 merecida na fama, e nesta empresa:

Nela se afirma sêres eminente,  
 e declarada assim esta certeza,  
 a palma ganhará tal Presidente.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao Senhor Presidente José Pires de Carvalho.

### SONETO

Ilustre Presidente, quem quisera  
 vosso nome louvar como merece;  
 se da hipérbole, a esfera, transcendesse,  
 cabalmente explicá-lo não pudera:

Curto todo o louvor se considera,  
 respeitando o Herói, que se engrandece;  
 porque quando em aplauso, êste coubesse,  
 deixara então de ser quem se venera.

Vossa mesma grandeza, com portento,  
 admirado a eloquência mais subida,  
 emudece da lira, o doce acento,

Confessando, em silêncios, suspendida,  
 que para ter, no empenho, vencimento,  
 vossas glórias explica, emudecida.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Ad Dominum Tribunum militum Iosephum  
 Pires de Carvalho, Praesidem in Academia  
 Brasiliensi sub aspectu excellentissimi Domini  
 Pro Regis praeclarissimi Domini Vasco  
 Fernandes César de Meneses.

### EPIGRAMMA

Est etiam arboribus regnandi grata uoluptas:  
 Sceptra placent: dubitas. Pagina sacra docet.  
 De Regno certant; uitem, Ficumque et oliuam,  
 Ad Regnum praecibus, concilioque uocant.  
 Hoc tamen imperium renuunt; sceptrumque  
 [recusant.  
 Et tibi seruari quercus amica, uolunt.  
 Tot namque ornandam sophiae uidere trophaeis;  
 Solis ut immoto lumine digna fores.  
 Et nunc te aspectu recreans, miratur, et ornat,  
 Et radiis hilarat condecoratque suis.  
 Crescito diffundens ramos, crescantque Trophaea:  
 Perpetuoque tuo sole fruaris ouans.

*Do Padre Manuel da Fonseca Lemos.*

Ad Dominum Iosephum Pires de Carvalho  
 Praesidem Academiae.

### EPIGRAMMA

Esse solet multo sapientia parta labore,  
 Nec Pallas, sinon Palida dacta foret.  
 Cum tamen ingenium superes uel Palladis etsi  
 Palidus haud extes, Palladis arte praesis?

[*Idem*]

## Ad eundem Iosephi nomine dictum.

Incautam renuit Ioseph conscendere pugnam  
 Sicque triumphantis laureaserta tulit.  
 Tu autem qui durae committis pectora pugnae  
 Qualia portabis praemia? nulla satis.

*Do Padre Manuel da Fonseca Lemos.*

## Ao Presidente

### SONETO

Alude ao primeiro assunto.

Se o Cínico hoje ao mundo renascera,  
 Sem dúvida que em vós, José, topara  
 Aquêlê herói, que em Grécia já buscara  
 Com nôvo arbítrio, e crítica severa;

Pois vendo quanto o vosso ardor se esmera  
 No grave estilo, e sutileza rara,  
 Com que illustrais de Febo esta aula clara,  
 Que só vós sois perfeito conheçera:

Vós só perfeito, atento, e sublimado  
 Sois por prudente, sábio, e por fecundo,  
 E mais, que o que êle busca, consumado.

Porque Orador tão douto, e tão profundo  
 Nem Grécia o teve, nem se tem topado  
 Por quanto o Sol rodeia, ocupa o mundo.

*De João de Barbosa e Lima.*

Em louvor do Senhor Coronel

José Pires de Carvalho.

### DÉCIMAS

José vosso nome é,  
e tanto em glórias cresceis,  
que espero, que avanteis  
as que teve outro José.  
De vossas prendas se crê  
por certa, esta profecia;  
pois um com outro em porfia  
das ações, que não repito,  
se um foi crédito do Egito  
outro é glória da Bahia.

Esta Oração com tal traça  
fizestes, que parecia,  
não sendo a da Ave Maria,  
ser tôda cheia de graça.  
E por que mais satisfaça;  
sôbre graças a fizestes  
de sorte, que a entender destes,  
que dos três acompanhada  
[nesta Oração sublimada]  
um mar de graças tivestes.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao Coronel José Pires de Carvalho

Digníssimo Presidente da Academia.

### SONETO

Quisera com a pena mais subida  
voar, tão elevado, e discursivo,  
que fôra o mesmo Sol retrato vivo  
da vossa direção esclarecida.



Porque a vossa grandeza, conhecida,  
vos faz digno de assunto tão ativo,  
que não julgo o melhor por excessivo;  
quando a honra maior vos é devida.

Feliz assombro, da maior ventura,  
ouro finíssimo, em que o Sol mais para;  
pois nos vossos quilates mais seapura.

Resplandecendo, em vós, com feição rara,  
aprendes, que com ditas, vos segura,  
filhas do mesmo Sol: da luz mais clara.

*Por Manuel Ferreira da Luz:*

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
Presidente da presente Academia.

### SONETO

[Encerrando] José todos confessam  
Vosso sumo saber e sutileza,  
Digno reparo da maior grandeza  
Acabares vós quando os mais começam.

Se de vós aprender todos professam,  
É mais obrigação, do que fineza;  
Pois do vosso saber têm tal certeza,  
Que a seguir-vos senhor só interessam.

Na verdade, que agora dizer posso,  
Que em tudo mais, que os mais sempre crescentes,  
É chegastes a ser crédito nosso.

Vós por todos senhor sempre valestes;  
Sois Carvalho com fruto, e êsse vosso  
Se colhe hoje; pois por todos destes.

*De Cristóvão Roiz Marques.*

Em louvor do eruditíssimo Presidente o  
Coronel José Pires de Carvalho.

SONETO

Pires do néctar sois, mais saboroso,  
Prato da doce ambrosia, o mais prezado,  
Para o olfato incentivo duplicado,  
Para o gôsto, regalo delicioso.

Sois da mesa de Apolo, o mais mimoso,  
Mais suave manjar, e delicado;  
Pois com êle ficou tão saciado  
Êste Museu discreto, e tão gostoso.

Mas um Pires, que encerra tal doçura,  
Um Prato, que as potências se recreia,  
Iguaria contém mais alta, e pura:

Minha Musa afirmar já não receia,  
Que um Platão sois, assim vo-lo segura,  
Já não Pires, nem Prato, à bôca cheia.

*Do Licenciado Jorge da Silva Pires.*

Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho  
presidindo na presente conferência.

SONETO

Um Carvalho da délfica Montanha  
Veio ao nosso Parnaso da Bahia,  
Lá aos pés a Hipocrene lhe corria,  
E cá o domicilio o Mar lhe banha.

Obrando enquanto Herói tôda a façanha  
Soldado, Presidente, Esfôrço, e Guia  
Exerce em discrição na Academia,  
Quanto em valor promete na Campanha.

Tendo Pires também por Apelido  
Consegue em primoroso têrmo grato  
Com dois efeitos, lustre repetido.

Carvalho e Pires sendo em doce trato,  
Nos Pênsis do Brasil Tronco florido,  
Nas Mesas da ciência rico Prato.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Em louvor do Senhor Presidente o Coronel  
José Pires de Carvalho.

### DÉCIMA

Aquela questão forçosa  
Entre a Clâmide e a Toga,  
Em vós, senhor, já não voga,  
Nem pode ser duvidosa:  
Porque, com dita assombrosa,  
Armas, e Letras unido  
Tendes, em grau tão subido;  
Que, no discreto, e no augusto,  
Sois Carvalho o mais robusto,  
Pires sois o mais polido!

Do Acadêmico Inflamado

*João Alv'res Soares.*

## Conferência de 21 de janeiro

### Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto Diógenes buscando com  
uma luz nas horas do dia um homem na  
Praça de Atenas

### Ao primeiro assunto

#### SONETO

Não se diz homem todo o que o parece  
quando ao ser do homem tenha ações contrárias,  
pois na falta das prendas necessárias  
perde-se o nome, e o ser se desvanece.

Se no Ateneu o homem resplandece  
com prendas tão vistosas, como várias,  
porque só nas florestas literárias  
a ciência e virtude a um tempo cresce.

Troca logo, ó Diógenes, as cenas,  
pois para achar um homem de talento  
no lugar, em que o buscas, te condenas.

Procurá-lo na praça é louco intento,  
busca-o tu nas escolas lá de Atenas,  
pode ser que por um, aches um centô.

Secretário.

[José da Cunha Cardoso]

Ao Cínico Filósofo, que ao meio-dia com uma  
facha (sic) acesa na mão, andava buscando em  
uma Praça por entre multidão de homens a um  
Varão, Sábio.

### SONETO

Louvar-te, Homem, não posso o invento, e traça,  
Com que um douto Varão andas buscando:  
Tu dentro de uma vil tina morando,  
Que morem os demais queres na praça?

Pois que é justo, dirás, que um sábio faça  
Para outro sábio achar? buscá-lo quando,  
Como, e onde o discurso está ditando,  
Que a Sorte te será menos escassa.

Bem junto à praça, em nobre Academia,  
Mais ainda acharás, do que procuras;  
Que muitos te dará nela a Bahia.

Lança a luz dessa mão, deixa loucuras  
Que aqui Sábio verás não só de dia,  
Mas de noite também, inda às escuras.

*De Júlio Baculino.*

Ao primeiro Assunto

### SONETO

De Diógenes o grande entendimento,  
Publiquem, as idéias mais subidas;  
Porque ações de um Herói esclarecidas,  
Não é bem que as sepulte o esquecimento:

Suas memórias logrem digno acento,  
Nesses bronzes da fama onde esculpidas,  
Fiquem na eternidade conhecidas,  
Causando admirações ao mor portento:

E se pudesse ter cultos maiores,  
 Maior por esta ação lhe era devido;  
 Pois com dar compete em seus fulgores:

Querendo como Sol incompetido,  
 Aumentar no Zênite os resplendores  
 Com que então se conhece mais luzido.

*Manuel de Mesquita Cardoso.*

Ao primeiro Assunto

### SONETO

Quando mais em seus raios abrasado,  
 o Monarca da Luz, divide o dia,  
 querendo com feliz antipatia  
 fenecer por lograr maior agrado.

De vigoroso impulso arrebatado,  
 êsse Erário das Letras pretendia  
 de Atenas increpar a tirania,  
 com que a Mercúrio, tinha sepultado.

Herói notável, sábio incompetido,  
 suprimi reverente; tanto empenho,  
 mostrando-vos ao Povo, agradecido?

Porque como vos viu, Platão, no engenho,  
 feriu nos estudos, advertido,  
 pois em vós, tinha certo o desempenho.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Ao primeiro Assunto

### SONETO

Tu, na Praça, e com luz, ao meio-dia,  
 quando o Sol com fulgores reverbera?  
 Ó Diógenes, passa de quimera  
 a Loucura d'Estóica fantasia!

Dizes que ao Homem buscas; é porfia  
de teu Cínico humor quem tal dissera,  
que não vês quando brilha a Luz da Esfera,  
e de Luz, que se apaga fazes guia!

Mas ó grande Diógenes, prudente  
dessa Luz prevenido, sábio ordenas  
mostrar que o Mundo vive cegamente.

Um Homem buscas, dos demais condenas  
os vícios: porque intentas juntamente  
dar ao Mundo doutrina, Luz a Atenas.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao primeiro assunto

### SONETO

Por mais que achar pretende independente  
Um só varão perfeito, e consumado,  
Jamais tão justo intento executado  
Conseguir pode o Cínico excelente.

Procura atento, sábio, e diligente,  
Com sumo excesso, e com sagaz cuidado  
Um tal herói, que ao mérito ajustado  
Se informe douto, a votos de prudente,

Porém julgando certa a conjectura  
De o não topar conforme ao seu conceito,  
A achá-lo em modo crítico se apura.

De Atenas corre à praça, e sem respeito  
Com facho ao meio-dia enfim procura  
Homem, que julgue a tôda a luz perfeito.

*De João de Barbosa e Lima.*

## SONETO

Tem tomado Diógenes a peito  
Buscar um Homem sem defeito santo;  
E certo que há mister empenho tanto  
Para se achar um Homem sem defeito.

Mas errado parece o seu conceito;  
Pois sem causar à diligência espanto,  
Na sua humilde Cuba, pôsto a um canto  
Pudera achar o homem mais perfeito.

Mas o sábio de si desconfiava;  
Suspeito fôsse tal o seu talento  
Qual Atenas, e o Mundo confessava.

Dando a entender com raro entendimento  
Que a si mesmo Diógenes buscava  
Duvidando do seu merecimento.

[*João de Brito e Lima*]

Ao mesmo assunto

## SONETO

Pelas ruas de Atenas fatigado  
Com a Luz, o Varão mais entendido,  
No concurso maior se vê perdido,  
Sem, que um homem, que busca tenha achado.

Se as três partes do Globo dilatado  
(Como Atenas) tivesse [discorrido]  
Da difícil empresa dissuadido  
Veria o seu projeto mal logrado.



Porém se hoje existira, e procurara  
 Na quarta parte alívio a suas penas,  
 Seu cuidado (com elas) se acabara.

Pois cheio de virtudes não pequenas,  
 O homem no Vis-Rei perfeito achara,  
 Que nas praças não pôde achar de Atenas.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

## Ao primeiro Assunto

### SONETO

Que buscais em Atenas destruída?  
 se vós, buscais a vós, recuperada  
 a vejo, e essa Luz bem escusada,  
 pois, convosco está bem restituída.

Que atenção superior vos é devida,  
 em dar a Atenas alma nessa entrada,  
 quando a vêm já de todo sepultada;  
 e das suas ciências esquecida.

Dai Luzes como o Sol em novas Leis,  
 deixai êsses tratados no profundo:  
 que vós todos de nôvo comporeis.

Que vosso grande engenho tão fecundo,  
 que, como o mesmo Sol, resplandeceis  
 Diógenes insigne em todo o mundo.

*Por Manuel Ferreira da Luz*  
 Vigário do Destêrro da Cidade.  
 [Assinatura com letra diferente]

Diógenes, que na maior fôrça do dia buscava com  
uma Luz um homem pelas ruas de Atenas.

### SONETO

Quando o Sol na mais alta pira ardia  
Nas distâncias igual do ocaso à Aurora,  
Diógenes, que o raio não ignora,  
Co'ua Luz pelas ruas discorria.

Que pretende essa estranha fantasia,  
Ou que queres Diógenes agora,  
Que essa Luz te descubra, que em tal hora  
Não to mostre melhor a Luz do dia?

Mas se buscas um homem porventura,  
Em quem nada condenes, nada acuses,  
Bem que o vejas à Luz, que tudo apura.

Esse deixa farol, da Luz não uses,  
Que como o homem capaz tem sorte escura,  
Não se costuma achar nunca com Luzes.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ao primeiro assunto

### SONETO JOCO-SÉRIO

Diógenes procura, mas não acha  
Algum homem, que seja homem sem pecha,  
E inda que co'um fuzil traz isca, e mecha,  
Lá na mente haver tal não se lhe encaixa;

Nem se os cascos lhe abrirem co'algua acha,  
E nêles lhe fizerem grande brecha  
Não lhe cabe, que tem por teima, e rixa  
Não haver cá no Mundo homem sem tacha.

Concedo tudo, que isto bem se espicha  
Da razão que se colhe, e desembucha  
Da experiência, que vem, salta, e esguicha:

Mas, porque a mendicante lá ser puxa,  
E a pedir o tal homem só capricha,  
Jaguaripe lho dê feito a capucha.

*Luís Canelo de Noronha.*

Ao primeiro assunto

### SONETO

Diógenes de dia procurava  
Com uma luz a um homem que queria,  
E tentando com ela qual seria,  
Entre tantos não acha o que buscava.

Ou na Luz, ou na Sombra se cegava  
De todos, que encontrava, e que não via:  
Ou delírio isto foi da fantasia,  
Ou fingia não ver a quem achava.

Porque o Homem se é tôda a criatura,  
E se o Mundo-Homem grande é, por apôdo  
Dêsse homem, que o homem tanto apura;

Grande injúria lhe fêz por êste modo,  
Pois havendo no Mundo o que procura,  
Em qualquer acharia um Mundo todo.

*Luís Canelo de Noronha.*

Primeiro assunto

Diógenes que buscava com uma candeia ao  
meio-dia, na praça de Atenas um homem  
sábio etc.

Censura-se a demasia dêste filósofo  
neste soneto.

Zoilo, Aristarco, e Momo o mais picante,  
Com Luz à mão, com sombra à fantasia,  
Busca o Cínico um homem, qual queria  
O seu gênio mordaz, e extravagante:

Mostrar-se intenta a todos relevante  
 Quando afetando em tudo demasia,  
 Duvida, se algum sábio achar podia,  
 Onde apenas havia um ignorante:

Não descomponha, pois, a natureza;  
 Porque se a variedade, cabalmente,  
 Forma num mundo o extremo da beleza,

É razão eficaz, e concludente,  
 Que se há muitos em quem vive a torpeza,  
 Outros há em que brilha o eminente.

Do Acadêmico Inflamado

*João Alv'res Soares*

[Assinatura com letra diferente]

Diogeni Cynico

Ad propositum argumentum.

Cui pannosa satis fuerat pro tegmine uestis,  
 Delia cui sedes, cui domus ampla cadus.  
 Et qui Pellaeum fertur pro [sole] Dynastam  
 Impatiens dictis corripuisse suis:  
 Hic, cum sol medio late splendescere axe,  
 Accensis taedis quaeritat urbe uirum.  
 Sic rapiam Dea flaua Ceres face quaerit alumnam,  
 Quae foret infernis inuenienda locis.  
 Terrestres igitur, Cynici sectator honoris,  
 Linque plagas, Stygios te decet ire locos.  
 Nil opus hic facibus, taedas depone, uirorum  
 Hic [millena] quidem turba uidenda tibi.

[Sem indicação de Autor]

## Diogeni Cynico

## Ad propositum argumentum

## EPIGRAMMA

Qui coluit pro sede cados uersatile cuique  
 Tectum erat, exiguas quique rogabat opes:  
 Hic, medio cum Phoebus equis inuectus in axe  
 Sisteret, aurato cum mi ore dies:  
 Accensas manibus taedas tunc arripit, atque  
 Per medius hominem quaeritat inde uias.  
 Quid, Cynicae cultor legis, tibi taeda? Prometheus  
 An nouus informas ignibus ipse uiros?  
 Siste tamen, funale procul, rogo, mitte: supremum  
 Funus prae manibus fax tibi, crede, refert.

[*Sem indicação de Autor*]

## Diogeni ad propositum argumentum.

## EPIGRAMMA

Sedula qualis apis redolentem quaerit Hymettum,  
 Talis opum Cynicus spretor in urbe uirum.  
 Incenditque facem, sibi quae modo lumina praestet,  
 Dum medias aperit Phoebus ab axi uias.  
 Sed merito Cynicum lusit sors inuida; gratum,  
 Dum fragrat, haud reteggit flammea taeda uirum.  
 At magno ex taeda cum cantet igne; tot inter  
 Cernem iure hominem, uisu abeunte, nequit.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ao primeiro.

## SONETO

Quem antes vos ouviu da vossa tina,  
 Caracol racional um tanto rouco  
 bradar; ó homens, julgará, que a um mouco  
 gritando estáveis, com assaz mofina:

Esta agora porém nova setrina, (sic)  
 Em que désteis, Diógenes; não pouco  
 é para reparar; porque ou sois louco,  
 ou pobre antecipais o da piscina:

Fazeis do dia, noite, há mais enleio?  
 êste homem, que buscais, é tão peixinho,  
 que entendeis de o fisgar de meio a meio?

Largai a vela, não sejais patinho,  
 que não heis de pescar hoje ao candeio  
 um homem, homem, salvo fôr marinho.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ao Assunto Heróico

### SONETO BURLESCO

Diógenes faminto, pouca tripa  
 Infrutífero tronco, inútil cêpa  
 Parto da fome, emprêgo da carepa  
 Habitador do casco de uma pipa.

A luz que um garabato (sic) participa  
 Em Atenas achar um homem increpa  
 Corre Praças, vê becos, muros trepa  
 Iguais ao Panteon de Marco Agripa.

O Pannel da pobreza, ocota capa (sic)  
 Que a escudela quebrou, fêz das mãos copa  
 Quem cá o introduziu a fêz de chapa.

Se na côrte da Grécia, homem não topa,  
 É capaz de não ver Mundo no Mapa  
 Nem no Bairro da Alfama uma cachopa.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 21 de fevereiro de 1725.

## Segundo Assunto

Foi o segundo assunto um cego trazendo às costas a um coxo, que o governava com a vista, ajudando-se reciprocamente para a comodidade de ambos

Ao segundo assunto

### EPIGRAMA

Todos têm (e eu não o nego)  
Por trivial e corrente,  
Que implica naturalmente  
Ande um coxo, e veja um cego.

Porém dêstes dois a emprêsa,  
Se a idéia me não engana,  
Nos faz crer que a indústria humana  
Pode mais que a natureza.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Segundo Assunto

### DÉCIMA

Essa estátua celebrada  
de Nabucodonosor,  
nos dois com todo o primor,  
se me mostra retratada;  
se aquela se viu prostrada,  
por ser aos pés desigual,  
a cabeça de metal:  
êstes dois, no meu sentir,  
virão também a cair,  
feridos do mesmo mal.

*De Manuel de Mesquita Cardoso.*

## Ao Segundo Assunto

## DÉCIMA

Se u'a fiel companhia  
 diminui o sentimento:  
 o Cego, no seu tormento,  
 êste alívio pretendia.  
 Como êle só, padecia,  
 buscando consolação,  
 quis, que em tôda a ocasião,  
 que em precipício se achasse,  
 o Coxo participasse  
 também, da sua aflição.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

## Ao Segundo Assunto

## SONETO

Cego, e coxo, que andais tão divertidos,  
 donde quereis que pare a travessura?  
 Se em cada um de vós, não vai segura  
 a Sensação precisa dos sentidos.

Se fôsseis, como o Atlas, perseguidos  
 do pêso, e do temor, com que ternuras  
 Alcides, outro que com fôrças puras,  
 achareis na isenção de ser perdidos.

Em vós vejo Faetonte despenhado,  
 no infalível tropêço, que se encerra  
 em cada um de vós, sem ser pensado!

E creio que vos há de fazer guerra,  
 de tal sorte, o ser cego, e aleijado,  
 que nos narizes vos há de por em terra.

*Por Manuel Ferreira da Luz*

Vigário do Destêrro da Cidade.

[Assinatura com letra diferente]



Um cego trazendo um coxo às costas,  
ajudando-se recíprocamente.

## ROMANCE

Que é isto temos Enéias  
Sujeitando o ombro ao péso  
Para livrar com Vergílio  
Ao pai Anquises do incêndio?

Se como era cego Anquises,  
Fôra coxo o bom do velho,  
Quem duvida que êste caso  
Nos vinha caindo a pêlo?

Porém se não via nada,  
Correndo Enéias de mêdo,  
Das fumaças, que lhe deram  
Junto à casa quatro Gregos;

E Anquises foi tão sagaz,  
Que coxo se fêz um tempo,  
Quando em lugar de Vulcano  
Se foi coxeando a Vênus.

Sem dúvida que Alciato  
Parece que estêve vendo  
Em Anquises, mais Enéias  
Do cego, e coxo o sucesso.

Não devia ser letrado  
Quem deu o assunto por certo,  
Pois que tão maldito assunto  
Não tem nada de direito.

Fêz-me andar às palpadelas  
Com ter bom entendimento,  
Tropeçando como coxo,  
E apalpando como cego.

Foi grande basbaque o coxo,  
E o cego muito mais néscio,  
Fôssem se ter co'um letrado,  
Que elas teriam remédio.

Porque logo ao seu letrado  
Iria com vista o cego,  
E em breves horas veria  
Esgotado seu dinheiro;

E pela bolsa puxando  
Com Bartolo o coxo, e Febo,  
De direito brevemente  
Se veria pôsto em têrmos.

Que são tão Santas as Leis,  
Que inda nas mãos de um Lutero  
Endireitam até os coxos,  
e cegos de nascimento.

Porisso tantos milagres  
Nesta terra, e noutras vemos:  
Iro anoitece um letrado,  
E amanhece feito um Cresso.

Mas se àquele que Deus quer  
A lenha lhe ajunta o vento,  
A êstes para a fogueira  
Lhes ajunta a lenha o demo.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ao segundo assunto

## REDONDILHAS, DE QUEBRADOS

Acuda a Musa Talia,  
e claudicante hoje venha,  
e inspire um metro, que tenha  
pés quebrados.

Porque a matéria com brados  
Como é coxa, e como é torta,  
outro verso não exorta  
se componha.

Deixe pois logo a vergonha,  
que eu também deponho o pejo,  
porque no assunto me vejo  
já metido.

Um semelhante a Cupido  
Lá jogava mano a mano  
com outro, que ser Vulcano  
retratava.

Êste sempre a mão lhe dava  
Como a cortesia dado,  
aquêlé mal ensinado  
dava o pé.

E lá tinham seu porque  
êste jôgo assim faziam,  
para que olhos que não viam  
assim vejam.

E porque tão bem manqueiam  
uns pés lá de quando em quando,  
vão-se assim subministrando (sic)  
pés, e olhos.

Donde infiro que seus molhos  
qualquer dos dois bem atavam,  
e a natureza emendavam  
pela traça.

E era para ver a graça  
que em ver o Cego ostentava,  
e o Coxo tão bem mostrava  
Ser direito.

Neste ver, e andar por jeito  
ou por frase, sem refolhos  
manqueja o Cego dos olhos  
por disfarce.

E o Coxo para lançar-se  
ao caminho em reta via,  
com pés tão cegos, não via  
que eram tortos.

Assim vão tomando portos,  
sem que naveguem por mares  
Com vento em pôpa, aos lugares,  
que queriam.

E quando se despediam,  
e de todo se apartavam  
uma décima cantavam  
dêste modo.

### DÉCIMA

Se é cego êsse Deus d'Amor,  
e se é coxo, o Deus do fogo,  
Consolação temos logo  
neste pensado rigor;  
com vantagem superior  
repararemos o dano,  
pois o ver, e andar humano  
deixaremos tão vencido,  
que, asas nos dará Cupido  
Luzes nos dará Vulcano.

*Luís Canelo de Noronha.*

Ao Assunto Lírico, em que se trata de um cego que para haver de andar tomou sôbre os ombros um coxo, e servindo-lhe êste de guia foram caminhando.

### SONETO

Era uma vez um Cego, que não via  
à falta de olhos (se me não engano)  
era um Coxo, também, lindo magano;  
o qual por não ter pés, não se bulia.

Prática os dois travaram, certo dia,  
queixosos lamentando o grave dano  
que um e outro no curso e roda do ano  
sem dar modos à vida padecia.

É possível! que seja eu tão minguado  
 (diz para o Coxo, o Cego mui valente)  
 que não possa encontrar tão triste fado!

Nestes ombros te trepa, e diligente  
 guia, que eu te prometo à fé de honrado  
 passaremos a vida alegremente.

*Do Licenciado Jorge da Silva Pires.*

Ao Assunto lírico, em que se trata que um Cego, e  
 um manco; para haver êste de andar se pôs  
 sôbre o cego, para servir de guia; e  
 [usando-lhe] dos pés foram caminhando.

### SILVA JOCO-SÉRIA

Quem pensara Senhores, que algum dia  
 dera em ser Hospital a Academia!  
 Quanto a mim, eu confesso ingênuamente  
 que nela nunca entrou tão fraca gente.  
 Pois [eu] aqui, vejo um Cego (ó Deus prouvera!  
 que também êle a mim ver-me pudera)  
 Acolá vejo um Coxo de rebimba  
 rebocado à gineta em a tarimba:  
 e se dá por assunto, ou por preceito  
 a uma Academia de respeito,  
 curar dêstes enfermos  
 com tanta vigilância, e por tais têrmos,  
 que um, e outro à carreira,  
 trepar possa e descer qualquer ladeira;  
 que querem pois que diga?  
 estando êste Ateneu em tal fadiga,  
 senão que lhe chegou a sua hora  
 de hospitalizar-se por agora.

Assim meus Companheiros,  
 temos já de enfermeiros  
 laboriosa incumbência, e dignidade,  
 exercê-la devemos com piedade:  
**manos pues a la obra,**  
 não falta que fazer, [arto] que sobra;

dois milagres não mais,  
que também faz milagres tais, ou quais  
um Poeta de nome,  
quando roendo as unhas mata a fome.

É-me já necessário  
pois que assim o dispôs o Secretário  
dar dois pés a um coxo, ou a um manco,  
quem me dera pregar-lhe os pés de um banco.  
Dois olhos também quero para um cego,  
se os descubro na cara [lhes] pespego  
Valha-me Santo Amaro,  
E também Santa Luzia o grande amparo  
não me falta; e se tal ajuda tenho,  
verão como estas barbas desempenho.

Achava muita fé, meus camaradas,  
sem ela, maravilhas são baldadas,  
que se a mim não me engana a fantasia,  
fora os hei de lançar da Academia.  
Deixe no xiste, esta vez,  
olhos tem o meu cego, o coxo pés.

Venha cá Senhor Cego esteja forte  
para que a manca carga bem suporte,  
ponha êsse Coxo aos ombros de maneira  
que não lhe escandalize a dianteira,  
pois seria por certo coisa dura  
sôbre coxo ter uma quebradura.  
Está sentado a seu gôsto?  
Olhe lá, não me pise o chão com o rosto.

Com denodado brio o bom do Coxo  
sôbre o Cego cavalga, e nada frouxo  
despede de galope; o Coxo o guia,  
e caminham com tôda a bizzarria;  
dizendo um para o outro, quem tal crera,  
que fazer um Poeta isto pudera?  
Mais êle tanta e tal licença toma,  
que fará mais milagres que Mafoma.

Vão com Deus meus Irmãos,  
eskorreitos e sãos,  
lhes digo: busquem outra caridade  
pelos adros e portas da Cidade;  
não me tornem cá mais, porque eu não faço  
tenção de milagrar a cada passo.  
Eu também me despeço que o ser breve  
sempre aqui duplicado, agrado teve:  
quanto mais que não sei se algum pelouro

contra os tais arrojasse em meu desdouro  
 êsse miúdo Povo  
 e os faça trazer queixas de nôvo;  
 que se sôbre a manqueira  
 traz o manco demais uma cegueira,  
 e me fica sem pés o pobre cego,  
 de um e outro, me benzo, e [arrenego].

*Do Licenciado Jorge da Silva Pires.*

Ao segundo

### SONETO

Em seus ombros um cego compassivo,  
 a um coxo leva, útil neste caso;  
 onde se o cego lhe ministra o passo,  
 o coxo lhe dirige o progressivo:

Ambos o fado maltratou esquivo;  
 mas ou fôsse de estudo, ou por acaso,  
 a vista, que negou ao cego escasso,  
 supriu no coxo com mistério altivo:

Se ambos porém privou naquela parte;  
 ao cego providente a ligeireza,  
 a vista ao coxo a sorte lhes reparte:

Para que assim a humana sutileza  
 saiba, que pode emendar, com arte,  
 os defeitos fatais da natureza.

S. C.

*Do Menos Ocupado.*

Caeco et claudo  
ad propositum argumentum.

### EPIGRAMMA

En tibi, claude, pedes, tibi lumina, caece, uidentur  
Deficere; at solitam tendis uterque uiam.  
Compita, caece, uides oculis, mirabile dictu!  
Claude, tuum claudio nec pede tendis iter.  
Res est in promptu: claudus tibi praestat ocellos,  
Caece; suos caecus dat tibi claude, pedes.

[*Sem indicação de Autor*]

Caeco, et Claudio  
ad propositum argumentum

### EPIGRAMMA

Caecigenus, Claudusque gemunt sua fata, ferentis  
Hic eget auxiliis, ille uidentis ope.  
Quisque suum quaerit, quo sit reparabile damnum:  
Taedere fit uoti compos uterque sui.  
Terga subit socii claudus, ducitque ferentem,  
Ductorem caecus ducit et ipse suum.  
Quis ductor fuit, aut ductus, fortasse rogabis:  
Ductor uterque fuit, ductus uterque fuit.

[*Sem indicação de Autor*]

Mutuo auxilio claudi, et caeci  
ad propositum argumentum

### EPIGRAMMA

Cursitat, et portat caecus sibi pondera claudum,  
Hi oculos pariter praestat, et ille pedes.  
Cursat uterque uias, et cernit uterque uicissim;  
Alter et alterius prae uice portat [opes]  
Vulcani gestor (quis crederet!) esse Cupido  
Gestit; caecus erat, claudus et ille fuit.

[*Sem indicação de Autor*]



## Ao Assunto Lírico

## SONETO BURLESCO

Vive em Moscóvia um pobre e altivo cego  
 Exausto de razão, de Luz mendigo  
 Que sem considerar o seu perigo  
 Lince quer parecer sendo Morcego.

A um coxo carregar tem por emprêgo  
 Que um tempo no Japão foi seu amigo,  
 Caminhando procura dar-lhe abrigo,  
 Mas onde há de parar se ignora o rêgo?

Onde o há de levar o Pedagogo  
 Debalde porfiando em seu afago,  
 Quem viu sem luz alguma tanto fogo?

Deixa êsse coxo, ó cego errante, e vago,  
 A quem ambos conduza aplica o rogo  
 Escusarás o seu, e o teu estrago.

*[Sem indicação de Autor]*

## Ao Segundo Assunto

## ESPINELA

Como se foram à feira  
 os dois a negociar,  
 trataram de carregar  
 a coxidão, e a cegueira.  
 Disposição não inteira  
 foi não feirarem dinheiro  
 o coxo por fiadeiro:  
 E o cego, que era esforçado,  
 por ir andar com cuidado  
 na roda de um cordeiro.

*[Sem indicação de Autor]*

## Aó Segundo Assunto

## ROMANCE

Quiseram ver a Cidade  
um Coxo, e Cego, e é de crer  
que foi para serem vistos;  
e parecerem mui bem.

Pôs-se meu Coxo a cavalo  
no triste Cego alquilé  
por moeda do seu gôsto,  
sem ver da carga vintém.

Passearam muito ao grave  
o coxo montado em pé  
prezado de cavaleiro;  
e o cego de burro ser.

Corrêu o cego a cidade,  
e porisso veio a ter  
seus gabos, de carregar,  
a quem garregar [fêz].

Que em tôda a sociedade,  
é mui ajustada a lei  
o não exceder, no lucro,  
o que mais trabalho tem.

Camparam por várias partes,  
e o cego se satisfêz  
das informações do coxo  
que largamente lhe deu.

Pôsto que o costal pisado,  
lhe podia descrever,  
que a experiência não falta:  
pois de tudo mestra é.

Depois de sua jornada,  
disse o meu cego, não sei  
se estou com algum quebranto,  
pelo que fiz a meu ver.

A isto respondeu logo  
o coxo, vós não sabeis,  
pois se a carga não sentires,  
pouco ou nada hei de valer.

Não me venhais com finezas,  
por usar dos vossos pés,  
que isto é nada para mim,  
que os mesmos olhos vos dei.

Sêde bem correspondido  
não falteis à boa fé,  
dêsse pêso que tomaste,  
que a mim me podeis dever.

Tiranamente falais,  
Pois como a não pode haver  
Disse o cego, em quem sem vista  
Seguiu o vosso aranzel.

Eu vos dou minha palavra  
de passeios não fazer,  
que vós estendeste as pernas,  
eu encolhido fiquei.

E quando cuido que sois  
honrado, no agradecer,  
Levai-me por argumentos,  
e vindes-me com pertês. (sic)

Estais grande Licenciado,  
eu vos dei a conhecer:  
que o que não vai a cavalo,  
Licenciado não é.

São cortesias de coxo,  
que ainda que queira aprender  
é, debalde, pois se as faz,  
são sempre com seu revês.

Só na língua tem presteza,  
e é a desgraça porque,  
vindo a coxear das pernas;  
não manca a língua também.

Não mais negócios com coxos,  
quem me guie buscarei,  
que tenho mui boas pernas,  
e quem anda que mais quer.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ao Segundo Assunto

### A um Cego levando às costas a um Manco.

Quiseram jogar as quedas  
um cego, e um aleijado,  
que nestes tais o cair  
é costume, e não acaso.

Como o Cego pode menos  
no jôgo ficou debaixo:  
seria o tal jôgo brinco,  
porém foi brinco pesado.

Carregou co'o manco às costas,  
e com efeitos contrários  
dava o manco vista ao Cego,  
dava o Cego pés ao manco;

Um servia de Muletas,  
de Candeia de Gravato  
o outro; que ambos mancebos  
cada um pendia de ambos.

A Manqueira os fêz Ditongos  
na união remediados:  
um, sem outro nada via,  
não dava um, sem outro, passos.

Via o Cego como um Lince,  
e corria como um Gamo  
o Manco, que podem muito,  
indústria, engenho, e trabalho.

Para livrar dos tropeços  
dizia, o Manco afastai-vos;  
o Cego lhe respondia  
andai amigo, e já vamos.

Assim livre dos perigos  
escapavam dos barrancos,  
não caíam nos lameiros,  
não se atolavam nos charcos.

De porta em porta pedindo  
o sustento cotidiano,  
de cambada andavam juntos,  
ambos iam ajoujados.

Pela rua em grandes vozes,  
olhai êste desamparo  
dizendo; as bôlsas se abriam  
êles enchiam os sacos.

Com lucro comum de dois  
faziam maior o ganho,  
dobrava-se em dois a esmola;  
um só não lucrava tanto.

O Manco servia ao Cego  
não de carga, mas de cargo,  
que êstes abrem sempre os olhos,  
e fazem dos Cegos Argos.

Se não era sanfonina  
era instrumento adequado  
que o Manco tangia vendo,  
que o Cego tocava andando.

Dizem que versos faziam  
porém de bons, não os gabo  
que eram quintilhas de Cego  
e coplas de pé quebrado.

Era coisa para ver,  
ver ao Cego corcovado,  
ver ao Manco feito péla,  
ambos dançando o Canário.

Na dança não fala o Assunto,  
mas eu por meu gôsto falo,  
para que ao Romance digam  
folgo que venhais dançando.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao segundo

## ROMANCE

Quem não pasma hoje de ver  
nesta presente Academia  
um Cego co'água às costas,  
um coxo em quatro muletas?

Ser um milagre de enfermos  
muito bem de ver se deixa,  
pois dá o Coxo ao Cego os olhos,  
se dá o Cego ao Coxo as pernas.

Logo nem Cego, nem Coxo  
ser cada um representa,  
quando o Coxo ao Cego guia,  
quando o Cego ao Coxo leva.

Assim o mostra a razão,  
e é bem clara evidência,  
pois nem o Coxo entropica,  
pois nem o Cego coxeia.

Cavaleiro é temerário  
o Coxo, quando por teima  
num cavalo com antolhos  
se põe a fazer proezas.

Em osso corre também  
sôbre o Cego que é grã besta,  
pois no pescoço o rabicho  
que lhe chimpe o Coxo aguenta.

O que me serve de espanto,  
é que com esta afoiteza,  
tendo a mão nas cabeçadas,  
dizem que às comas se pega.

Também dizem cavalgara  
naturalmente com peias,  
assim foi, porque peiado  
se viu ser por natureza.

Em vez de lhe dar a mão  
que é dada a quem anda às cegas,  
pondo-lhe o pé no pescoço  
o guiou pela barbela.

Má carga levava o pobre,  
pois constava tôda ela  
de um baú de nervos duros,  
e um saco de tripas velhas.

Neste carregar às costas,  
o Cego mesmo confessa  
falava o Coxo de papo  
pois lhe relava a moela.

Não é vilão êste Cego,  
porque de pés, e cabeça,  
sabe só tomar o pé  
quando o Coxo a mão lhe nega.

Passemos da terra ao Mar,  
porque até nas idéias,  
quando vão com vento em pôpa  
não se livram de rafegas.

Navegando os dois pangalhos (sic)  
ambos na mesma conserva;  
o Coxo só deu a costa,  
mas o Cego deu a vela.

Se perto da terra o Cego  
soube livrar-se das pedras,  
ao coxo não lhe valeu  
ir desviado da terra.

Em bancos não deu a costa,  
dizem que em cadeiras dera,  
porque é muito certo haver  
também nas costas cadeiras.

Se o Coxo ao tópe sentado  
de perigar não se isenta;  
seria sim bom piloto,  
mas bom gagueiro não era.

Prosseguir não quero mais,  
porque não quero que sejam  
de Cego as minhas pancadas,  
nem de Coxo as minhas quedas.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 4 de fevereiro

Ao Presidente

Foi nela Presidente o Padre Manuel de  
Cerqueira Leal Coadjutor na  
Freguesia de São Pedro \*

Em louvor do Presidente o Padre Manuel  
de Cerqueira Leal.

### SONETO

Nos ecos do silêncio retumbante  
Sois a pompa do horrísono instrumento,  
Do côncavo da Lua o pavimento,  
E do Trópico austral a estrêla errante.

---

\* A conferência 18, com que se encerraram as atividades da Academia Brasileira dos Esquecidos, não se encontra nos mss. existentes no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.



No calor furibundo e corruscante,  
que é lúbrico da inveja firmamento,  
Fôstes autor do paradoxo invento,  
Raio nos episódios fulminante.

Calcitrante se encrespa, e se profunda  
Vossa pluma no Letes, excedendo  
Ao cultor que de Tróia os campos lavra.

Vistes meu Manuel, tal barafunda?  
Pois S. Pedro me leve, se eu entendo  
Disto que aqui vos disse, uma palavra.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Muito Reverendo Senhor Presidente  
Coadjutor de São Pedro.

## ROMANCE

Meu Reverendo Siqueira  
aqui venho a festejar-vos;  
que são no tempo do entrudo  
os galanteios, aplausos.

Belamente o tendes feito  
estais mui enfarinhado  
nas Histórias, nas Poesias,  
nos Livros, nos Cartapácios.

Bem mostrais que não só ledes  
pelo vosso Breviário  
pois com trabalho Diurno  
pondes de parte o Ripanço.

Com ar adestro e sem estro  
Laranjadas disparando,  
a bem, fizestes o tiro,  
aqui buscastes o alvo.

Alguém se pode queixar  
de que lhe destes co'estanho  
como jogais lá de cima  
feris muito a vosso saber.

Com águas da Cabalina  
esguichais, e esguichamos:  
mas vós estais de remolho,  
se outros de gôsto banhados.

Um vai co'o seu rabo leva,  
outro leva impresso um gato  
que com mêdo d'água fria,  
parece Gato escaldado.

Aquêlê leva a Carocha,  
o outro leva o [penacho]  
já que chovem carapuças  
livre Deus os nossos cascos.

Não aprovo o ferro quente,  
a Sapateta não gabo,  
porque há muitos que não sofrem  
que lhas metam no sapato.

No enferrujar não consinto,  
que é fazer negros dos brancos;  
mas vós a fizestes limpa,  
fica o entrudo asseado.

Não vos chamo Santo Entrudo,  
mas digo que não sois santo  
que Franciscanos [remendos]  
não são remoques [Bernardes].

Destes ao tempo o que é seu,  
enchestes todo o Parnaso  
de Riso, que o mesmo Apolo,  
e as Musas estão folgando.

Mas não é coisa de brincar  
o que vos custou trabalho,  
já vi Diabos mais feios,  
façam outros, outro tanto.

Desde logo vos convido,  
 que torneis cá para o ano,  
 se não São Pedro vos leve  
 por não dizer o Diabo.

*De Boaventura Afonso.*

Ao Sábio discreto e erudito Presidente o Muito  
 Reverendo Padre o Senhor Coadjutor de  
 São Pedro Manuel de Cerqueira.

### SONETO

Orador insigne Mestre luminoso  
 que saís do Parnaso [refulgente]  
 repartindo os influxos diligente  
 e ocultando os progressos misterioso.

Sois dos Coadjuutores o mais famoso  
 porque sois entre todos tão ciente  
 que excedeis aos vigários excelente  
 no sério no discreto e no jocoso.

Ninguém se admira hoje de escutar-vos  
 porque estando já todos [previnidos]  
 seria assaz loucura não lograr-vos

Assim como fôra desgraça não ouvir-vos  
 pois no gosto e aplauso de admirar-vos  
 vos consagram encômios repetidos

O Coadjutor da Sé  
*O Padre Pedro Roiz Annes.*

Ao Reverendo Padre Coadjutor Manuel de  
Cerqueira Leal, Presidente da presente  
Academia.

### DÉCIMA

Temi sempre com excesso,  
amigo, esta Presidência,  
pode mais Sua Excelência,  
é vosso amigo, confesso,  
agora que reconheço  
a vossa sabedoria,  
lá na nossa Freguesia  
há de ter o vosso estudo,  
por Bula de Santo Entrudo,  
festa simples todo o dia.

*De Francisco Pinheiro Barreto*  
Vigário da Igreja de São Pedro.

Em louvor do Reverendo Presidente o Senhor  
Manuel de Siqueira digníssimo coadjutor  
da Paroquial Igreja de São Pedro desta  
Cidade da Bahia.

### SONETO

Difícultosa emprêsa é na verdade,  
pretender eu louvar um Presidente  
tão sábio, tão discreto, e tão ciente,  
que está chovendo nêle a habilidade:

É no grande saber monstruosidade,  
que agachado se estava até o presente,  
sem mostrar quanto tinha de eloqüente,  
que para todos é fatalidade:

Leva hoje com vitros, a vitória,  
pois segundo não há nesta Bahia  
que melhor contar saiba a sua história:

Maior que Homero, é na poesia,  
leve-o São Pedro, e seja para a glória,  
pelo alegrão que deu à Academia.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao Reverendíssimo Senhor Presidente.

### DÉCIMA

Se Cícero existira,  
e nesse lugar se achara,  
melhor, que vós, não orara,  
nem convosco, competira:  
meu discurso tanto admira  
o erudito da Oração,  
que vos digo em conclusão,  
e sem afeto, assevero,  
seres mais douto que Homero,  
Eracístrato, e Platão.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Em louvor do Reverendo Senhor Presidente  
Manuel Cerqueira Leal.

### DÉCIMAS JOCO-SÉRIAS

Victor amigo Cerqueira  
por dares com bizzarria  
uma alegrão à Bahia,  
nesta Oração derradeira.  
Tendo muito de primeira,  
seguistes tão vários tropos  
sem tropeçar nos cachopos  
da ignorante presunção,  
que foi a vossa Oração  
a finis coronat opus.

Foi esta Oração perita  
 (perdoai que diga tal)  
 por jocosa e doutrinal,  
 oração hermafrodita.  
 A traça foi esquisita,  
 a forma foi engenhosa,  
 era razão mui forçosa  
 fôsse (por mais se louvar)  
 mui séria, pelo lugar,  
 pelo tempo, mui jocosa.

Razão porque foi preciso  
 fazer-se a eleição de vós,  
 que ninguém nos dera a nós  
 tal barrigada de riso.  
 Andou com discreto aviso  
 quem quis fôsse nomeado;  
 porque parece acertado  
 no dia, e na ação presente,  
 servisse de Presidente  
 um Presidente engraçado.

Porém entre as engraçadas  
 Razões da vossa Oração  
 Com quatro pedras na mão  
 Vos vi dar certas pedradas.  
 Trocá-las por laranjadas  
 Podereis (como sisudo)  
 Porque se hei de dizer tudo  
 (Inda, que com poucas medras)  
 Com laranjas não com pedras  
 Se atira em tempo de Entrudo.

Alguma queixa supponho  
 Neste sonho que formais:  
 Se por sonho vos queixais  
 Entendei foi isso um sonho.  
 E se a verdade deponho  
 Do sonho que estou ouvindo,  
 Ficai-vos Cerqueira rindo  
 Se de algum pouco acertado  
 Que vos ofende acordado  
 Sabeis vingar-vos dormindo.

Porém amigo adverti  
Sem ter esta queixa atroz,  
Todos se riem para vós  
E ninguém de vós se ri.  
Os Risos que viste aqui  
São efeitos dêste dia,  
que tôda a galantaria  
se permite sem contendas  
porque nas carnes tolendas  
sempre ocorre muita alegria.

Por isso é razão que agora  
(sem, que se julgue por mofa)  
que com tão boa galhofa  
botemos o entrudo fora.  
Vá-se apesar em má hora  
pois do que tendes falado  
tanto têm todos gostado,  
que se tem já persuadido,  
tendes tanto de entendido,  
quanto tendes de engraçado.

Louvar-vos mais não prossigo  
porque (se verdade falo)  
à vista do mais que calo,  
é o menos o que digo.  
E como por ser amigo  
será louvar-vos defeito,  
calo por êste respeito,  
a eleição dêstes louvores  
deixando aos pios leitores,  
visto dar-me por suspeito.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Ao muito Reverendo Senhor Padre  
Manuel de Cerqueira: Presidente  
da Academia.

Um Presidente coroadado,  
quem o poderá igualar,  
se se não pode encontrar  
outro de maior estado.

Pois é êste tempo de agrado,  
e todos se acham contentes  
ouçam provas veementes:

Dadas, com maior ciência  
pelo pasmo da eloquência,  
pelo Rei dos Presidentes.

*Por Manuel Ferreira da Luz*  
Vigário do Destêrro da Cidade.

Em louvor do Reverendíssimo Doutor Presidente da  
Academia do Entrudo o Senhor Doutor Manuel  
de Siqueira Coadjutor digníssimo da  
Freguesia de São Pedro.

## ROMANCE

Meu Presidente do Entrudo,  
e do Entrudo com certeza  
porque há muito enfarinhado  
andais nesta presidência.

Não cessarei de louvar-vos  
o caco em que a vossa idéia  
como panela de Entrudo  
vemos hoje que caqueja.

Mal haja a sorte que avara  
vos usurpa, ó meu Siqueira,  
por dar a um domingo magro  
do gordo as carnes tolendas.

Mas não vos pese com isso  
porque da vossa cabeça  
para adubares as carnes  
toicinho tendes na testa.



Foi uma ôlha-podrida  
a vossa oração que apenas  
quando por vós adubada  
com mil carnes se tempera.

Da Águia pelo remontado  
com que o vosso caco a engendra  
tendes carnes, e mais carnes  
com que ferva essa panela.

Coa da pomba pelo simples  
também é razão que ferva;  
porque entre as simplicidades  
mal pode esaldar a inveja.

Dada Fênix participa  
também quando aqui se ajunta  
não nos carvões do rescaldo,  
mas nas cinzas da quaresma.

Não fica o Cisne de fora  
pois de assistir-vos não deixa  
também do Patolo o Cisne  
já que sois tão bom Poeta.

Sòmente do papagaio  
na ôlha a carne não entra  
pois não é a vossa Oração  
coisa que a lorica aprenda.

Que foi mui sustancial (sic)  
juro, e assim Deus me defenda  
que de pedras engendrada  
a Ema a não esmoera.

Porque sois vós tão vivinho  
meu Siqueira, Deus vos benza  
que de pedras fareis prosas,  
de paus engendrais poemas.

Ora pois, graças a Apolo  
dê o Entrudo, e a maior seja  
o haver-vos introduzido  
Apolo nesta Academia.

Mas se Presidente fôstes  
entre o Entrudo, e a quaresma  
que não sois carne, nem peixe  
dirá ninguém nesta terra.

Que glória os vossos fregueses  
terão de ver que a cadeira  
que ocupou o seu Vigário  
o seu Coadjutor a leva?

Ora, amigo, perdoai-me  
do Romance a estreiteza  
inda que para louvar-vos  
me não faltava mais lenda.

Mas que quereis vós que eu faça  
se inda nesta hora mesma  
me dizem que hoje sem falta  
fazeis esta presidência?

Contentai-vos com o pouco  
do muito que dar pudera  
quem se empenha em vos louvar  
num Romance feito à pressa.

Aceitai-o tal ou qual  
que a vontade vo-lo oferta  
porque é de um vosso amigo  
que aqui por nome não perca.

[*Provavelmente de*  
*F. Avertano de Santa Maria*]

Ad Praesidentem

### EPIGRAMMA MACHARONICUM

Semper Domingo in gordo te orare putauit,  
Num tua, crede mihi, gorda Minerua patet.  
Nunc te Domingum magrum ingordare uidemus,  
Signum est farturae, maximus annus erit.

Nescio de te quid dicam, sed dico **Salutem,**  
 Atque **reseruandum** malo **Silare** mihi.  
 Et tibi Parnasus dicit, Serqueira, **Salutem,**  
 Atque iterum dicit, uiue, reuiue diu.

*Luís Canelo de Noronha.*

Em louvor do Senhor Padre Manuel  
 de Cerqueira Leal.

### ODE ALCAICA

Sôbre a cabeça do alto Presidente  
 Estou vendo uma nuvem rutilante  
 Que traz o Deus Apolo mui contente,  
 E mui galante.

Nas mãos de Apolo vejo um verde louro  
 Em forma de diadema enrodilhado,  
 Com diamantes, rubins, e cravos de ouro,  
 Mui bem ornado.

Já lhe põe na cabeça o Deus lутroso  
 Já lhe assenta o diadema sôbre a c'roa  
 Por ser um Presidente tão famoso  
 Que o mundo atroa.

Entretanto com tôda a reverência  
 Vejo as Musas fazendo-lhe medidas  
 Desejando beber-lhe a eloquência  
 Para as ternuras.

Já lhe cantam contentes mil louvores,  
 Já lhe dão pelos pés dez mil abraços,  
 Já lhe of'recem rendidas belas flôres  
 Em seus regaços.

Admirando eu tal festa neste dia  
 Chamei aqui por parte que me visse  
 Uma Musa. A que veio foi Talia,  
 A qual eu disse:

Nunca tal vi fazer, aos mais Senhores  
 Que vi neste lugar tão sublimados:  
 Por que a êste Senhor só dais louvores  
 Tão celebrados?

A Musa responde-me só vós eras (sic)  
 (Ó Douro Leal) Leal às leis de Apolo;  
 E porisso aplaudiam o que fizeras.  
 Eu fiquei tolo.

*de Antônio de Oliveira.*

Ao Reverendo Padre Coadjutor o Senhor  
 Manuel de Cerqueira Leal presidindo  
 na última conferência da nossa Academia.

### SONETO

Primeiro Coadjutor, segundo Cura,  
 Último da Academia Presidente  
 Cujo metro em bolandas traz a gente,  
 Da mais alta à mais baixa catadura.

Em três verdes levando uma madura,  
 Sempre está na maroma a vossa mente,  
 Aplauso conseguindo tão veemente,  
 Que já de estimação passa à loucura.

Por mais que em vossas prendas me dilate,  
 Com os vossos louvores não atino,  
 E temo proferir um disparate,

Que o vosso gênio estranho, ou peregrino  
 Só merece das Musas o saguate,  
 Só das Farsas de Apolo se faz digno.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Em louvor do Muito Reverendo Senhor  
 Presidente Digníssimo Coadjutor  
 de São Pedro.

### DÉCIMA

Se São Pedro vos tivera  
 ao lado quando negou,  
 certo e confiado estou  
 tais negações não fizera;  
 pois quem como vós se esmera  
 em ser tão bravo Orador,  
 é certo, que com valor;  
 e coas armas da eloquência,  
 serieis, naquela urgência,  
 de São Pedro Coadjutor.

Do Acadêmico Inflamado  
*João Alv'res Soares.*

Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre  
 Doutor Manuel de Siqueira Digníssimo  
 Coadjutor da Paróquia de São Pedro e  
 famosíssimo Presidente da Conferência do  
 Entrudo na Academia dos Esquecidos  
 desta Cidade.

### SONETO

Reverendo Siqueira, se o alfabético  
 Cartimplório vos fez tão asiático,  
 Que depois de lacônico gramático  
 Vos influi por força o ser poético.

Se heis caído na falta de arismético,  
 Quando na ortografia sois tão prático,  
 Porque sendo no verso tão fleumático,  
 Vos mostrastes na prosa tão frenético?

Ora eu vo-lo digo todo dístico  
 Em dois versos mais sáfico que sófico,  
 Já que em vós quanto vejo tudo é místico,

Mas que posso eu dizer se estais tão tópico,  
 Se não que Presidente sois sufístico  
 Porque enfático sois, porque sois trópico.

*De um seu grande amigo.*

Ao Reverendo Senhor Presidente

### SONETO

Meu Padre, Pá, meu Presidente, Té,  
 Mais quisera dizer-vos; porém, Tá:  
 que o Louro Apolo grita d'acolá,  
 que tem por Coadjutor a Vossa mercê.

Não se enfade São Pedro, por quem é,  
 dêste apôdo; que juro por Alá,  
 que não fêz outro tanto Mostafá,  
 e como Cristão falo em boa fé.

Mas quem como o Siqueira? no Peru  
 tal riqueza não teve o Potosi.  
 Chame o Caquende, soe o Tororó.

Ó tu Siqueira, ó tu mil vêzes Tu?  
 podes ser Orador do grão Sofi  
 todos o dizem, não o digo eu só.

*De um seu devoto.*

Décima heróica ao Prezado Presidente.

Se nesta idade Diógenes vivera,  
 e um homem perfeito procurara,  
 neste Ilustre Museu o encontrara,  
 se de Grécia à Bahia hoje viera:  
 Este serieis, vós, douto Cerqueira,

Pois mostrais, em discurso tão fecundo,  
 ser discreto, elegante, e sem segundo,  
 E se Platão, Simônides, e Homero,  
 suas Pátrias honraram: eu assevero,  
 que ao Brasil glória dais, inveja ao Mundo.

*De um seu Amigo, e muito  
 venerador que êle bem sabe.*

Em louvor do engenhosíssimo, e eruditíssimo  
 Presidente.

### DÉCIMAS

É chegado o feliz dia,  
 de ver na Cadeira pôsto,  
 um Presidente do gôsto  
 de tão nobre Academia;  
 nem mais, nem menos, devia  
 ser eleito Presidente,  
 para esta função presente  
 tal varão, em quem só cuido  
 inspirou o Santo Entrudo  
 por Orador competente.

Só pode um tão grande Santo  
 fazer fôsse conhecido  
 talento o mais desmedido;  
 porque lá deposto a um canto  
 o fêz vir com digno espanto  
 à vista dêstes Senhores  
 a ser pasmo de Oradores,  
 de Presidentes a norma,  
 a insinuar nova forma  
 de compor aos escultores.

Bem haja Insigne Siqueira  
 quem Presidente vos fêz  
 por acabar de uma vez  
 êsse flato, essa canseira:  
 mas o Santo Entrudo queira

visitar-vos de ordinário,  
porque assim no Calendário  
de seus Oradores, certo  
sejais vós por mais esperto  
Orador proprietário.

Não vos dará grande abalo  
o presidir a miúdo,  
que em presidências do Entrudo  
sempre está mui de cavalo;  
por modéstia, oculto, e calo  
vossas prendas singulares  
requisitos a milhares:  
mas se eu calo, entoa a fama,  
e altíssima as aclama  
gritando por êsses ares.

Dando a conhecer ao Mundo  
essa cifra de agudezas  
compêndio de sutilezas,  
êsse engenho o mais fecundo:  
tal que não conta segundo  
o passado, e o presente,  
e suposto alguma gente  
vos reputa e vos presume  
presidente de xurume,  
sois um gordo presidente.

Gordo disse, e com verdade,  
pois tal massa em vós se encerra  
que não acerta, mas erra  
quem vossa capacidade,  
grandeza e imensidade  
reconhece compreensível;  
e se me fôra possível  
tanto gôlfo vadear,  
também fôra o esgotar  
o pélagos inexaurível.

Foi vossa Oração tremenda  
pela matéria notanda,  
pela agudeza imitanda,  
e pelo tempo tolenda.  
Foi na verdade estupenda



todos o estão publicando  
 ela mesma insinuando  
 geralmente e persuadindo,  
 pode presidir dormindo  
 quem faz Orações sonhando.

Diga pois tôda a Cidade  
 viva do Siqueira a glória  
 nas lâminas da memória  
 nos bronzes da eternidade.  
 Viva, viva infinidade  
 de Entrudos diga também  
 êste Auditório pois tem  
 neste regozijo parte,  
 não fique sem sua n'arte  
 nos vivas, o Poeta. Amém.

*Do Sacristão da Igreja Matriz  
 do Senhor São Pedro.*

Ao Senhor Reverendo Presidente.

### DÉCIMAS

Presidente tão difusas  
 tendes do engenho as traças,  
 que sendo o mimo das graças,  
 sois hoje momo das Musas;  
 não são lisonjas confusas,  
 as que mostro por acenos,  
 que o mais em vós é somenos,  
 menos, pois tudo lograis,  
 pouco, porque em vós o mais,  
 todo, é pouco, mais, ou menos.

Pareceis nessa Cadeira  
 por modø esquisito, e vário,  
 já signo no Campanário,  
 já pote na Cantareira.  
 Signo sois sábio Siqueira,  
 que sem gastar tiques, miques  
 dobrais hoje os vossos piques;

e com festa de badalo  
causais no Parnaso abalo  
ao som de tantos repiques.

Pote sois, a quem destina  
Apolo (meu Reverendo)  
para aqui vos ir enchendo  
das águas da Cabalina.  
Nascestes em boa sina,  
pois sem que valham escusas  
tendes as graças infusas;  
e sois por jeito ou acaso  
Pote de todo o Parnaso,  
Cântaro das nove Musas.

Não me tenhais por sobejo,  
que sois na realidade  
o Caldeirão da vontade  
na Cisterna do desejo.  
Em vós me vejo, e revejo,  
porque quando orar vos ouço  
todo salto, e estrabouço  
que a força desta Oração  
ou me mete na prisão,  
ou me leva ao Calabouço.

Do mesmo Autor. (1)

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Reverendíssimo Senhor Presidente.

## EPÍLOGO

Quien es de Apolo Clavel-Manuel  
Quien es segundo Viera-Cerqueira.  
Quien hizo oracion formal-Leal

(1) Provavelmente a composição está deslocada, não sendo possível identificar o Autor.

Con razan fundamental,  
 puedo afirmar, e decir,  
 que fué solo, en presidir  
 Manoel Cerqueira Leal.

*De um seu Paroquiano afetuoso.*

Conferência de 4 de fevereiro

Primeiro Assunto.

Foi o primeiro assunto as damas de Cartago  
 dando as tranças de seus cabelos para  
 enxárcias de uma armada contra seus inimigos

Ao primeiro Assunto

### SONETO

Quando, ó nobre Cartago, o mar dominas,  
 De Marte toma Vênus os cuidados,  
 Porque as damas observo em seus estrados  
 Não sei se mais constantes, se mais finas.

Triunfante com razão te vaticinas,  
 Pois com razão se espera que os soldados  
 Hão de ser os heróis mais esforçados  
 Onde são as mulheres heroínas.

A Fama às Amazonas dando zelos,  
 Quando em louvor das tuas lança as loas,  
 As coroa em mais altos paralelos.

Tal prêmio bem se deve a tais pessoas,  
 Pois no ilustre despôjo dos cabelos  
 Que outro ornato hão de ter, senão coroas?

Secretário.

*[José da Cunha Cardoso]*

## Ào primeiro Assunto

### DÉCIMA HERÓICA

Arrogantes, soberbos, presumidos,  
se embarcam de Cartago, os agressores,  
tanto em fortuna, aos mais superiores,  
quanto vão de vencer, a ser vencidos:  
as Armas de que vão fortalecidos,  
o gôsto, lhes seguram da vitória,  
fazendo mais plausível esta glória,  
ser igual para todos, a ventura,  
que quem cede ao poder da formosura,  
o crédito não perde, tem vanglória.

*Por Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

Faltando cordas para aprestarem as Naus  
Cartaginesas deram e cortaram as Damas de  
Cartago os seus cabelos para suprirem a falta.

## Primeiro assunto

### ROMANCE HERÓICO

Já de Cartago a belicosa Armada  
de Tétis as Cerúleas Ondas sulca,  
que na falta dos náuticos aprestos,  
foi do valor socorro a formosura.

Enxárcias não havia para os mastros,  
faltavam cordas, mas com rara astúcia,  
sem entrar na batalha, já triunfa  
deu a beleza, o que negava a indústria.

Quantas áureas madeixas, tremulantes  
eram do mesmo Sol luzente injúria,  
corta o Púnico Ardor. Nestes despojos,  
sem entrar na batalha, já triunfa

Estes que tanto a formosura estima  
 belos adornos, que Cupido usurpa,  
 já para os laços, com que prende as almas,  
 já para as flechas, com que armado assusta.

Esta pompa, êste Ornato da beleza  
 os Mastros prende, as Velas assegura;  
 para deter as que lhe deu lisonjas,  
 Zéfiro em Auras, quando o Noto em fúrias.

Qual namorado, nas tépidas  
 tranças, que move, vozes articula;  
 vozes, que alentos dão para a vitória,  
 ecos, que o Aplauso explica com ternuras.

Valente a formosura, não com armas,  
 sim nas cordas, os créditos apura  
 não no que fere, no que prende, heróica  
 das Armas o poder hoje divulga.

Já vão rompendo de Cartago as proas  
 o Marítimo Gôlfo, marés seguras  
 no desgrenhado feminil adôrno,  
 do que na Marcial Náutica Chusma.

Humilhado Netuno a Cervis dobra,  
 não se entumece, mas a espalda encurva,  
 essas pendendo o ímpeto das ondas,  
 às dos cabelos cede as ondas suas.

Eu não sei se Anfitrite com ciúmes  
 de tanto rendimento se estimula,  
 sei que Glauco, e Nereu nisto falaram,  
 o que lá entre as Ninfas se murmura.

Que muito suas cordas, nas enxárcias  
 Vênus, Cupido, e as três Graças juntas  
 dêstes cabelos fulminando raios,  
 fazem arder em brasas as escumas.

Não só Netuno, Marte já se rende  
 já sem combate o cativoiro busca,  
 que tendo a resistência por afronta  
 foge ao conflito, a contenda escusa.

Ó famosas, Gentis Cartaginesas  
 mais do que as Amazonas resolutas,  
 mais que a mesma Semírames valentes,  
 Trácia o confessa, Babilônia o inculca.

Muitas à Pátria já deram as jóias,  
 seus cabelos porém deram nenhuma;  
 única sois na dávida, e no esfôrço,  
 obrastes sós, o que não fazem muitas!

Em vós hoje se vê a grande Dido,  
 os alentos de Aníbal, e de Asdrúbal,  
 para imortal memória de Cartago,  
 para escândalo eterno de Ligúria.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao primeiro assunto

## ROMANCE HERÓICO

Já de Cartago a belicosa Armada  
 de Tétis as cerúleas ondas surca;  
 que na falta dos náuticos aprestos  
 foi do valor socorro a formosura.

Enxárcias não havia para os mastos,  
 faltavam cordas; mas com rara astúcia,  
 fazendo desperdício dos cabelos,  
 deu a beleza, o que negava a indústria

Quantas áureas madeixas tremulantes,  
 eram do mesmo Sol luzente injúria  
 corta o Púnico Ardor; Nestes despojos  
 sem entrar na batalha, já triunfa.

Estes, que tanto a formosura estima,  
 belos adornos, que cupido usurpa,  
 já para os laços com que prende as almas  
 já para as frechas com que armado assusta.

Esta pompa, êste ornato da Beleza  
prende os mastos, as velas assegura  
para deter as que lhe deu lisonjas,  
Zéfiro em Auras, quando o Noto em fúrias

Eolo namorado, nas tecidas  
tranças, que move, vozes articula;  
vozes que alentos dão para as vitórias,  
ecos que o aplauso explica com ternuras.

Valente a Formosura, não com armas,  
sim nas cordas, os créditos apura:  
não no que fere, no que prende; Heróica  
das armas o poder hoje divulga.

Já vão rompendo de Cartago as Proas  
ao marítimo Gôlfo, mais seguras  
no desgrenhado feminino adôrno,  
do que na marcial náutica chusma.

Humilhado Netuno a Cervis dobra  
não se entumece, mas a espalda encurva,  
e suspendendo o ímpeto das Ondas,  
às dos cabelos, cede as ondas suas.

Não alcanço, se Dóris com ciúmes  
de tanto rendimento se estimula;  
sei, que Glauco, e Nereu, nisto falaram,  
e que lá entre as Ninfas se murmura.

Que muito se nas cordas, nas enxárcias  
Vênus, Cupido e as três Graças juntas,  
dêstes cabelos fulminando raios,  
fazem arder em brasas as escumas

Não só Netuno, Marte já se rende,  
já sem combate o Cativo busca;  
que tendo a resistência por afronta  
foge ao conflito, se a contenda escusa

Ó famosas, gentis Cartaginesas,  
mais do que as Amazonas resolutas!  
Mais que a mesma Cemíramis valentes!  
Trácia o confessa, Babilônia o inculca.

Muitas à Pátria já deram as jóias,  
seus cabelos, porém, deram nenhuma;  
únicas sois na dávida, e no esforço,  
obrades sós, o que não fazem muitas.

Em vós hoje se vê a grande Dido,  
os alentos de Aníbal, e de Asdrúbal:  
para imortal memória de Cartago,  
para escândalo eterno de Ligúria

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Cortando as Damas de Cartago os cabelos  
para enxárcias da Armada.

## OITAVAS

Porque a Armada navegue de Cartago,  
Que por falta de enxárcias se detinha,  
Das tranças fêz a formosura estrago  
Donde de Febo a luz inveja tinha.  
Ação digna de ter da fama o pago,  
Que a tão invicto mérito convinha,  
Nas lâminas gravando da memória  
Com caracteres de ouro, sua história.

Sem os alinhos já da natureza,  
Qualquer Dama se ostenta caprichosa,  
Aspirando gloriosa nesta emprêsa,  
A ficar, nesta emprêsa mais gloriosa.  
Nunca sem os enfeites a beleza  
Mais do que entonces, (sic) se julgou formosa,  
Parecendo sem essa compostura,  
Com maior formosura, a formosura.

O nítido cabelo de ouro em fios  
(Da beleza riquíssimo tesouro)  
Do fraco sexo, os alentados brios  
Em cordas transformou, as tranças de ouro.



Ficaram sem prisões os alvedrios,  
 E sem emulações o Pastor Louro,  
 Triunfando alegres, sem menor peleja,  
 As almas das prisões, o Sol da inveja.

Despojada a beleza do aparato,  
 Que lhe deu por ornato a Natureza  
 Se observou, que a beleza sem ornato  
 Era o melhor ornato da beleza.  
 Não custou êste apresto tão barato  
 Comprada a tanto custo, aquela emprêsa,  
 Donde o brio fazia sem desdouro  
 Dos laços de Cupido, enxárcias de ouro.

Que glória adquirir pode, ou que riqueza  
 A Armada, nesta emprêsa, que procura?  
 Se tendo em terra a mais segura emprêsa,  
 Busca a emprêsa no mar, menos segura.  
 Bem pudera saciar tôda avareza  
 Nos bens, que lhe outorgou a formosura,  
 Porque um cabelo seu (se bem se nota)  
 Valia muito mais, que tôda a frota.

Nem de Artaxerxes a naval potência,  
 Que o mundo encheu de bárbara jactância;  
 Nem de Colchos (sic) a Nau, que com violência  
 Levou no velocino amor ganância:  
 Com esta Armada tinham competência,  
 Que de qualquer Navio era a importância,  
 Das enxárcias, maior (sem mais encargos)  
 Que a Armada de Artaxerxes, que a Nau Argos.

Essas, que em louros fios divididos  
 (Desperdícios de Ofir) madeixas de ouro;  
 Quando a impulsos da neve sacudidos  
 Dava o marfim ao Zéfiro um tesouro:  
 Hoje pelo vigor da coa unidos,  
 Com auspício feliz, com fausto agouro,  
 São do Noto (na rápida peleja)  
 Ergástulos das Naus, grilhões da inveja.

Mais varonis, que aquelas se ostentaram  
 (De Cartago as bellissimas donzelas,  
 Que os esposos aos ombros carregaram  
 Prezando as vidas mais, que as jóias belas.

Nem outras, que as idades celebraram,  
 Que a Fama em trompas traz os nomes delas.  
 Com estas se comparam, cuja história,  
 Padrões merece de imortal memória.

Não se louva o galhardo desta emprêsa  
 Nos desperdícios do gentil tesouro,  
 Em que pródiga quis a Natureza  
 Dispensar tanta cópia em fios de ouro.  
 Admiração maior, é, que a beleza  
 Quisesse padecer êste desdouro;  
 Porque não pode haver mais desventura  
 Que um álamo perder a formosura.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Cortando as Damas de Cartago os cabelos  
 para enxárcias da Armada.

### SONETO

Para enxárcias das Naus, que o salso argento  
 Em partes quebram no Cerúleo Lago,  
 Oferece a beleza de Cartago  
 Das cabeças o nítido ornamento.

Se foram de Amor laços com portento  
 Onde tinha a prisão por justo pagor;  
 Esses cabelos, da beleza estrago  
 São injúrias do Sol, troféus do Vento.

Por conseguir a glória de u'a emprêsa  
 A beleza despende em fios de ouro  
 O mais rico tesouro da beleza.

Mais a glória prezando, que o desdouro  
 No famoso tesouro, que não preza  
 Só preza a glória por melhor Tesouro.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

As damas de Cartago dando as tranças de seus  
cabelos para enxárcias das Naus, que contra  
seus inimigos armou a pátria.

### SONETO

Essas, que a Armada tua (ação notória)  
Enxárcias, ó Cartago, ricas teve,  
Cordão são, que de Amor ao arco deve,  
Se de Vênus brasão, de Marte glória.

Mas se em ti da beleza transitória  
São os raios do Sol despôjo breve,  
Quais serão os troféus, onde não leve  
Até os mesmos despojos são vitória?

Se a beleza em teu dano está apostada,  
Teme, ó contrário lenho, teus desmaios,  
Que peleja até o Céu por esta Armada;

Pois vês, que contra ti fazendo ensaios  
Do cabelo a beleza despojada,  
Não só forma prisões, esgrime raios.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

A Cidade de Cartago Em louvor Das Matronas,  
que cortaram os cabelos para enxárcias.

### SONETO

Aludindo aos ramos de ouro com que  
Enéias alcançou de Plutão o falar com seu  
Pai Anquises.

Nobre Cartago, Império preeminente,  
Que não só por varões assinalado,  
Mas de heróicas Matronas ilustrado  
Um triunfo alcançaste o mais potente.

Rende às Matronas culto reverente,  
 Que em seus próprios cabelos pendurado  
 Te souberam livrar do adverso Fado  
 Quando enxárcias te fazem egrègiamente.

Mas que certo levaste o vencimento  
 Nas enxárcias, quais ramos de ouro puro  
 Of'recidos a Marte o Deus mais forte;

Pois se de ouro um só ramo o rendimento  
 Dos Deuses alcançou do Reino escuro,  
 Tantos hão de vencer a um só Mavorte.

*de Antônio de Oliveira.*

Dando as Damas de Cartago os seus cabelos para  
 enxárcia da Armada Cartaginesa, Assunto  
 heróico da presente conferência.

### SONETO

A pompa mais gentil da Natureza,  
 Das Damas prezadíssimo Tesouro,  
 Que aumenta a galhardia em porções de ouro  
 Sólto em ondas nos mares da beleza.

Para enxárcia a Naval Cartaginesa  
 Dão as Damas com glória, e sem desdouro  
 Em lugar do cabelo pondo o louro,  
 Que lhes deu o valor pela fineza.

Sai a Armada naquela conjuntura  
 Estrêlas competindo em paralelos,  
 E levando nas prendas a ventura.

Segura vai na enxárcia dos cabelos,  
 Que os cabos com que prende a formosura,  
 Tanto mais fortes são, quanto mais belos.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

## Primeiro assunto

As damas, que ofereceram as tranças dos seus  
cabelos para enxárcias da armada etc.

## Romance chistoso, por variar do vocábulo Joco-Sério

As tranças, que são do garbo  
airosamente a guedelha,  
entregam, varonilmente,  
ao duro corte as Belezas:

Delas com fatal destrôço,  
fazendo graciosa oferta,  
dos bens de reis se privam,  
e de liberais se prezam;

Pois com tais madeixas de ouro,  
ricas de Cupido prendas,  
podendo prender as almas,  
em duros troncos se empregam.

Rudemente entretecidas  
servem aos mastros de antenas,  
que não sei com tais prisões,  
como hão de soltar as velas.

Ó que tardamente as Naus  
com tais enxárcias navegam;  
pois indo pelos cabelos  
violentamente forcejam:

Não sei se apêlo vieram  
os cabelos para a emprêsa,  
pois pendente de um cabelo  
vendo estou o stratagemma.

Porém negar-se não pode  
ser frota de grã riqueza,  
quando com sédas por cerdas  
ricamente se mastreia.

Só da cabeça das Damas  
vir podiam tais idéias,  
que para tratar com ventos,  
 vaidades lhes sobejam.

Não hão de estranhar as cerdas  
do Austro, e Euro as violências;  
que reinam ventos maiores  
de seus donos nas cabeças.

Dizem alguns que esta ação,  
foi famosa, e foi discreta,  
mas eu digo que foi farsa,  
pois a vi numa Comédia.

Mas no caso que se armasse  
tal armada por tais testas,  
qual a equipagem seria!  
qual a guarnição, e a guerra?

E' sem questão, que os Narcisos  
teriam com tôda a pressa  
praça ali de marinheiros  
ou forçados de galera.

Pois só por tocar nas tranças  
daquelas Damas tão belas  
[teçariam] as enxárcias,  
com notável diligência.

Quatro milhões de vadios  
Seriam guarnição certa,  
porque nas Naus de Cupido  
esta é sempre a soldadesca.

A guerra que as ditas Naus  
fariam seria horrenda;  
mas como acabo o romance,  
dou por acabada a guerra.

Do Acadêmico Inflamado  
*João Alv'res Soares.*

Carthaginensibus feminis Ad propositum  
argumentum.

EPIGRAMMA

Byrsa parat classes, naues simul instruit, hostes  
 Vt tandem Ausonios perdat iniqua suos.  
 Hinc ratibus tormenta parat, dat carbasa malis.  
 Funibus at nauis quaelibet inde caret.  
 At calamistratos muliebris turba capillos  
 Amputat, in funes datque Puella comas.  
 Quamque Medusaeus mutatur crinis in angues.  
 Haud secus in funes uertitur iste suos.  
 Roma, Medusaeos tibi nunc pro fune colubros  
 Byrsa parat: rigeas ne, rogo, Roma, caue.

[*Sem indicação de Autor*]

De Matronis Carthaginensibus.  
 Ad propositum argumentum.

EPIGRAMMA

Vexat Elisaeas longa obsidione phalanges,  
 Et Libycas tentat Mars uiduare nurus.  
 Vertere terga libet Tyriis: penuria, fune.  
 Crescit in undiuagas, deficiente, rates.  
 Agmen in arma uiros uertit muliebre; ligandis  
 Fert ratibus crines Virginis ampla manus.  
 Hac stant arte uir (inuentum muliebre:) uel ipsos  
 Haec retinet profugos saepe catena uiros.

[*Sem indicação de Autor*]

De Matronis Carthaginensibus  
Ad propositum argumentum

EPIGRAMMA

Agmen Agenoreas bellis hostile maniplos  
Fundit, et herbiferos depopulatur agros.  
Iam Tyriam belli moles inuaserat urbem,  
Nec spes obsessis ulla salutis erat:  
En Tyrii classem reparant; en turba capillos  
Virginea in funes fert studiosa suos.  
Nonne Deae crines Cypria sunt arma? Cohortes  
His [Punicae], uobis debita laurus erit.

[*Sem indicação de Autor*]

Carthaginensibus feminis Ad propositum  
argumentum

EPIGRAMMA

Byrsa Quirinales debellatura maniplos,  
Bella parans, Tyrios ducit in arma uiros.  
Hinc pelago tentat classes immittere funes  
Defecere tamen, dum patat illa rates.  
Ergo Puellares concurrunt undique coetus,  
Spontequae diffusas dissecuere comas.  
Intexunt crines: satis et pro fune capillus  
Sufficit, et Tyrias alligat inde rates.  
Ast, qui saepe uiros solet illaqueare, capillum  
Quid mirum funis nunc subiisse uices?

[*Sem indicação de Autor*]



Conferência de 4 de fevereiro

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto o inspirado [retiro],  
que fêz de Lisboa o Padre Bartolomeu  
em 25 de setembro

Ao segundo assunto

### EPIGRAMA

Os que lêem no Calendário  
todos afirmam constantes,  
que o Padre fugiu pouco antes  
da dominga do Rosário.

Eu não sei se isto em Lisboa,  
onde andam todos aéreos,  
são de Rosário mistérios,  
ou mistérios de coroa.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Assunto

A fuga que fêz de Lisboa o Doutor  
Bartolomeu Lourenço

### DÉCIMAS

Um Bartolomeu deixar  
tanta grandeza em Lisboa,  
sem causa, a mim me não toa,

para poder discursar:  
o não querer publicar  
o motivo, que o moveu  
nisso a nenhum ofendeu,  
mas se o intento foi malvado,  
merece ser esfolado  
como um São Bartolomeu.

Nesta fuga estou indeciso;  
confesso de mim não sei  
de que parte me porei  
para falar com juízo:  
espero mais certo aviso  
para saber-lhe do intento,  
que agora é sem fundamento  
pôr, ou não pôr, seu contrário,  
que um juízo temerário,  
é muito mau pensamento.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

### Assunto próprio

Quem foi o primeiro plantador da vide,  
e os bens, e males que causa o vinho  
a quem o bebe.

### QUARTETOS

Por ser nesta ocasião  
de entrudo, que é de comer,  
cabe tratar de beber,  
quer se agaste Baco, ou não.

De mim pouco falarei,  
que de vinho nada entendo,  
relatarei o que lendo  
em os Autores achei.

Deodoro, e Vergílio, seguem  
que o vinho Baco inventara,  
e que também o ensinara  
aos Gregos, e assim o escrevem.

Saturno à Itália o levou,  
Ícaro a Atenas; Platão  
diz: que Etrusco à França, e não  
nos dizem, quem o plantou.

Porém o mais certo é  
que o primeiro plantador,  
que gostou do seu Licor,  
sem dúvida foi Noé.

Latâncio Firmiano, escreve  
com Josefo, que a cidade  
de Saidaina, é na verdade  
donde o fizeram mais breve.

Pois nela, foi a primeira  
donde a vide se plantou  
no Líbano, e cultivou  
na tal Cidade, a parreira.

Diz mais Platão, que a adelgaça  
o engenho, e que a memória  
aviva, e lhe causa glória,  
porquanto a muitos dá graça.

Macróbio, que a força aumenta,  
e Plínio, que a multiplica,  
e que os nervos fortifica,  
como dizem, se exp'rimenta.

Que é coisa mui singular  
para a saúde oportuna,  
diz o Médico Laguna,  
de mês, em mês, embriagar.

Sócrates, com mais Autores,  
diz: que é grã confortativo,  
e veloz penetrativo,  
com outros muitos louvores.

Alguns Narcisos, e Adônis,  
que lhe fazem mui bom rosto,  
afirmam, que além do gôsto,  
que *laetificat cor hominis*.

Não duvido, que verdade  
digam, nõ que hei referido,  
porém deve ser bebido  
em mui pouca quantidade.

Suetônio diz: que mau fim  
teve o Grande Imperador  
Tibério, por bebedor,  
e a muitos sucede assim.

Pior que Sodoma, obrou  
em Lot, no incesto que fêz,  
pois do vinho a embriaguez  
se atribui, lho causou.

E Marco Antônio, em beber  
por ser mui demasiado,  
Otaviano seu cunhado,  
porisso o veio a vencer.

Um dos sábios por matarem  
os Príncipes, que esquecidos  
de quem eram, inadvertidos  
por seu mal, se embriagassem.

Cleomedes sem ter medida,  
nem conta alguma, bebendo,  
ficou o siso perdendo  
para tôda a sua vida.

Anacreo foi afogado  
de um grão de uva, que bebeu  
no vinho, e assim perdeu  
a vida nêle engolfado.

Flávio diz: Bonoso era  
bebedor com demasia,  
Aureliano dizia,  
que só a beber nascera.

Dionísio tirano, em ser  
no beber tão depravado,  
ficou da vista privado,  
para nunca jamais ver.

Beber os Reis, Salomão  
gravemente proíbia,  
como aos moços, pois sentia  
perderem a estimação.

Aristóteles também  
com Avisena, que o segue,  
dizem: ser mau, que se empregue  
em vício, o que o não tem.

Padre Bernardes, que assaz  
dano causa o vinho, e mal,  
porque ofusca o racional,  
perturba a modéstia, e paz.

Contra a natureza humana  
é, porque irrita o irracível,  
fomenta o concupiscível,  
o baço, e cabeça dana.

Chama, ao vinho Salomão,  
a confusão de tumultos,  
causa de muitos insultos,  
e perda de mansidão.

Diversos efeitos faz  
privando a moderação,  
quando um quer ser valentão,  
faz, sem querer, pés atrás.

Obriga a muitos, a rir,  
como a outros, a chorar,  
alguns, a muito falar,  
aos mais dêles, a dormir.

Diz São Basílio, que a água  
apaga o fogo, e que o vinho  
a razão, e que é caminho  
de perdição, e de mágoa.

Santo Ambrósio, que o apetite  
inda quando satisfeito,  
torna faminto, a respeito  
de nunca lhe achar limite.

E Santo Agostinho chama  
aos que são bons bebedores,  
ninharias, por piores  
sujeitos, pela má fama.

Palafox, diz com instância,  
que só para consagrar  
serve o vinho, por mudar,  
naquele ato, de sustância.

Alexandre Afrodísio, tem  
para si, que o bebedor  
é de sentido pior  
que o que não bebe, e diz bem.

Já se viu um, ordenar  
emborcação se fizesse  
de vinho, antes que morresse  
sôbre a bôca, até expirar.

E São Carlos Borromeu  
tirou-lhe tal pensamento,  
rasgando-lhe o testamento,  
gravemente o repreendeu.

Outro, nos peitos batia,  
de joelhos, com fervor,  
dizendo: a mim pecador,  
duas Luas, neste dia?

Padre Bernardes o traz,  
quem duvidar, o vá ver,  
porque eu não hei de dizer  
de nenhum, o que não faz.

César grande Imperador,  
Tarquino o louva, e Catão,  
com Suetônio, porque não  
bebia nenhum licor.

Rêmulo, em um convite  
nêle, vinho não bebeu,  
Apolônio Teaneu  
agradou, de que o imite.

Demóstenes não provou  
nunca vinho, em sua vida,  
o Batista, a tal bebida  
nem junto à boca chegou.

São Bento, dá de conselho  
aos seus Monjes, que afastados  
sejam do vinho, e regrados,  
tanto o môço, como o velho.

São Fulgêncio o não bebeu,  
Santiago, o não tocou. (1)  
São Paulo, assim o mandou  
aos discípulos, e escreveu.

---

(1) Lê-se ao lado: "o menor".

São Jerônimo batalhava  
aos vinolentos beber  
vinho, só por conhecer  
o grande mal, que causava.

Com que venho a concluir,  
que o vinho faz pouco bem  
ao que bebe muito, e tem  
arto, que se lhe argüir.

Eu sigo esta opinião;  
se a querem contrariar,  
estou para a sustentar,  
quer se agaste Baco, ou não.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Assunto próprio:

Quem foi o primeiro que deu princípio às  
guerras, e os inventores das armas  
para guerrearem.

## ROMANCE

Tratar de guerra agora,  
algum fundamento acho,  
pois se trata da defesa,  
tratar delas vem atalho.

A soberba em Lusbel fêz  
a primeira guerra, e tanto,  
que ficou de Anjo de Luz,  
sem Luz, por ficar mau Anjo.

Depois se seguiu a inveja,  
que no Paraíso entrando,  
fêz a serpente, que Eva  
gostasse o pomo vedado.



A esta imitação foram  
(como filhos do pecado)  
muitos, como ainda está  
o sangue de Abel clamando.

Passando mais adiante,  
se viram notáveis casos  
de guerras, como as de Abraão  
e os Caldeus, seus adversários.

Forão contra os Egípcios,  
a quem causou muitos danos,  
os Filisteus, com Sansão,  
como Daniel no Lago.

El-Rei Saul, com Davi,  
que foi seu maior contrário  
Josué, dos Gabaonitas,  
quando o Sol se viu parado.

Olofernes, em Betúlia,  
El-Rei Xerxes, de Artabano  
Alexandre, de Dario,  
El-Rei Francisco, de Carlos.

Pares, de Aquiles, e Aquiles,  
de Heitor, famoso soldado,  
como Albino, de Severo,  
Alexio, de Balabano.

E Ptolomeu Rei do Egito,  
contra Pompeu alentado,  
como Enéias, contra Turno,  
Equileu, com Luciano.

Deodoro Círculo, diz:  
que Marte, por ser ufano,  
guerriou primeiro, e foi  
Deus das batalhas chamado.

Marco Túlio, com Pampínio,  
dizem: que Palas, mas acho  
dizer Josefo Hebreu que  
Tubal a guerra há inventado.

Quem a usou por interêsse,  
diz Justino, Pictor, Fábio,  
foi Nino, Rei dos Assírios,  
para aumentar seus estados.

E passando aos Inventores  
das armas, que foram vários,  
alguns sòmente direi,  
por não ser tão dilatado.

Plínio, que os Lacedemônios  
em Grécia, por voluntários,  
de espadas, e capacetes  
se puseram preparados.

Poluava a fêz um alemão;  
Rafael Volaterano  
diz: que quem a usou primeiro,  
foram os Venezianos.

Os trabucos, e os engenhos  
de arrojar, são nomeados  
os de Fenícia, e os dão  
por Autores, dêste dano.

Saites, inventou as setas,  
e Tólio, inventou os dardos,  
e Vigécio diz: que as fundas  
os de Malhorca hão trazido.

Plínio, que bestas, garruchas,  
os Assírios esforçados  
foram primeiros Motores,  
para ofender seus contrários.

Porém como é odiosa  
a matéria, mais não falo,  
que repetir malefícios,  
costuma causar enfado.

*De Antônio Ribeiro da Costa.*

Ao Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão  
retirando-se ocultamente de Portugal.

SONETO

Não tanto contra o Sol nuvem maligna  
De vapores a terra manda oposta,  
Como assim desluzir a inveja aposta  
A quem quer que o favor do Rei se inclina.

Douto Bartolomeu, a quem ensina  
Para Oráculo Palas a resposta,  
Dêsse agrado real, que se lhe encosta  
Evitando o favor, foge à ruína.

Se não há valimento, a que não seja  
Oposta a duração, contrária a Sorte,  
Porque nêle o que noutros não se veja,

Sabendo o retirar-se quanto importe,  
Sem que o pudesse desluzir a inveja,  
Deixa o Reino não só, mas Paço, e Côrte.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Na suspensão que faz a nossa Academia  
com a última conferência.

SONETO

Depõe um pouco o Arco o Deus Luzente  
Para pulsar a corda mais constante,  
Descansa o instrumento altissonante  
Para entoar as vozes mais valente.

Tal da nossa Hipocrene a grossa enchente  
Abstendo-se do curso modulante,  
Para dar muitos passos adiante  
Suspende agora o passo, ou a corrente.

Bem que por algum tempo se despinte  
Essa Idéia gentil do Sacro Monte,  
O congresso fará com que se pinte,

E trazendo a Harmonia ao Horizonte,  
No côro mostrará maior requinte,  
Mais amplamente beberá na Fonte.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

### POEMA HISTORIOGRAPHICUM

Omnes tempus habet, sint nunc sint carmina Ludus  
atque macharronico resonet mea musa boatu  
folguemus cuncti, celebreret sua uota Sodales  
et magno repleant risu casaque ruasque,  
entrudumque simul ueniant celebrare frequentes:  
tu me, Musa, socis (cessant dum seria tantum)  
imbue, tu risum inspira, tu carmina manda,  
quae grandem incutiant menti nunc ipsa galhofam,  
atque diem gracili festeient ore iocosum:  
et iam tempus adest, pueri, iogaste Laranias,  
Esguichos tomate manus ceras untate melado,  
atque chiringadas etiam atirate per omnes,  
quo cabelleris currant, currantque narisis  
et saxes uestras grauidis [penetrate] cabeças,  
tum longim folgate, [...] hoc mandat ubique;  
dum iuuenes etiam gaudent, dum coetera tantum  
turba tunantorum magno reboante, tumultu  
enfarinhando sese, multumoque gritando  
aut per ienelas andant uisitando cachopas,  
aut per plateas dancant, saltantque choreas;  
dum [qui] uiri plenis currant discubere mensis  
quos [...] cogit morsu grandissima uentris  
dura fames truci rodant uel dente labellos  
uel sicio comedent, mastigentque ethera boceis,  
dum cosinerus adhuc nullam guisauerat ossam,  
nec cibos tardus multo tostauerat igne  
immo per ardentes tendens uermelha tisones  
peta, responsebat grandes sub lare panellas  
magnos enchendo Lumbis Linguisque Lebetas:

nec mora, nec requies, [onestat] sine sine galinas,  
 assantur frangi, tostaneus inde capones,  
 et [...] cortat nullo decrimine porcos,  
 carnerus cecidit, cecidit tum sorte cabritus  
 et [graciles] pati lebres, timidique coelhi,  
 nec non teneri rechiantur more uetusto  
 adipe, tourino, salsa, nitidisque cebolis  
 innumeri, et fornis [tostantur] paene Letones;  
 empadae siunt, siunt tum denique tortae;  
 feruet opus, toto destillat corpore sudor  
 multaque per caram cadix alto pectore gutta.  
 at iam summa prius, mox ima assata [...]

tostados corios referunt ipsique Letones:  
 haud mora, se sentant oneratur mensa canis eris,  
 et tumet uino [...], timentque garrafae;  
 pocula saltanti mero quin ipsa coronant  
 faemina, uirque, bibunt, multus [...] ore sossegas,  
 et longum comedunt, capiunt fartare barrigas:  
 iam prati ueniunt, ueniunt iam magna chiantes  
 et frigideira, et magno cum pondere opetus:  
 dum iogant, quebrant, post ergo prandia pratos  
 atque bibendo implent, multo praecordia uino  
 leuantantque alii gritos; faciuntque, saluti,  
 nos Academici, posito iam fine, poetae  
 [Timemus] ferias, habeat sua tregua uersus,  
 et per florestas mentem aliuere fadiga,  
 et subter ramos extendere corpus arena  
 musa iubet, feci releuemus membra trabalho,  
 dum cessare sinunt musas tempusque diesque  
 sed prius incondat nunc ista Academia risum  
 magnaue de nostris resonent risata palatis,  
 non quia cortarunt Damae Carthaginis altae  
 cabellos, facerent cordas, fortesque calabros  
 ut cuntis essent nauibus, uelamina; non quod  
 [alte] triumphati fugiens de sede uocator  
 Bartholomeus Lourençus cognomine dictus,  
 qui quondam fecit, totum uoligaret orbem  
 instru [...] caera nauim leuibisque papellis,  
 regales de uerens ingrato corde fauores  
 iter ad hillandam burso caminha uil iniquo  
 et soberanum fugiens idiota Monarcham  
 rebelles iterum uoluit buscare maniplos;  
 se ipsum cantate, uiri, cantate se dentem  
 iure sodalitis discreta mente locatum

oratorem, iplum dictis louvate iocosis  
 ferueet et magno strepitu galhofa per aulam:  
 illum pouca donet non grandi cura labore  
 dicere, quo notis pariant gustunoque risumque,  
 nano uel regali residens resupinus in aula  
 excitare potest, magnum orare per orbem,  
 (Difaciant uelit): iam primum plaudite cantu  
 atque uiro tali pro uostris dicite cuncti  
 [...] celebrent, ceberent sua facta per annos  
 et sua per longum memoretur gloria tempus,  
 dum mea musa tacens hic decixat carmina, meque  
 cadeirae eneoso descansaturus ut olim.

*Do Acadêmico Quebra-ambunda.*

Ao Segundo assunto

### SONETO

Famoso voador. Ícaro nôvo,  
 nas mesmas asas tens o precipício;  
 mais do que elevação, o vôo é vício,  
 condeno os giros, se o engenho aprovo.

Já te não basta ter suspenso ao Povo?  
 já te não sobra ter ao Sol propício!  
 donde hás de encontrar igual solstício?  
 és Lucífugo, e no caos te encovo.

Lá no caos, e no Abismo mais escuro,  
 inda na queda, por favor te exalto,  
 maior tormento a teu delito apuro;

Que castigo maior que o sobressalto  
 de engaiolar-te um calabouço duro,  
 donde percas o vôo, erres o salto.

*De quem quer que fôr.*

A Cíntia que chegando à janela para ver o seu amante, com os raios do Sol o não pôde ver. (\*)

### DÉCIMAS

Cíntia, eu não sei que te diga  
dêsse teu não ver o amante;  
porque, ou tu és inconstante,  
ou tens olhos de Formiga.  
Eu não sei, que parte siga  
para te condecorar,  
neste exercício de amar;  
porque sem vista, nem fé,  
quem está tão cego, que  
para ti, mais há de olhar?

Se queres modo de vida,  
embarca-te para a China;  
porque lá, a mais mofina  
sempre tem sua saída.  
Se te vires pretendida  
para seres o foleiro  
da tenda, de algum ferreiro,  
não percas a ocasião,  
antes logo lança a mão;  
porque é bom ganhar dinheiro.

[*Sem indicação de Autor*]

---

(\*) Composição deslocada no original; pertence à Conferência 11.<sup>a</sup>.

# ÍNDICE

	Págs.
<b>15.ª CONFERENCIA</b>	
[ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi nela, Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Franciscano, e lente jubilado.	
— ORAÇÃO que disse o Padre Mestre Frei Luís da Purificação em em 26 de novembro de 1724, Frei Luís da Purificação .....	7
— Ao Muito Reverendo Presidente, Décimas, [José da Cunha Cardoso] .....	19
— Ao Reverendíssimo Padre Mestre Presidente, Décima, Francisco Pinheiro Barreto .....	20
— Ao Muito Reverendo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso .....	21
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratri Ludouico [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães .....	21
— Ao doutíssimo presidente, Décimas, João de Brito e Lima .....	22
— Ao muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Presidente da Academia. Alude àquela Cadeira de Ouro achada nas Praias de Grécia, [...], Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria .....	23
— Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc. ...., Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria .....	24
— Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc. ...., Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria .....	25
— Ao Presidente, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	25
— Sapientíssimo Praesidi Fratri Aloisio ab Assumptione, Epigramma, Antonius de Oliveira .....	26
— Em louvor do Religiosíssimo Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís de Cristo da Ordem do Seráfico Padre São Francisco, Sonêto, Jorge da Silva Pires .....	26
— In laudem sapientissimi Magistri Fratris Ludouici Purificatione [...], Epigramma, De um Anônimo Franciscano .....	27
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico ac Purificatione [...], Epigramma, De um afetuosíssimo amigo da mesma Ordem .....	27
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico a Purificatione [...], Epigramma, [Idem] .....	28
— Aliud, de um afetuosíssimo amigo da mesma Ordem .....	28
— Ad Sapientissimum Academiae Praesidem Fratrem Aloisium: De eius nomine, Epigramma, De um obrigadíssimo e afetuosíssimo amigo da mesma Ordem. ....	28



	Págs.
— Ao mesmo Presidente Frei Luís da Purificação, Décimas, De um seu obsequioso discípulo Anônimo da mesma Ordem .....	29
— Ao Senhor Presidente da Academia o Muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação [...], Romance, de um seu obsequioso discípulo .....	30
— Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Presidente Frei Luís da Conceição, Soneto [S.I.A.] .....	32
[ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o 1.º assunto Cipião desterrado de Roma.	
— Ao 1.º assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	33
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	33
— Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso ...	34
— Ao 1.º assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	35
— Assunto primeiro, O desterro de Públio Cipião, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	35
— A Cipião desterrado de Roma, Soneto, [1.º e 2.º], Padre Manuel Cerqueira Leal .....	36
— Ao primeiro assunto, Soneto, Fala Cipião com Roma, João de Barbosa e Lima .....	37
— Cipião desterrado de Roma, Soneto acróstico, [João de Brito e Lima] .....	38
— Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	38
— Ao mesmo, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	39
— Ao mesmo, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	39
— Ao mesmo [assunto], Soneto [João de Brito e Lima] .....	40
— Ao mesmo [assunto], Soneto, João de Brito e Lima .....	41
— Cipião desterrado de Roma. Soneto de Don Francisco de Quevedo, João de Brito e Lima .....	41
— Ao primeiro assunto, Soneto, [Manuel Ferreira da Luz] .....	45
— Soneto, [Manuel Ferreira da Luz] .....	45
— Soneto, Manuel Ferreira da Luz .....	46
— Romance, Manuel Ferreira da Luz .....	46
— Ao 1.º assunto de Cipião desterrado, Romance jocoso, Frei Avertano [de Santa Maria] .....	48
— Cipião desterrado de Roma, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	52
— Desterra-se Cipião de Roma, Soneto, Antônio de Oliveira ...	53
— Cipião, desterrado de Roma, Assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	54
— Ao mesmo Assunto heróico, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	55
— Ao 1.º [assunto], Soneto, Do Menos Ocupado .....	55
— Ao mesmo [assunto], Soneto, [S.I.A.] .....	55
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.] .....	56
— De exilio Scipionis, Epigramma, [S.I.A.] .....	56
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.] .....	57
— De exule Scipione propter inuidiam, Epigramma, [S.I.A.] ....	57

	Págs.
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.] .....	57
— Scipio Africanus exilium petit, Hexastichum, [S.I.A.] .....	58
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.] .....	58
— Scipio Africanus, inuidiam fugiens, exilium petit, Epigramma, [S.I.A.] .....	58
— Scipioni exilium petenti, Epigramma, [S.I.A.] .....	59
 [ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o segundo assunto Anaxarte convertida em pedra.	
— Ao segundo assunto, Décimas, [Provavelmente do Secretário José da Cunha Cardoso] .....	59
— Ao 2.º assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso .....	60
— Anaxarte convertida em pedra, Décima, André Carvalho ....	61
— Ao 2.º assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	61
— Assunto 2.º, Anaxarte convertida em pedra, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	62
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, Padre Manuel Cerqueira Leal .....	64
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, João de Brito e Lima .....	64
— Anaxarte convertida em pedra, Silva joco-séria, João de Brito e Lima .....	65
— Anaxarte convertida em pedra, Décimas, [João de Brito e Lima]	67
— Anaxarte convertida em pedra, Romance, João de Brito e Lima	69
— Ao 2.º assunto, Romance joco-sério, João de Brito e Lima ....	71
— Ao 2.º Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz .....	74
— Ao 2.º Assunto de Anaxarte convertida em pedra, Romance joco-sério, Frei Avertano de Santa Maria .....	75
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	77
— Ad 2 <sup>um</sup> Assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha ....	78
— Converte-se Anaxarte em pedra, Décima, Antônio de Oliveira	78
— Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	79
— Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência, Décimas joco-sérias, Sebastião da Rocha Pita ....	79
— Ao 2.º [assunto], Soneto, Menos Ocupado .....	80
— Ao assunto lírico de Anaxarte convertida em estátua de pedra, Romance, Anônimo Discípulo Obsequioso da Ordem do Padre Presidente Frei Luís da Purificação .....	81

## 16.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Oração do Presidente Félix Xavier. 27 de dezembro de  
724. Conferência 16.

- Oração Acadêmica em que se discute esta questão curiosa:  
Qual foi o mais ilustre descobrimento do Brasil: o primeiro,  
em que nele se introduziram as armas Portuguezas, ou o segundo,  
em que nele se descobriram os tesouros das Academias? .....

	Págs.
[ASSUNTO] Conferência 16-21 de dezembro. Foi nela Presidente, o Reverendo Padre Félix Xavier Mestre de Retórica no Convento da Companhia de Jesus	
— In laudem Reuerendi Praesidis Felicis Xauerii, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	95
— Em louvor do Religiosissimo Presidente, Sonêto, António de Freitas do Amaral .....	95
— Ao Reverendissimo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso .....	96
— Religiosissimo Praesidi Academiae, cui nomen est Felix Xauerius, Epigramma, Antonius de Oliveira .....	96
— Ao muito sábio, e engenheiro Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Oitavas ao joco-sério, Do Guarda dos Pátios .....	97
— Ao muito Religioso, e Erudito Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Décimas ao joco-sério, Do Mestre do barco do Colégio .....	98
— Ao Reverendissimo e Sapientissimo Padre Félix Xavier [...], Sonêto Mestre Ferreiro do Colégio .....	99
— Ao muito Reverendo, e Douto Padre Félix Xavier [...], Romance joco-sério, Do Mestre Pedreiro do Colégio .....	100
— Ao Presidente O Muito Reverendo Padre Mestre de Retórica Félix Xavier da Companhia de IESU, Sonêto, Pilôto da Fragata .....	102
— Ingenioso, atque Reuerendo Patri Felici Xauerio in Caesareo Musaeo, et in Bahiensi Academia oratorem mirifice agentis, Epigramma, [S.I.A.] .....	103
— Reuerendo Patri Felici Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesidis Praeclarissimo, Epigramma, [S.I.A.] .....	103
— Reuerendo Patri Felici Xauerio sapientissimo Bahiensis Academiae Praesidi, Epigramma, [S.I.A.] .....	104
— Reuerendo Patri Felix Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesides Praeclarissimo, Epigramma, [S.I.A.] .....	104
— Sapientissimo, et ingeniosissimo Patri Felici Xauerio Societatis IESU, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	105
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.] .....	105
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.] .....	106
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.] .....	106
— In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii Rhetoricae Praeceptoris, et Bahiensis Academiae Praesidis, Elogium, [S.I.A.] ...	107
— In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii [...], Elogium, [S.I.A.] .....	108
— Inauguratos Academiae Praeses, Vberrima ingenii facultate oratorem egit, Reuerendus admodum Pater Felix Xauerius, Epigramma, [S.I.A.] .....	109
— Aliud circa idem, [S.I.A.] .....	109
— Aliud circa idem, [S.I.A.] .....	109

	Págs.
[ASSUNTO] Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o primeiro assunto a modéstia de Alexandre Magno quando se lhe houveram de apresentar a mulher, mãe, e filhas de Dario vencido.	
— Ao 1.º assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso] .....	110
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	111
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto .....	111
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso .....	112
— Assunto. A comiserção em que se houve Alexandre, com as filhas de Dario, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa .....	112
— Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa .....	113
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	114
— Ao 1.º assunto, Sonêto [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	114
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	115
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima .....	115
— Ao 1.º assunto, Sonêto, João de Brito e Lima .....	116
— Sonêto, Manuel Ferreira da Luz .....	116
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [Manuel Ferreira da Luz] .....	117
— Ad Ium assumptum Epigramma, Luis Canelo de Noronha .....	118
— A modéstia com que se houve Alexandre Magno com as Rainhas cativas do Exército de Dario, Sonêto, Antônio de Oliveira ....	118
— Ao assunto heróico, em que se trata a grande modéstia, e clemência de Alexandre para com a mãe, mulher, e filha de Dario, suas prisioneiras, Sonêto, Jorge da Silva Pires .....	119
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [Licenciado Jorge da Silva Pires]	119
— Ao heróico assunto em que se trata da grande clemência e modéstia de Alexandre Magno para com a mãe, mulher, e filhas de Dario, suas prisioneiras, Canção, Jorge da Silva Pires ....	120
— Na ação de Alexandre com as filhas, e esposa de Dario. Assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	124
— Assunto 1.º. A modéstia, e continência de Alexandre Magno em não querer ver a mulher, e filhas de Dario, Sonêto, João Alv'es Soares .....	124
— Ao primeiro [assunto], Sonêto, Acadêmico Menos Ocupado .....	125
— De Alexandri Magni modestia, qua Dario capta uxorem exceptit, Epigramma, [S.I.A.] .....	126
[ASSUNTO] Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o segundo assunto Pirene transformada em fonte.	
— Ad. Zum argumentum, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	126
— Ao Assunto lírico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	127
— Ao segundo assunto, Redondilhas, Manuel de Mesquita Cardoso	127
— Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria ...	128
— Ao segundo assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria	128
— A Fábula de Pirene, Oitavas, João de Barbosa e Lima .....	130
— Pirene transformada em fonte, Décimas, João de Brito e Lima	135
— Pirene en fuente, [João de Brito e Lima] .....	136
— Al mismo asunto, Soneto, João de Brito e Lima .....	137

	Pag.
— Ao segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz .....	137
— A Pirene convertida em fonte. No 2.º assunto. Romance jocoso, Frei Avertano de Santa Maria .....	139
— Pyrene convertida em fonte, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas .....	143
— Ao 2.º assunto, Glosa em epílogos, Luís Canelo de Noronha ....	143
— Ao 2.º assunto, Canção Luís Canelo de Noronha .....	144
— Ao 2.º assunto, Endechas, Luís Canelo de Noronha .....	146
— Converte a Deusa Diana a Pirene em fonte, Décima, Antônio de Oliveira .....	148
— Pirene convertida em Fonte. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	148
— 2.º assunto. Pirene transformada em fonte. Romance insensato, João Alvares Soares .....	149
— Ao Segundo Assunto, Décima, João de las Vinhas .....	151
— A Pirene convertida em fonte, Décima, de um Capucho Anônimo .....	151
— A Pirene convertida em fonte. Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo .....	152
— A Pirene convertida em fonte. Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo .....	154
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.] .....	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.] .....	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.] .....	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.] .....	157
— Flebilis Pyrene in fontem conuersae Locutio, Elegia, [S.I.A.] .....	157

#### 17.ª CONFERENCIA

— Conferência do Coronel José Pires Carvalho de 21 de janeiro de 725	
[ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725. Foi nela Presidente o Coronel José Pires de Carvalho Cavaleiro da Ordem de Cristo .....	161
— Ao Presidente José Pires de Carvalho, Décimas joco-sérias, [José da Cunha Cardoso] .....	166
— Sobre a oração engenhosa, que fez o Senhor Coronel José Pires de Carvalho debaixo da metáfora de um erudito banquete, com reflexão no sobrenome de Pires, Soneto, Júlio Baculino.	167
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho orando engenhosamente na Academia Bahiense, Canção, Júlio Baculino .....	167
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho sobre a erudita, e engenhosa Oração, que fez na presente Academia, sendo atualmente Cabo de Milícia, Epigrama, Júlio Baculino .....	169
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho [...], Epigrama, Júlio Baculino .....	169
— Ao mesmo Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia, com reflexão no seu sobrenome de Pires, Epigrama, Júlio Baculino .....	170

	Págs.
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia com reflexão no seu sobrenome de Pires, Epigrama, Júlio Baculino .....	170
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho. Digníssimo Presidente da Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto ....	171
— Ao Coronel o Senhor José Pires de Carvalho. Digníssimo Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso .....	171
— Em louvor do Senhor Presidente, Coronel José Pires de Carvalho, Soneto sem a letra vogal A, [Antônio Ribeiro da Costa]	172
— Outro ao mesmo Presidente, sem as duas letras vogais E, e I, [Antônio Ribeiro da Costa] .....	172
— Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, Sem as três vogais I, O, e U, Antônio Ribeiro da Costa .....	173
— Outro ao mesmo Presidente sem as duas vogais O, e U, Antônio Ribeiro da Costa .....	173
— Ao Presidente José Pires de Carvalho, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	174
— Ad Dominum Tribunum militum Iosephum Pires de Carvalho, [...], Epigramma, Padre Manuel da Fonseca Lemos .....	175
— Ad Dominum Iosephum Pires de Carvalho Praesidem Academiae, Epigramma, [Padre Manuel da Fonseca Lemos] .....	175
— Ad eundem Iosephi nomine dictum, Padre Manuel da Fonseca Lemos .....	176
— Ao Presidente, Soneto, Alude ao 1.º assunto, João de Barbosa e Lima .....	176
— Em louvor do Senhor Coronel José Pires de Carvalho, Décimas, João de Brito e Lima .....	177
— Ao Coronel José Pires de Carvalho Digníssimo Presidente da Academia, Soneto, Manuel Ferreira da Luz .....	177
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente da presente Academia, Soneto, Cristóvão Roiz Marques .....	178
— Em louvor do eruditíssimo Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Soneto, Licenciado Jorge da Silva Pires .....	179
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho presidindo na presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	179
— Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, João Alvares Soares .....	180
[ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725. Foi o primeiro assunto Diógenes buscando com uma luz nas horas do dia um homem na Praça de Atenas.	
— Ao primeiro assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	181
— Ao Cínico Filósofo, que ao meio-dia com uma facha (sic) acesa na mão [...], Soneto, Júlio Baculino .....	182
— Ao 1.º assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso .....	182
— Ao primeiro assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	183
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	183
— Ao primeiro assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima .....	184
— Soneto, [João de Brito e Lima] .....	185

	Págs.
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima .....	185
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz .....	186
— Diógenes, que na maior força do dia buscava com uma Luz um homem pelas ruas de Atenas, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	187
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	188
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	188
— Primeiro assunto. Diógenes que buscava com uma candela ao meio-dia, na praça de Atenas um homem sábio etc. Censura-se a demasia dêste filósofo neste sonêto, João Alvres Soares .....	188
— Diogeni Cynico, Ad propositum argumentum, [S.I.A.] .....	189
— Diogene Cynico, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	190
— Diogeni ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	190
— Ao 1.º, Sonêto, [S.I.A.] .....	190
— Ao Assunto heróico, Sonêto burlesco, [S.I.A.] .....	191
[2.º ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de fevereiro de 1725. Foi o segundo assunto um cego trazendo às costas a um coxo, que o governava com a vista, ajudando-se reciprocamente para a comodidade de ambos	
— Ao 2.º Assunto, Epigrama, [José da Cunha Cardoso] .....	192
— Ao 2.º assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso .....	192
— Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	193
— Ao 2.º assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz .....	193
— Um cego trazendo um coxo às costas, ajudando-se reciprocamente, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas .....	194
— Ao 2.º assunto, Redondilhas, de quebrados, Luís Canelo de Noronha .....	196
— Ao assunto lírico, em que se trata de um cego que para haver de andar tomou sobre os ombros um coxo, e servindo-lhe êste de guia foram caminhando, Sonêto, Jorge da Silva Pires .....	197
— Ao Assunto lírico, em que se trata que um cego, e um manco; para haver êste de andar se pôs sobre o cego, para servir de guia; e [usando-lhe] dos pés foram caminhando, Silva joco-séria, Jorge da Silva Pires .....	198
— Ao 2.º [assunto], Sonêto, Do Menos Ocupado .....	200
— Caeco, et claudo ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	201
— Caeco, et claudo ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	201
— Mutuo auxilio claudi, et caeci ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	201
— Ao assunto lírico, Sonêto burlesco, [S.I.A.] .....	202
— Ao 2.º assunto, Espinela, [S.I.A.] .....	202
— Ao segundo assunto, Romance, [S.I.A.] .....	203
— Ao segundo assunto, A um cego levando às costas a um manco, [S.I.A.] .....	205
— Ao segundo [assunto], Romance, [S.I.A.] .....	207

## 18.ª CONFERENCIA

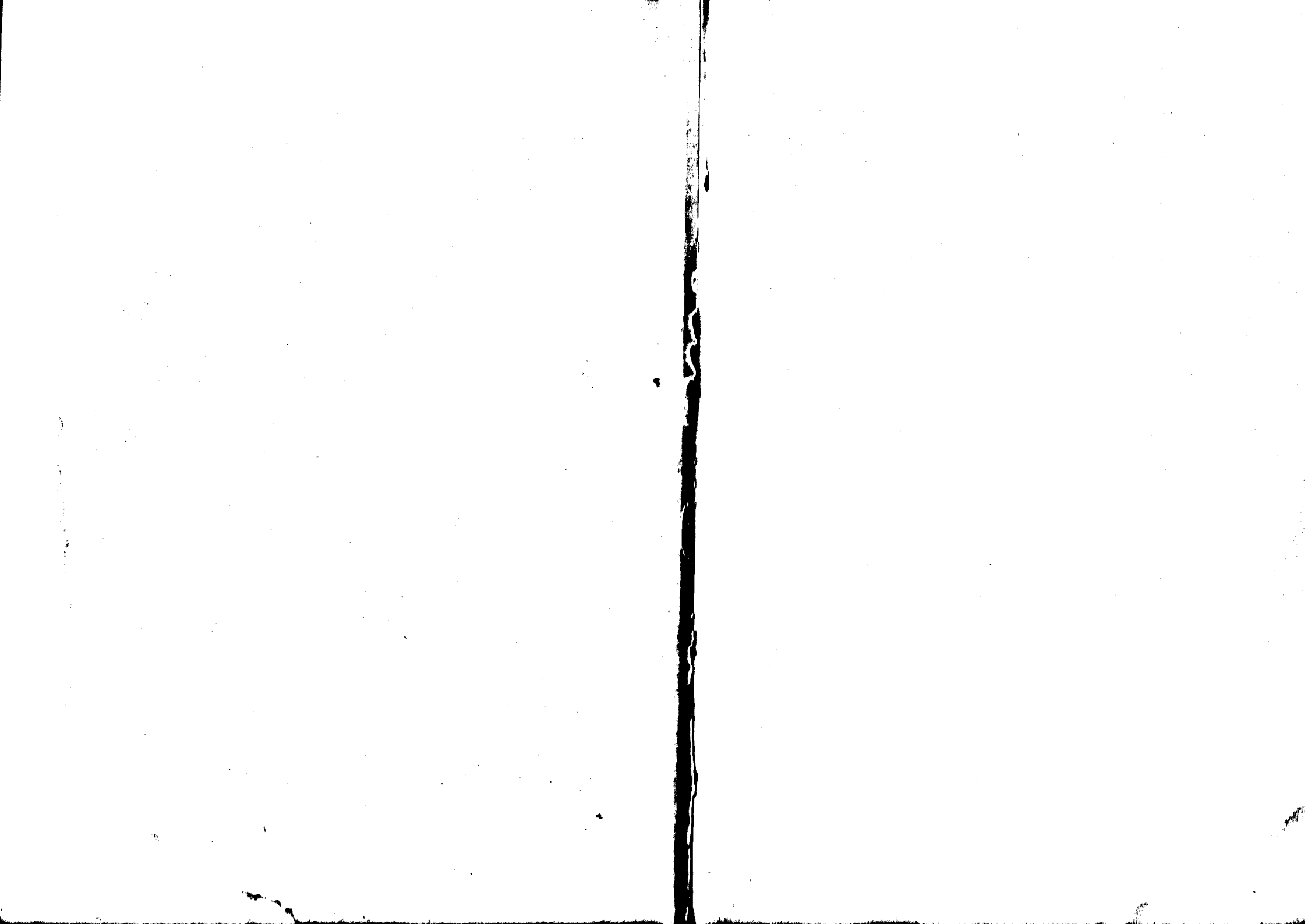
[ASSUNTO] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Com que se fechou e concluiu o 1.º ano. Foi nela Presidente o Padre Manuel de Cerqueira Leal Coadjutor na Freguesia de São Pedro	
— Em louvor do Presidente o Padre Manuel de Cerqueira Leal, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	210
— Ao muito Reverendo Senhor Presidente Coadjutor de São Pedro, Romance, Boaventura Afonso .....	210
— Ao Sábio discreto e erudito Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Coadjutor de São Pedro Manuel de Cerqueira, Soneto, O Padre Pedro Roiz Annes .....	212
— Ao Reverendo Padre Coadjutor Manuel de Cerqueira Leal, Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto .....	213
— Em louvor do Reverendo Presidente o Senhor Manuel de Siqueira digníssimo coadjutor da Paroquial Igreja de São Pedro desta Cidade da Bahia, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa .....	213
— Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	214
— Em louvor do Reverendo Senhor Presidente Manuel Cerqueira Leal, Décimas joco-sérias, João de Brito e Lima .....	214
— Ao muito Reverendo Senhor Padre Manuel de Cerqueira: Presidente da Academia, Manuel Ferreira da Luz .....	216
— Em louvor do Reverendíssimo Doutor Presidente da Academia do Entrudo o Senhor Doutor Manuel de Siqueira coadjutor digníssimo da Freguesia de São Pedro, Romance, [Provavelmente de Frei Avertanol] .....	217
— Ad Praesidem, Epigramma macharonicum, Luís Canelo de Noronha .....	219
— Em louvor do Senhor Padre Manuel de Cerqueira Leal, Ode Alcáica, Antônio de Oliveira .....	220
— Ao Reverendo Padre Coadjutor o Senhor Manuel de Cerqueira Leal presidindo na última conferência da nossa Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	221
— Em louvor do Muito Reverendo Senhor Presidente Digníssimo Coadjutor de São Pedro, Décima, João Alvres Soares .....	222
— Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Doutor Manuel de Siqueira [...], Soneto, De um seu grande amigo .....	222
— Ao Reverendo Senhor Presidente, Soneto, De um seu devoto .....	223
— Décima heróica ao Prezado Presidente, De um seu amigo, e muito venerador que éle bem sabe .....	223
— Em louvor do engenhosíssimo, e eruditíssimo Presidente, Décimas, Sacristão da Igreja Matriz do Senhor São Pedro .....	224
— Ao Senhor Reverendo Presidente, Décimas, [Sacristão da Igreja Matriz do Senhor São Pedro] .....	226
— Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Epílogo, De um seu parquiano afetuosos .....	227
[ASSUNTO 1.º] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o primeiro assunto as damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias de uma armada contra seus inimigos	



	Págs.
— Ao 1.º Assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	228
— Ao primeiro assunto, Décima heróica, Jacinto Ferreira Feio de Faria .....	229
— Faltando cordas para aprestarem as naus cartaginesas deram e cortaram as damas de Cartago os seus cabelos para suprirem a falta. Primeiro Assunto, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	229
— Ao primeiro assunto, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo] .....	231
— Cortando as damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Oitavas, João de Brito e Lima .....	233
— Cortando as Damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Soneto, João de Brito e Lima .....	235
— As damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias das naus, que contra seus inimigos armou a pátria, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	236
— A Cidade de Cartago em louvor das Matronas, que cortaram os cabelos para enxárcias, Soneto aludindo aos ramos de ouro com que Enéias alcançou de Plutão o falar com seu pai Anquises, Antônio de Oliveira .....	236
— Dando as Damas de Cartago os seus cabelos para enxárcias da Armada cartaginesa, assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	237
— Primeiro assunto. As damas, que ofereceram as tranças dos seus cabelos para enxárcias da armada etc., Romance chistoso, por variar do vocábulo jeco-sério, João Alv'es Soares .....	238
— <i>Carthaginiensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]</i> .....	240
— <i>De Matronis Carthaginiensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]</i> .....	240
— <i>De Matronis Carthaginiensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]</i> .....	241
— <i>Carthaginiensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]</i> .....	241
[2.º ASSUNTO] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o segundo assunto o inspirado [retiro], que fez de Lisboa o Padre Bartolomeu em 25 de setembro	
— Ao segundo assunto, Epigrama, [José da Cunha Cardoso] .....	242
— Assunto. A fuga que fez de Lisboa o Doutor Bartolomeu Lourenço, Décimas, Antônio Ribeiro da Costa .....	242
— Assunto próprio. Quem foi o primeiro plantador da vide, e os bens, e males que causa o vinho a quem o bebe, Quartetos, Antônio Ribeiro da Costa .....	243
— Assunto próprio: Quem foi o primeiro que deu principio às guerras, e os inventores das armas para guerrearem, Romance, Antônio Ribeiro da Costa .....	249
— Ao Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão retirando-se occultamente de Portugal, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	252
— Na suspensão que faz a nossa Academia com a última conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	252
— <i>Poema Historiographicum, Do Académico Quebra-ambunda</i> ....	253
— Ao Segundo assunto, Soneto, De quem quer que fór .....	255
— A Cíntia [...], Décimas, [S.I.A.] .....	256

GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Terminou-se a impressão dêste livro  
aos 28 de fevereiro de 1971, na Imprensa  
Oficial do Estado, para a Comissão Esta-  
dual de Literatura, do Conselho Estadual  
de Cultura, da Secretaria de Cultura,  
Esportes e Turismo.*





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO — BRASIL

1971